

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Gabriela Di Giacomo Domingues

Feminilidade Líquida

A escolha de objeto não binária entre as adolescentes contemporâneas

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2021

Gabriela Di Giacomo Domingues

Feminilidade Líquida

A escolha de objeto não binária entre as adolescentes contemporâneas

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção de título de MESTRE em Psicologia: Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Doutor Alfredo Naffah Neto.

São Paulo

2021

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura _____

Data _____

e-mail _____

**Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor**

D671 Domingues, Gabriela Di Giacomo
Feminilidade Líquida: A escolha de objeto não
binária entre as adolescentes contemporâneas /
Gabriela Di Giacomo Domingues. -- São Paulo:
[s.n.], 2021.
90p. ; 30x21 cm.

Orientador: Alfredo Naffah Neto.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica.

1. sexualidade. 2. adolescência. 3. identidade
feminina. 4. Tratamento e Prevenção Psicológica. I.
Naffah Neto, Alfredo. II. Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica. III.
Título.

CDD

Gabriela Di Giacomo Domingues

Feminilidade Líquida

A escolha de objeto não binária entre as adolescentes contemporâneas

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção de título de MESTRE em Psicologia: Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Doutor Alfredo Naffah Neto.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

**“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) -
Código de Financiamento 001.”**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao professor Alfredo Naffah Neto, por sua orientação e presença no meu exercício de pensar, clinicar e pesquisar. Por sua generosidade em me acolher no universo acadêmico de forma sensível e autêntica.

À coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES), órgão fundamental à pesquisa brasileira, que possibilitou a bolsa de estudos e o apoio financeiro para a operacionalização deste estudo.

Aos Professores do Núcleo Método Psicanalítico e Formação da Cultura, especialmente ao Luis Claudio Figueiredo, pelas aulas motrizes de um pensamento psicanalítico ampliado tão estimulantes e profundas e por sua presença na banca de qualificação e defesa desta dissertação.

Ao colega Alexandre Patricio de Almeida, que, com dedicação, tornou real a publicação do livro “A pesquisa em psicanálise na universidade: um enfoque no método por meio de exemplos” (2020), organizado por ele e pelo professor Alfredo Naffah Neto. Minha contribuição em um dos capítulos foi fundante no processo de escrita desta pesquisa. Ao amigo Claudio Oliveira Filho, pela parceria e amizade durante os desafios da Pós-Graduação, tornando o caminho mais leve.

A minha analista Janete Frochtengarten, por sua presença continente, firme e sempre acolhedora, me ajudando a elaborar as angústias desse processo tão intenso de escrita.

Aos meus professores da faculdade de Psicologia da USP, por terem me apresentado o campo da psicanálise. Aos meus professores do Sedes Sapientiae por terem possibilitado a minha formação, em especial à Ada Morgestein que me acompanhou em supervisões no atendimento de crianças e adolescentes. Aos meus colegas da Gesto Psicanálise que estão ao meu lado desde a faculdade, e a todos os outros que de alguma forma cruzaram meu caminho e ajudaram a compor minha identidade profissional .

Aos meus pais, Luis Carlos Soares Domingues e Rita Di Giacomo Domingues, pela sensibilidade e pelos princípios éticos que me norteiam desde a infância. À minha irmã Anna pelo carinho e conforto que sempre oferece em momentos difíceis. Ao Marcio Nigro, pelo companheirismo, paciência e troca intelectual ao longo do processo de mestrado

Finalmente, aos meus pacientes, pela entrega ao vínculo que move, por tudo que me ensinam e pela matriz da criação.

RESUMO

A presente pesquisa buscou refletir sobre a escolha de objeto não binária entre as meninas adolescentes contemporâneas. A investigação partiu de inquietações na prática clínica, em que fora observado um número crescente de jovens mulheres, entre 13 e 21 anos, que afirmam ser bissexual. Foram consultados profissionais de outras áreas, que lidam com o público jovem, e estes corroboraram tal impressão, o que alude a um possível movimento característico da atual geração. Ao fazer uma minuciosa revisão bibliográfica sobre o tema – em bancos de dados e indicadores de pesquisa –, nada significativo foi encontrado. Por isso foi necessário recorrer a outros elementos da cultura, como veículos de comunicação (jornais, revistas). Neles, por sua vez, foi encontrada uma pesquisa de mercado realizada por uma agência de publicidade (J. Walter Thompson) feita em 2015, envolvendo jovens entre 13 e 21 anos (chamados de geração Z), no Brasil, nos Estados Unidos e na Inglaterra (foram mais de 1.500 entrevistados). Destes, 48% se definem como totalmente heterossexual, os outros 52% se definem, ou como homossexual: 6%, ou como bissexual: 46%. Isso tem grande impacto na construção da identidade sexual e na escolha de objeto da atual geração, uma vez que vemos uma mudança na norma. Daí surge a questão: o que está acontecendo seria um movimento genuíno de maior liberdade sexual, ou um aprisionamento a novos ideais culturais? Levando em consideração que parte do contexto cultural de cada época ingressa no aparelho psíquico dos indivíduos, temos que o cenário contemporâneo deixa suas marcas na subjetivação e, conseqüentemente, na sexuação (assunção de um gênero sexual) das crianças e dos adolescentes contemporâneos. Novas tecnologias, novas questões, novos enigmas modificaram a maneira de experienciar a sexualidade. Tal contexto, seus impasses e angústias, é tema frequente no consultório de um psicanalista e, nesse sentido, através do entrelaçamento entre teoria e prática (vinhetas clínicas), buscou-se refletir como os fatores culturais influenciam na sexuação e na escolha de objeto das adolescentes contemporâneas. Como a questão da bissexualidade e a lógica pós-binária se relacionam com a feminilidade sob a ótica freudiana e pós- freudiana? Como operam as pressões na constituição do desempenho de gênero? Quais mecanismos psicológicos estariam envolvidos na incorporação dos modelos identitários presentes no discurso social? E, por fim, como fica o papel do psicanalista desse público?

Palavras-chave: Sexualidade; Adolescência; Bissexualidade; Feminilidade; Contemporaneidade.

ABSTRACT

The present research sought to reflect on the choice of non-binary objects among contemporary adolescent girls. The investigation sprang from concerns in clinical practice, as an increasing number of young women, between the ages of 13 and 21 years, claimed to be bisexual. Professionals from other fields working with the same population were consulted, and they corroborated this impression, alluding to the possibility of a characteristic movement in that direction for the current generation of young women. In a thorough bibliographic review - using databases and research indicators - nothing significant was found. For this reason, it became necessary to resort to other elements of culture, such as newspapers and magazines. Market research from 2015 carried out by the advertising agency J. Walter Thompson involving young people between 13 and 21 years old (known as generation Z) from Brazil, the United States, and England with significant results. Over 1,500 people were interviewed and, of these, 48% defined themselves as completely heterosexual, and the other 52% as either homosexual (6%) or bisexual (46%). Such definitions can have great impact on the construction of sexual identity and on the object choices of the current generation, as we see a change in the norm. Hence, the question arises: are we observing a genuine movement toward greater sexual freedom or an imprisonment into new cultural ideals? Considering that part of the cultural contexts affect the psychological apparatus of individuals, we find that the contemporary scenario leaves its marks on subjectivity and, consequently, on the sexualization (the taking on of a sexual gender) in contemporary children and adolescents. New technologies, new questions, new enigmas have changed the way in which sexuality is experienced. This context and its impasses and anguish is a common theme in a psychoanalyst's offices and, in that sense, through the intertwining of theory and practice (through clinical vignettes), we sought to reflect how cultural factors influence sexualization and object choices in contemporary teenagers. How does the issue of bisexuality and post-binary logic relate to femininity from a Freudian and post-Freudian perspective? How do pressures in the constitution of gender performance operate? What are the psychological mechanisms involved in the incorporation of the identity models that are present in social discourse? And, finally, what is the role of the psychoanalyst working with this population?

Keywords: Sexuality ; Adolescence ; Bisexuality; Femininity ; Contemporaneity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. METODOLOGIA.....	19
3. A BISSEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA.....	23
3.1 A adolescência contemporânea.....	23
3.2 A adolescência para Freud: considerações sobre a puberdade.....	25
3.3 Bissexualidade na adolescência: o luto (ou não) da sexualidade infantil.....	28
3.4 Como os fatores culturais influenciam na escolha de objeto dos adolescentes?.....	33
4. A SEXUALIDADE FEMININA EM FREUD E A HIPÓTESE DA BISSEXUALIDADE.....	36
4.1 Cartas entre Freud e Fliess sobre a questão da bissexualidade.....	36
4.2 Primeiros escritos publicados sobre a bissexualidade: <i>Três Ensaios para uma Teoria Sexual</i> (1905).....	37
4.3 Textos sobre a feminilidade.....	39
4.3.1 <i>Sobre a Sexualidade Feminina</i> (1931).....	39
4.3.2 <i>A Feminilidade</i> (1933).....	42
4.3.3 <i>Análise Terminável e Interminável</i> (1937).....	45
5. A SEXUALIDADE FEMININA CONTEMPORÂNEA E A LÓGICA PÓS-BINÁRIA.....	46
5.1 O Feminino na contemporaneidade.....	46
5.2 A lógica pós-binária.....	50
5.2.1 Caso Clínico.....	50
5.4 A noção de gênero fluido.....	53
6. COMO A CULTURA AFETA A SEXUAÇÃO DAS ADOLESCENTES DA ATUAL GERAÇÃO?.....	57
6.1 A importância do social na subjetividade e na sexualidade.....	57
6.1.1 O processo de sexuação.....	60
6.2 A pressão na constituição do desempenho de gênero.....	62

6.2.1 Caso clínico.....	63
6.3 Os ideais e a construção de gênero.....	64
6.4 A influência dos grupos e o conceito de identificação.....	65
6.4.1 O conceito de identificação.....	66
6.4.2 A identificação histórica, histeria e feminilidade.....	68
6.4.2.1 <i>Sobre a histeria</i>	68
6.4.2.2 <i>Caso Clínico</i>	69
6.4.2.3 <i>Histeria e feminilidade</i>	71
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
BIBLIOGRAFIA.....	78
ANEXO A.....	81
ANEXO B.....	83
ANEXO C.....	86
ANEXO D.....	89

1. INTRODUÇÃO

*“Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar,
não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar”*
(Timoneiro, Paulinho da Viola)

A descoberta da sexualidade sempre foi tema de muito interesse para sociedade humana. Assunto que pulsa, movimenta e mexe com todos. A adolescência, por sua vez, é a época em que novos sentimentos e sensações afloram, trazendo consigo prazeres, mistérios e angústias, vividos de forma velada, na intimidade, na subjetividade de cada um. Apesar de acontecer na esfera privada, no corpo e no imaginário, também é marcada por questões próprias de cada momento histórico e social.

O consultório de um psicanalista é povoado diariamente por enredos de histórias de vida dos adolescentes que ali buscam um espaço de escuta e acolhimento para seus sofrimentos, muitos deles ligados à sexualidade. É nesse lugar, no espaço e no tempo, em que a dupla analítica tece novos desfechos possíveis para o drama interno de quem procura ajuda. Nesse encontro rico, potente e transformador, o paciente se dá conta de que muitas coisas que faz, e sente, não são exatamente o que ele próprio esperaria de si. Daí surgem impasses: o desejo parece ter “vida própria”, como se fosse algo fora do controle de quem o cria e o sente. Eis a força do inconsciente, descoberta que revolucionou os meios científicos no final do século XIX e que, até hoje, nos convoca a novas reflexões.

Inconsciente este que se expressa de modo privilegiado pela sexualidade: as pulsões se mostram como uma “locomotiva do desejo”, um meio através do qual esse inconsciente se realiza. Nesse sentido é comum nos indagarmos sobre a real liberdade do homem em relação a suas escolhas: nós de fato escolhemos nossos objetos amorosos? Escolhemos nossa identidade de gênero? Ou somos convocados a determinada direção, por forças inconscientes, fatores genéticos e experiências precoces? Perguntas ainda sem respostas conclusivas na área da saúde mental, mas que não deixam de gerar polêmicas e indagações. Brincando com a música *Timoneiro*, de Paulinho da Viola, proponho a pergunta: “Sou eu quem me navega ou quem me navega é o mar?”. De quem é o leme quando pensamos na Sexualidade Humana?

Como contribuição para a compreensão dos novos formatos que a sexualidade vem tomando na contemporaneidade, ou justamente a desconstrução deles, apresentarei ao leitor um pouco do dia a dia de uma clínica com meninas adolescentes e reflexões sobre o tema. A

partir de minha experiência, pude observar um número crescente de jovens mulheres, entre 13 e 21 anos, afirmando ser bissexual, ou seja, dizendo sentir atração sexual por homens e mulheres. Fiz esse recorte de idade pois ele demarca o período de Ensino Médio e Ensino Superior, em que as garotas começam a vivenciar o despertar de suas sexualidades e têm suas primeiras experiências. É um momento de muitas dúvidas e questionamentos sobre identidade de gênero e orientação sexual, que são trazidos recorrentemente como tema das sessões de análise. Vale ressaltar que essa autodenominação “bissexual” se apresenta, em muitos casos, antes mesmo de qualquer experiência realizada com outras meninas e/ou meninos, e muitas vezes é acompanhada de outras nomenclaturas, como: “*all-between*”, “gênero fluido”, “espectros de feminilidade”, entre tantas outras. Mesmo as meninas que se autodenominam heterossexuais parecem conviver com experiências com outras garotas com mais naturalidade.

Conversando com colegas da área, professores e pais de adolescentes, pude perceber que não era uma realidade somente em meu consultório, eles notavam as mesmas questões em suas pacientes, alunas e filhas – o que me faz pensar em um movimento característico da atual geração. Ao fazer uma minuciosa revisão bibliográfica sobre o tema – em bancos de dados e indicadores de pesquisa –, não encontrei nada significativo, o que, a meu ver, se deve ao fato de ser um fenômeno recente e contemporâneo. Além dessa especificidade, há pouco estudo científico e consistente sobre adolescentes e jovens adultos no Brasil na área da psicanálise. Não tenho resposta do porquê disso, talvez seja uma época da vida que levante resistências nos próprios profissionais e, também, árdua para a prática clínica. De qualquer forma, isso me obriga a usar referências teóricas sobre adolescência que não são propriamente contemporâneas, como Aberastury, por exemplo, autora da década de setenta. Isso ganha maior relevância se pensarmos nas grandes e rápidas transformações que o mundo e a juventude vêm passando.

Para lidar com essa problemática, optei por escutar profissionais de outras áreas e, também, buscar outros elementos da cultura: veículos de comunicação contemporâneos (revistas, jornais, internet, dentre outros). Nessa busca encontrei uma pesquisa de mercado realizada por uma agência de publicidade reconhecida internacionalmente: J. Walter Thompson feita em 2015 (ANEXOS A e B), que gerou diversas matérias em portais, jornais e revistas, como: *Terra*, *Uol*, *Folha de São Paulo*, *Veja*, entre tantos outros veículos nacionais (duas reportagens estão na íntegra nos ANEXOS C e D). São reportagens que questionam se a bissexualidade seria moda ou tendência. A pesquisa envolveu jovens de 13 a 21 anos, chamados de geração Z, no Brasil, Estados Unidos e Inglaterra (foram mais de 1.500

entrevistados). Destes, 48% se definem como heterossexual, os outros 52% – mais da metade – se definem, ou como homossexual: 6%, ou como bissexual: 46%. A pesquisa nos traz ainda a comparação com jovens da geração anterior, jovens entre 21 e 30 anos (a geração Y). Nestes o número de homossexuais é igual: 6%, já o de heterossexuais e bissexuais muito diferente: 65% se definiram como heterossexual e 29% como bissexual. Ou seja, houve um aumento de 17% de bissexuais autodeclarados de uma geração para a outra, em detrimento do número de heterossexuais.

Com essas informações, temos que hoje os jovens que se definem como heterossexuais são minoria. Isso tem grande impacto na construção da identidade sexual e na orientação de objeto da atual geração, uma vez que vemos uma mudança na norma. Se antes as pressões de normatização apontavam para a escolha heterossexual de objeto, e trouxeram tanto sofrimento aos que não se encaixavam nesse padrão, temos a possibilidade de estar vivenciando uma alteração nesse padrão e, conseqüentemente, outras formas de pressão social e sofrimentos psíquicos inerentes ao novo modelo vigente. Os resultados dessa pesquisa foram divulgados primeiramente na revista *Vice* americana, com filiais espalhadas em todo o mundo e destinada ao público jovem. Na pesquisa havia uma escala de zero a seis, sendo zero completamente hétero e seis completamente gay. Vale ressaltar ainda que acredito que se essa pesquisa fosse dividida por sexo, a prevalência de meninas bissexuais seria ainda maior se comparada aos meninos, pois esses últimos ainda enfrentam muito preconceito para assumir tal posição.

Nas matérias, os jornalistas abordam o quanto essa mudança no comportamento dos jovens tem afetado a moda, a economia e diversos outros setores. Questiono por que tal fenômeno não tem sido abordado pela psicanálise. Ao escutar profissionais da área comentando sobre o assunto, a fala de que seria “uma moda” apareceu com grande frequência, o que me soou reducionista e pouco consistente, revelando uma possível resistência em relação ao assunto no meio. Por isso decidi pesquisar e refletir sobre o que está acontecendo nessa nova geração: uma mudança genuína na forma de vivenciar a sexualidade, uma liberdade influenciada pela cultura ou um aprisionamento aos novos ideais culturais?

Para compreendermos tal fenômeno é importante considerar também o contexto social atual, como ele influencia as adolescentes e quais mecanismos psicológicos estariam envolvidos na incorporação dos modelos identitários presentes no discurso social. Frente a todas essas transformações, muitas questões vão surgindo, entre elas: Como fica o papel do psicanalista de adolescentes? Como pais e educadores devem se posicionar? Como se aproximar de um

universo que parece estar tão diferente do que fora a nossa própria adolescência? Quais os impactos dessas novas configurações identitárias na relação pais e filhos?

Diferenças *transgeracionais* sempre existiram e foram fontes de conflitos e estranhamentos nas diversas famílias, porém a velocidade das transformações impressa pelo avanço científico-tecnológico tem deixado um abismo entre os repertórios de vivências dos adolescentes e seus pais, motivo de mais desencontros, mais distanciamentos e, assim, maior vulnerabilidade emocional para os jovens.

A adolescência alude ao efêmero: um momento de transitoriedade, no qual a passagem da infância à vida adulta parece assumir o caráter do estranho (do *Unheimlich*). Há a perda das identificações infantis, sem que se possa pressentir o caráter definitivo das transformações que ocorrerão. Novas exigências são colocadas em jogo: a entrada no mundo social mais amplo, a perda do corpo infantil, os agrupamentos sociais, a recusa ao amparo familiar, a iniciação sexual – só para citar os principais. Do ponto de vista da psicanálise, as angústias postas em relativo sossego na latência voltam à tona e o adolescente se vê obrigado a resolver novos problemas, como: identidade de gênero, escolha sexual de objeto, controle das violências internas e busca de vida social, contando com recursos ainda infantis.

Em uma sociedade em que a noção de limite vem sendo transformada pelo discurso tecnológico-científico, em que os avanços da ciência são incorporados à vivência social e subjetiva das pessoas e, ainda, em que a medicina aumenta a cada ano a expectativa de vida da população, dando a sensação de que estaríamos próximos de quase “driblar a morte”, como podemos pensar a escolha de objeto das garotas na contemporaneidade? Como ficam os processos de subjetivação da juventude atual? Há um novo contexto em jogo, abarcando novas possibilidades: as mulheres podem trocar de sexo, engravidar tardiamente, congelar óvulos, fazer inseminações, conter o envelhecimento com produtos químicos, escolher ter parceiros ou parceiras (ou ambos), ter filhos ou não, podem, inclusive, assumirem-se como assexuais. Soma-se a tudo isso o importante papel da internet tanto como fonte de modelos identitários, como forma de conhecer novos parceiros. Todas essas vivências afetam diretamente a maneira de experienciar a sexualidade do indivíduo contemporâneo.

A iniciação da vida sexual das adolescentes se dá nesse contexto de transformações recentes, quando elas se deparam com novas exigências pulsionais, precisam fazer uma escolha de grande importância: sua identidade de gênero (a maneira como se enxerga, o gênero que se identifica como fazendo parte) e, também, sua orientação sexual (por quem sente atração, para qual direção sua sexualidade está orientada). Vale ressaltar que,

atualmente, não se pensa na escolha de objeto como um binômio de extremos: homem e mulher, homossexual ou heterossexual. Existe toda uma fluidez e sobreposição de escolhas possíveis – usando-se, inclusive, a palavra *spectro* entre os adolescentes.

Diante dessa escolha, a angústia das adolescentes cresce e elas tendem a buscar modelos identitários que as inspirem, voltam-se para seus pares (grupos de pertencimento) e, também, para mulheres mais velhas, que representam possibilidades de seu vir a ser. Porém, quando olham ao seu redor, encontram mulheres que lhes parecem possuir uma feminilidade arcaica: suas mães, avós, professoras. Estas tiveram referenciais muito diferentes dos atuais e, assim, surge a sensação de que um abismo separa as gerações no que tange às escolhas sexuais.

Tenho observado em minha prática clínica e em diálogos com colegas da área que as adolescentes, muitas vezes, sentem-se confusas diante de tamanha liberdade. Muitas resolvem tal impasse se denominando bi ou pansexual: se interessam por homens e mulheres. A escolha da orientação sexual, dessa forma, é “driblada” ou, ao menos, postergada. Os pais, de outro lado, também ficam sem saber como se posicionar: não sabem se adotam um discurso liberal de total aceitação, ou se devem apresentar um modelo tradicional e “sólido”, correndo o risco de serem demasiadamente repressores. De qualquer forma, tais questões têm aumentado o distanciamento na relação pais e filhos, o que, por sua vez, deixa os adolescentes mais vulneráveis e, assim, mais suscetíveis às depressões, somatizações variadas e, nos extremos, até à ocorrência de suicídio.

Enxergo a mesma dificuldade dos pais na maioria dos profissionais que lidam com crianças e adolescentes quando abordam a temática da construção da identidade sexual. Há certa paralisação e muitas dúvidas diante da falta de referências para lidar com o assunto. As ressonâncias dessas transformações extrapolam o âmbito familiar e subjetivo, alcançando a legislação de cada país. Atualmente, existem muitas situações exigindo posicionamentos das autoridades e levantando questões polêmicas, tais como: um juiz deve aprovar ou não cirurgias de mudança de sexo em adolescentes com menos de dezoito anos?

A gama de consequências desse novo cenário social na adolescência é muito ampla. Buscarei me concentrar nos impactos desse contexto na escolha de objeto amoroso. Há um movimento genuíno de maior liberdade sexual, ou seria um aprisionamento a ideais culturais próprios da geração? Como esses ideais afetam a escolha de objetos amorosos? O que teria mudado na atual geração?

Para ilustrar como tais questões aparecem no consultório, segue uma vinheta de um caso clínico (vinhetas estarão dispostas ao longo da dissertação). Fabiana (todos os nomes

usados nas vinhetas clínicas são fictícios, como preconiza a ética de pesquisa) é uma garota de quinze anos que atendo desde seus nove, chegou ao meu consultório com várias queixas por parte da mãe de que ela era insegura, ansiosa, não conseguia se concentrar e, ainda, que era muito diferente das colegas de sua idade. A mãe disse que já havia levado a filha em inúmeros profissionais: psicólogos, psiquiatras, pediatras, e todos a “achavam estranha” (palavras da mãe). Fabiana parecia ter incorporado este lugar, quando a conheci, dizia se sentir diferente, “esquisita”... Pude perceber que o medo de ser diferente, de ser estranha era algo que circulava em sua família e nela própria. Eu não a via assim, a mim parecia apenas uma menina sensível e com alguma dificuldade de se concentrar no que não lhe interessava. A escola também não via nenhuma dificuldade significativa em Fabiana e, inclusive, salientaram a grande expectativa da mãe e sua ansiedade em relação ao desempenho pedagógico da filha. Pudemos trabalhar essas questões nas sessões de Fabiana e em algumas conversas com os pais. Encaminhei a mãe para uma analista, ela mostrou-se aberta e logo iniciou seu processo analítico, o que ajudou bastante no percurso da filha. Em certo momento, Julia (a mãe) disse que sua nova analista havia feito uma interpretação de que ela não acreditava ter sido capaz de gerar um bebê saudável, uma vez que desde a gravidez tinha fantasias de que teria um filho síndrômico e talvez por isso, ficasse constantemente buscando na filha a prova de sua incapacidade como mãe. Ela se assustou com essa ponderação, mas foi aos poucos podendo reconhecer suas expectativas e moderar sua ansiedade.

Fiz esse preâmbulo para contextualizar o fato de Fabiana ser muito sensível a qualquer traço que reconheça em si e que a caracterize como “diferente”, “quer estar sempre na média”, em suas próprias palavras, o que a deixa particularmente mais vulnerável às pressões sociais que caracterizam a adolescência. Certo dia chegou um pouco tímida, dizendo que queria falar algo, mas que tinha vergonha. Acolhi sua hesitação e logo ela tomou coragem e disse: “acho que eu não me encaixo no perfil do meu colégio. Todos meus amigos são LGBTQ+ e eu não. Às vezes eu finjo que sou, só para não ser diferente (Eu: finje?). Não exatamente, não digo que sou, mas evito o assunto para não me posicionar. Parece que é errado não ser... virou moda, sei lá... É difícil ficar em um grupo que não me encaixo, tô até querendo mudar de escola... ia pedir pros meus pais, e antes resolvi falar aqui. Na verdade eu nunca beijei ninguém, às vezes quero beijar só por pressão, porque, de verdade, não sinto vontade. Na minha classe tem umas meninas que namoram meninos, mas tem várias que gostam também de menina... eu não quero ser a única da escola que não é gay, não é bissexual... essas coisas!” (Eu: Fabi, já conversamos bastante sobre sua sensação de não querer ser diferente,

mas você não precisa ser algo que não sente só porque os outros são.) “Às vezes sinto que preciso, senão posso ficar sozinha... fico achando que vão ter preconceito de mim, um preconceito reverso... na minha classe quase todas as meninas são bi, tem uma ou outra que não é... tenho medo de falar que sou hétero... na verdade, como eu nunca beijei, nem sei mesmo se me encaixo nesse grupo... Já pensei se eu seria assexuada, mas acho que não... sinto vontade, mas não me solto, sou mais reservada... acho que é por isso que nunca beijei. Isso não é muito normal também, né? Na minha idade nunca ter beijado... e agora com essa pandemia, piorou” (Eu: você está com vontade de experimentar beijar?) Sim... na verdade hoje acho que existem duas pressões, uma, dos pais pra gente ser hétero, e outra, dos amigos pra ser bi... aí umas meninas tentam ser hétero só para os pais aceitarem, mas no fundo não são...”

Quando saio da sessão de Fabiana, vejo uma mensagem de sua mãe no celular assim:

“Oi, Gabriela, tudo bem? Só dando um *spoiler* (ela costuma mandar temas para ajudar a filha a falar na sessão), duas coisas que me chamaram a atenção nessa semana: 1- parece que ela postou algo no TikTok e uns meninos que eram da escola zoaram com ela, ela ficou bem chateada com isso. 2- ela tem ficado incomodada com o fato de vários amigos da turma falarem que são bi, ela não consegue se encaixar e me disse que está tentando fazer novas amizades (acho isso bom) e essa semana teve um menino que assumiu ser trans e escreveu no WhatsApp do grupo de todo o primeiro colegial: “glr, eu sou trans, se vocês puderem me chamar de Monica e usar pronome feminino comigo eu agradeço”, escreveu em um dia e no outro foi de vestido na escola, eu fiquei chocada... meu Deus, eu não sei lidar, me ajuda! Fico com medo da Fabi se influenciar...”

Essa vinheta ilustra alguns dos caminhos a serem percorridos nesta dissertação, que tem o intuito de entrelaçar a vivência clínica atual com a fundamentação teórica disponível a um tema controverso e disparador de reflexões.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a investigação da pesquisa apresentada será com base no referencial psicanalítico. Para tanto, inicialmente será feito um trabalho de revisão bibliográfica e, posteriormente, a análise de material clínico – representado por vinhetas de casos atendidos no consultório –, relacionando a prática à teoria.

Será uma pesquisa qualitativa baseada em estudos de casos clínicos apresentados por trechos de sessões de meninas atendidas em consultório, focando no tema da sexualidade e os impasses que enfrentam na escolha de seus objetos amorosos, dispostos ao longo da dissertação. Com a percepção de similaridades no público jovem atendido, propõe-se a reflexão acerca da possibilidade de influência dos modelos culturais atuais na escolha de objeto amoroso das garotas. Por meio desse material clínico, serão destacados exemplos do que é encontrado na atualidade com o intuito de propor algumas reflexões teóricas, partindo da clínica para a teoria.

A prática clínica sempre fascinou os profissionais da área de saúde mental, porém, ela traz alguns desafios quando utilizada como material de pesquisa científica. A Psicologia enfrentou muita dificuldade para se firmar enquanto ciência, pois para que uma disciplina se estabeleça como tal, é preciso que possua um objeto e métodos próprios. Nesse sentido, ela tem um lugar não muito cômodo se comparado com outras ciências humanas, pois é difícil definir, exatamente, qual seu objeto de estudo e método de pesquisa. Os conteúdos inconscientes, o comportamento, a subjetividade, o mundo interno; todas estas e algumas outras noções fazem parte do chamado fenômeno psicológico.

Estabelecer cientificamente a especificidade deste objeto, colocando-o como autônomo em relação às outras ciências e longe da especulação, é tarefa árdua e, talvez, possível, apenas se considerarmos a sua dimensão histórica. É esta dimensão histórica que permite o diálogo entre toda a diversidade teórico-metodológica existente dentro do que chamamos de Psicologia. (FIGUEIREDO, 1991, p. 127)

Os avanços da teoria freudiana firmaram-se no campo das ciências humanas e, com isso, deu-se início à pesquisa com o método psicanalítico: uma atividade em que se constituem e se transformam objetos, pesquisadores e meios ou instrumentos de investigação (conceitos, técnicas etc.). Vale enfatizar que a metodologia de trabalho adotada nesta pesquisa não consiste na coleta de dados quantitativos, generalizáveis, com o objetivo de esgotar todo o saber possível sobre o tema em questão. Espera-se, também, que os resultados encontrados por meio das leituras e escritas a serem elaboradas possibilitem alguns desdobramentos que

ratifiquem a utilização da Psicanálise, tanto como teoria, técnica e prática, como também como modo de investigação.

O instrumento utilizado pelo psicanalista em sua clínica é a atenção flutuante, modo peculiar de escutar o sujeito que fala a respeito de seu sofrimento. É somente por meio dela, junto à associação livre do paciente, que consegue-se ter acesso ao sentido expresso daquilo que é vivido de forma inconsciente pelo sujeito.

Quando recolho as minhas experiências clínicas e as utilizo criativamente para elucidar ou problematizar questões teóricas, psicopatológicas ou técnicas, também estou fazendo pesquisa, o que significa dizer que, através desse caminho, chegarei a algum sentido novo, capaz de produzir alguma transformação no cabedal de conhecimentos acumulados até então. Assim, até o momento, temos, pelo menos, dois sentidos diferentes que o termo *pesquisa* assume no trabalho psicanalítico. O primeiro deles é o da *pesquisa-escuta*, pesquisa clínica por excelência, no interior da qual a atenção flutuante do analista e as associações livres do analisando contribuem para a produção de sentido, graças à concorrência de processos inconscientes. O segundo, o da *pesquisa-investigação*, pesquisa teórico-metodológica, responsável em última instância pelo crescimento e aperfeiçoamento da disciplina psicanalítica, que complementa a pesquisa clínica e lhe dá suporte, recebendo dela, ao mesmo tempo, o embasamento para o seu trabalho construtivo. (NAFFAH NETO, 2006, p. 2)

Sendo assim, no trabalho proposto, como método de pesquisa pretende-se entrelaçar a “*pesquisa-escuta*” (*casos clínicos*) com a “*pesquisa-investigação*” (*teoria e metodologia*), com o intuito de refletir sobre aspectos ainda não abordados pela atual comunidade científica psicanalítica, encarando a premissa de ser a psicanálise um método de ciência humana – atravessada direta ou indiretamente por todas as transformações e movimentos que ocorreram ao longo da história.

Nesse sentido, considerando a importância do contexto social para a questão retratada, além da abordagem clínica, pretende-se compreender como os modelos identificatórios e ideais culturais são incorporados pelas garotas. Aqui, vislumbra-se, ainda segundo Naffah Neto (2006), uma terceira modalidade de pesquisa em psicanálise: “pesquisa que relaciona a psicanálise com processos sociais e/ ou culturais”. Para tanto serão descritos conceitos como: supereu, ideal de eu, identificação e, em especial, a identificação histórica.

A noção de Identificação aparece na obra freudiana desde o começo de sua prática e de sua teorização. A primeira alusão ao termo foi em 1897, na carta a Fliess, de dois de maio, em que constata sinais que sugerem que alguns de seus pacientes, adolescentes, teriam ficado identificados com domésticas de suas infâncias. Àquela altura, Freud considerava a identificação como um sintoma da histeria.

Ao longo dos anos, Freud foi acentuando a importância desse conceito, chegando a elaborar um capítulo específico para tal tema dentro de *Psicologia das Massas* (1921). Apesar

de reconhecer a significativa marca do fenômeno, deixou muitas lacunas e pontos obscuros no que o tange, o que possibilitou um campo fértil de escritos entre os pós-freudianos.

A identificação histérica, segundo Freud, também conhecida como identificação secundária, exprime um desejo sexual recalçado, figurado regressivamente através das cenas dos sonhos e do sintoma, a partir de elementos extraídos dos objetos dos desejos contraditórios, bissexuais. Há um retorno para o eu de traços do objeto investido, é um modo de pensar inconsciente que modifica o eu e que se apresenta como via de sublimação de desejos, criando a possibilidade de prazer socialmente sancionado. Uma das hipóteses dessa dissertação é a de que, a partir do mecanismo de identificação histérica, as adolescentes teriam a capacidade de mimetizar o ambiente e formar sintomas egossintônicos, ou seja, muitas das transformações que se expressam na subjetividade dessas meninas poderiam ser traços culturais incorporados e manifestados em suas sexualidades.

Apesar do esforço de aplicar um modelo científico para a pesquisa psicanalítica, não deve-se desconsiderar que:

Na psicanálise nada é passível de replicação, ou seja, um mesmo acontecimento não se produz nunca mais do que uma vez, já que nunca pode ser reduzido a componentes invariantes e abstratos, passíveis de controle e replicação experimental. Nesse sentido, se a psicanálise se propõe como ciência, só pode se definir como uma *ciência do singular*. (NAFFAH NETO, 2006, p. 4).

Eis, então, um dilema para todo psicanalista: a tensão gerada entre um campo que se aproxima do saber artístico, em que cada sessão é compreendida como um processo único, singular, tecida, artesanalmente, pela dupla analista e analisando, porém, sem desconsiderar seus aspectos científicos, uma vez que a psicanálise é:

[...] uma disciplina que pesquisa a formação do inconsciente e as etapas do crescimento humano, desde a completa dependência da infância até a autonomia adulta, através dos múltiplos caminhos e descaminhos pelos quais a vida se faz neurose, perversão, psicose, quadros *borderlines* etc. Aí, ela está mais próxima de uma ciência humana, ciência não-experimental das transformações ou do devir humano. Mas, incontestavelmente, ciência, envolvendo sistematização de dados e criação conceitual, capazes de dar inteligibilidade às diversidades psíquicas, ainda que – como já salientei – esses conceitos funcionem mais como metáforas para o invisível psíquico, do que como leis. (NAFFAH NETO, 2006, p. 5)

Por entender que a ciência não consiste em um conhecimento estático, substancializado e acabado, mas sim a possibilidade de um conhecer contínuo, em que muitas respostas ainda não foram dadas e, quando o forem, permitirão a criação de novas perguntas, tem-se como objetivo neste presente trabalho ampliar o entendimento do sujeito contemporâneo, focando nas meninas adolescentes e em suas escolhas de objeto amorosos.

Não pretende-se obter respostas conclusivas sobre o tema, mas sim aproximar o leitor, seja ele pai, profissional da área ou cidadão comum, da nova geração, mais precisamente das garotas, e ainda abrir espaço pra elaborar estranhezas, surpresas e tabus que o contato com essa juventude tem nos suscitado. Espera-se, com esse movimento de pesquisa, ajudar na construção de pontes entre as gerações, para que esses jovens encontrem um contexto continente e propulsor para seu desenvolvimento. Além de endossar o movimento de despatologização das novas formas de sexualidade encontradas atualmente.

Apesar de considerar a grande influência dos aspectos sociais no tema abordado, focar-se-á na especificidade do estudo da experiência clínica, que tem como objeto o reino do subjetivo e da qualidade. Tal especificidade exige especial cuidado para que não se caia na tendência de homogeneizar pessoas, pois isso poderia levar a conclusões apressadas, com abusivo uso de categorias e concepções *a priori*.

Tais conclusões precipitadas consistem, dessa forma, em um poderoso recurso de exclusão que descontextualiza quase que por completo a diversidade de questões subjetivas que perpassam uma queixa. Promovem uma cegueira sistematizada que busca classificar o já conhecido e não procura se aventurar pelos aspectos que se mostram distintos, nebulosos, irregulares e estranhos diante das noções consagradas. (NEUBERN, 2001, p. 10)

3. A BISSEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

3.1 A adolescência contemporânea

A adolescência é usualmente abordada nos diferentes campos de saber sobre o prisma de uma crise vivida pelo indivíduo na passagem da infância para a idade adulta, o que em nossa sociedade se inicia por volta dos 12 e segue até os 18 anos (segundo o artigo número dois do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, criado em 1990 pelo Congresso Nacional). Porém, na prática, sabemos que essa idade pode avançar por muitos anos em nossa cultura, caracterizada pela dependência dos filhos em relação aos pais por tempo prolongado. Pensa-se em algo em torno dos 13 aos 21 anos em termos gerais, se levar em conta os sexos: nos meninos seria até os 25 e nas meninas até os 21 (ABERASTURY; KNOBEL, 1970, p. 89).

A adolescência da forma que a entendemos hoje é um fenômeno recente. Os povos primitivos, por exemplo, entendiam a passagem da criança para o mundo adulto como algo pontual, marcada por um ritual, com uma ou mais cerimônias (em geral, envolvendo a experiência de dor). Nossos antepassados (avós, bisavós), por sua vez, começavam a trabalhar cedo, casavam-se jovens, as meninas engravidavam em período hoje considerado adolescente. Ou seja, as responsabilidades do mundo adulto faziam com que a passagem da infância para o universo adulto levasse muito menos tempo do que presenciamos atualmente.

Associa-se esse alargamento da adolescência a uma descontinuidade entre o período da escola e do mercado de trabalho, fenômeno que ampliou muito no último quarto do século XX. Isso ocorreu, principalmente, por dois fatores: o primeiro, uma inadequação entre os anseios juvenis, a preparação oferecida pelo sistema escolar e as oportunidades encontradas após a formação e, o segundo, o desemprego crescente tanto em países desenvolvidos quanto nos do chamado Terceiro Mundo. Tal contexto contribui para que a saída dos jovens das casas dos pais fique cada vez mais protelada e, assim, a suposta passagem para vida adulta se torna gradualmente cada vez mais incerta e imprecisa.

Esse fato é importante para compreendermos o cenário da adolescência contemporânea, pois esse alargamento da juventude oferece ao indivíduo um adiamento das responsabilidades atribuídas ao adulto: inserção profissional, constituição de laços conjugais, conquista de moradia própria, o que deixa o jovem mais predisposto ao lazer e às experimentações de forma geral. Além disso, provoca um vácuo entre os repertórios dos jovens atuais e dos seus familiares e adultos que o cercam, o que aumenta a distância entre

pais e filhos, professores e alunos e até mesmo entre profissionais de diversas áreas, como os psicólogos e seus pacientes.

Segundo o dicionário etimológico da língua portuguesa, a adolescência é um termo de origem latina, do verbo *adolescere*, que significa desenvolver-se, crescer, é próximo, no entanto, do termo *adollescere*, que significa adoecer. A proximidade entre os termos anuncia a dimensão da crise que ficou associada ao termo desde a modernidade nas diferentes áreas de conhecimento.

É na modernidade, a partir de Rousseau, que a adolescência é considerada especificamente um momento de crise e turbulência, de paixões decisivas na constituição do indivíduo adulto, de seu amadurecimento. Momento por um lado dramático (envolvendo crise), porém também de potência, uma vez que os jovens podem transformar a situação vigente e apontam para o futuro da sociedade, seriam representantes do “novo”. Percurso intenso e sofrido rumo à maturidade, que envolve desconstrução do sujeito, de seu corpo, de seu psiquismo, de suas referências morais. Porém, também, potente por envolver plasticidade e capacidade de transformação e, por isso, idealizada.

Essa idealização muitas vezes deixa o adolescente mais angustiado, uma vez que os pais tendem a achar que seus filhos, com mais oportunidades e cuidados do que eles próprios tiveram, devem desempenhar mais, ir além de seus feitos. Além disso, a idealização da juventude, grande marca da atualidade, faz com que adultos queiram ser eternamente jovens, tanto esteticamente quanto em seus comportamentos, o que enfraquece o desejo do púbere de crescer. “Por que ser adulto hoje se vejo adultos querendo ser adolescentes? Se crescer ‘piora’ a vida? Se precisarei assumir responsabilidades e sair dessa redoma de proteção que tenho em casa?”

Nas gerações anteriores, a infância e a curta adolescência não tinham o status que ocupam hoje, os pequenos queriam crescer, virar adulto e ser como seus pais e familiares. Segundo Diana e Mario Corso, em apresentação no programa *Café Filosófico* sobre adolescência da TV Cultura (dia 22 de janeiro de 2018), acredita-se que foi no período pós-guerras (nas décadas de sessenta e setenta) que a ideia de se parecer com os pais começou a cair em declínio e os jovens, ao contrário, passaram a questionar, criticar e mostrar o desejo de ser completamente diferente deles. A carnificina ocorrida nas grandes guerras fez com que os jovens passassem a questionar o projeto de adulto que lhes era oferecido e o destino ao qual estavam predestinados por seus pais. Assim passaram a assumir uma postura crítica aos modelos vigentes.

Isso somado à ideologia do individualismo, em que os adolescentes entendem que precisam construir uma história singular e deixar marcas originais (um “legado”), faz com que,

muitas vezes, neguem as referências herdadas, ou seja, sabem bem o que não querem (tudo que seus pais valorizam: família, propriedade, carro, carreira), porém não têm clareza do que desejam. Vemos assim na atual geração críticos acirrados, porém com muita dificuldade de construir sonhos e modelos viáveis alternativos aos que lhe foram passados, o que os joga em um vazio, em uma falta de referência e intensificam a tonalidade depressiva de seus humores.

3.2 A adolescência para Freud: considerações sobre a puberdade

O interesse dos psicólogos pela “crise da adolescência” se deu principalmente no pós-guerra e se estende até hoje, nas diferentes linhas teóricas que caracterizam o saber da área. Na psicanálise não foi diferente, muitos autores se propuseram a pensar nesse momento do desenvolvimento do indivíduo, e o texto freudiano é referência privilegiada para as distintas formulações acerca do tema. Maurício Knobel, colaborador de Arminda Aberastury, no livro *Adolescência Normal* (referência até hoje nos estudos do púberes), diz que:

O adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas, o que configura uma entidade semi-patológica que denominei “síndrome normal da adolescência”, que é perturbada e perturbadora para o mundo adulto, mas necessária, absolutamente necessária, para o adolescente. Isso pois neste processo ele vai estabelecer sua identidade, sendo este um objetivo fundamental desse momento da vida. (...) Anna Freud diz que é muito difícil assinalar o limite entre o normal e o patológico na adolescência e considera que, na realidade, toda a comoção desse período de vida deve ser considerada normal, assinalando que seria anormal a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente. (KNOBEL, 1970, p. 9)

Freud pouco utiliza o termo adolescência, fazendo em contrapartida menção constante a outro mais usual na linguagem da época: puberdade. Ele menciona este último ao longo de toda sua obra, mas é no texto *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) que escreve um capítulo dedicado especificamente ao tema: *Capítulo III: As Transformações da Puberdade*.

O senso comum na época considerava a sexualidade uma experiência inaugurada com a puberdade, ideia que o próprio Freud compartilhava até escrever sobre a teoria da sedução em 1893, em que dizia que a emergência da sexualidade, a partir da puberdade, era responsável pela mobilização dos conteúdos traumáticos infantis, momentaneamente adormecidos, provenientes da experiência sexual precocemente antecipada. É em 1897, quando põe em xeque as formulações feitas em 1893, que a sexualidade infantil ganha novo estatuto, deixando de ser uma eventual ocorrência traumática para se tornar um atributo necessário da constituição humana. Essa ideia deu origem ao texto publicado em 1905: *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, que, na verdade, contém material escrito desde 1901 pelo autor. Além de expressar pensamentos construídos ao longo de cinco anos de trabalho

intenso, foi um dos textos que Freud mais modificou, o que denota sua inquietude em relação ao seu conteúdo.

No capítulo sobre a puberdade, Freud diz que é nessa fase que se introduzem as mudanças que levam “a vida sexual infantil para sua conformação normal definitiva”, sendo duas as principais: a subordinação de todas as outras fontes originárias da excitação sexual ao primado das zonas genitais e o processo de escolha objetal, lembrando que ambas já estão prefiguradas na vida infantil e separadas pelo período de latência.

3.2.1 O primado das zonas genitais

Nas palavras de Freud:

O instinto sexual que era predominantemente autoerótico, encontra agora um objeto sexual. Ele operava a partir de diferentes instintos e zonas erógenas, que buscavam cada qual, de forma independente, determinado prazer como única meta sexual. Agora ele recebe uma nova meta sexual e todos os instintos parciais cooperam para alcançá-la, enquanto as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital. Como a nova meta sexual atribui funções muito diferentes aos dois sexos, agora o desenvolvimento sexual deles diverge bastante. O do homem é mais coerente, e também mais acessível a nossa compreensão, enquanto na mulher há inclusive uma espécie de involução. (FREUD, 2010, p. 121)

3.2.2 A diferenciação entre homem e mulher

Freud ressalta a grande diferença no desenvolvimento sexual das meninas e dos meninos nessa época, diferente do que ocorrera na infância. Seria o momento de abandonar a bissexualidade infantil para alcançar a genitalidade adulta. Em suas palavras:

Sabe-se que apenas com a puberdade se estabelece a nítida separação entre caracteres masculinos e femininos, um contraste que passa a influir decisivamente, mais que qualquer outro, no modo como se configura a vida das pessoas. No entanto, a predisposição masculina ou feminina já é facilmente reconhecível na infância; o desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão etc.) ocorre, na menina, mais cedo e com menor resistência do que com o menino; a tendência à repressão sexual parece maior; ali onde aparecem instintos parciais da sexualidade, elas dão preferência à forma passiva. Mas a atividade autoerótica das zonas erógenas é a mesma nos dois sexos, e essa concordância anula, na infância, a possibilidade de uma diferença entre os sexos como a que se estabelece após a puberdade. Considerando as manifestações sexuais autoeróticas e masturbatórias, é possível sustentar que a sexualidade das garotas pequenas tem caráter completamente masculino. (...) *Desde que tomei conhecimento da noção de bissexualidade, considero esse fator decisivo e acho que, sem levar em conta a bissexualidade, dificilmente poderemos chegar à compreensão das manifestações sexuais que realmente se observam no homem e na mulher* (FREUD, 2010, p. 138). (grifo nosso)

Freud, além dessas diferenças, ressalta que enquanto nos garotos há um incremento de intensidade na libido, na menina observa-se uma nova onda de repressão, que atinge justamente a sexualidade clitoridiana, salientando que seria uma parcela da sexualidade

masculina que sucumbiria à repressão. Se a transferência da excitabilidade erógena do clitóris para a vagina for realizada com êxito, isso significa que a mulher mudou a zona diretriz de sua sexualidade futura, enquanto o homem manteve a sua desde a infância. A natureza da feminilidade estaria marcada por essa mudança de zona erógena principal e, também, pela intensificação da repressão na puberdade.

Cabe aqui uma nota de que não é o que observamos atualmente entre as meninas. Por essas repressões contarem com diques e barreiras construídas com o apoio do contexto social, observa-se aqui uma diferença significativa em relação ao período em que Freud escreveu sua teoria. Atualmente, com as conquistas feministas, as meninas vivenciam a sexualidade de forma diferente e o que observamos é um incremento de libido tanto nos meninos quanto nas garotas na fase da puberdade. Articulando tal observação à teoria freudiana, se essa onda de repressão, que incide justo na parcela de sexualidade masculina das garotas não ocorre na mesma intensidade que outrora, será esse um dos motivos pela grande prevalência de bissexualidade nas meninas da atual geração? Estaríamos diante de uma nova feminilidade que não seria marcada pela mudança de zona erógena principal necessariamente?

3.2.3 Escolha do objeto

Enquanto os processos da puberdade estabelecem o primado das zonas genitais e, no homem, a preponderância do pênis erétil indica imperiosamente a nova meta sexual – a penetração em um orifício corporal que excita a zona genital –, efetua-se, do lado psíquico, a descoberta do objeto, que já era preparada desde a primeira infância. Quando a primeiríssima satisfação sexual ainda é vinculada à ingestão de alimento, o instinto sexual tem um objeto fora do próprio corpo, no seio da mãe. Ele o perde somente depois, talvez justamente na época em que se torna possível, para a criança, formar uma ideia total de pessoa a quem pertence o órgão que lhe traz satisfação. Então o instinto sexual se torna, por via de regra, autoerótico, e somente após a superação do período de latência é restabelecida a relação original. (FREUD, 2010, p. 143)

Ao longo do período de latência, a criança aprende a amar outras pessoas, que a ajudam em seu desamparo e em suas necessidades. Freud salienta a reconhecida estranheza em imaginar amor sexual nos cuidados dos pais e outros adultos, porém ressalta que, para a criança, tais relações são fonte contínua de excitação sexual e satisfação das zonas erógenas.

Com o período de latência há um adiamento da maturação sexual, o que faz com que o sujeito ganhe tempo para erguer, ao lado de outras inibições sexuais, a barreira contra o incesto, que levanta prescrições morais que, por sua vez, exclui expressamente da escolha objetual as pessoas amadas na infância. Para Freud, tais barreiras são, antes de tudo, uma exigência cultural da sociedade, uma defesa contra a absorção da família, em nome dos

interesses de produção de unidades sociais mais elevadas. Nesse sentido há um afrouxamento dos laços do jovem com sua família e uma inserção cada vez maior nos espaços sociais ampliados. É na puberdade que acontece uma das realizações psíquicas mais significativas e, também, mais dolorosas: “[...] o desprendimento da autoridade dos pais, através do qual se cria a oposição – tão relevante para o avanço cultural – da nova geração em face da antiga”. (FREUD, 2010, p. 149)

A escolha objetal é composta por dois tempos: um anterior e outro posterior à latência. A inclinação infantil pelos pais é um traço revivescido na puberdade e depois aponta o caminho para a escolha de objeto, o rapaz perseguiria a imagem da mãe, apoiado em marcas mnêmicas deixadas pelas experiências infantis. Soma-se a esse, outros fatores que permitem ao homem, sempre se apoiando em sua infância, desenvolver “mais que uma série sexual, formando precondições muito diversas para a escolha de objeto” (*Ibidem*, p. 152). Nessa passagem Freud, em um item dedicado à *Prevenção da Inversão*, comenta que faz parte do “desenvolvimento sexual normal” (escolha heterossexual) uma passagem na puberdade em que as amizades entre as meninas e os meninos configurem uma escolha de objeto invertida (homossexual). Nas palavras do autor:

Uma tarefa que surge na escolha do objeto é recair precisamente no sexo oposto. Como se sabe isso não é feito sem alguma hesitação. Os primeiros impulsos após a puberdade frequentemente se equivocam, sem que haja dano duradouro. Dessoir chamou a atenção, justificadamente, para a regularidade que transparece nas amizades entusiasmadas de garotas e rapazes por jovens do mesmo sexo. O grande poder que impede uma inversão duradoura do objeto sexual é, certamente, a atração que os caracteres sexuais opostos manifestam um pelo outro, no contexto da presente discussão não é possível dizer nada para explicar isso. (FREUD, 2010, p. 152)

3.3 Bissexualidade na adolescência: o luto (ou não) da sexualidade infantil

Freud, nessa passagem, ressalta que traços de homossexualidade na adolescência, como um fenômeno transitório, fazem parte do desenvolvimento normal da sexualidade, porém quando estes se fixam na personalidade do indivíduo, outros fatores podem estar em jogo. Arminda Aberastury (1970), psicanalista argentina, coloca que uma das tarefas do processo de amadurecimento dos adolescentes é fazer o luto da bissexualidade da infância: a atividade sexual autoerótica e masturbatória deve dar lugar à plena atuação genital procriadora.

Segundo a autora, o adolescente realiza três lutos fundamentais que o levam à capacidade de identificação, são perdas em sua personalidade que acompanham as características do luto normal e, em algumas situações, transitoriamente, podem adquirir as características do luto patológico, conduzindo às instabilidades que definem o processo de adolecer. São esses lutos: a) luto pelo corpo infantil perdido: base biológica da adolescência

que se impõe ao indivíduo, fazendo-o se sentir como um espectador, impotente diante das mudanças que ocorrem em seu corpo; b) o luto pelo papel e identidade infantil, que o obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes desconhece e c) luto pelos pais da infância, os quais persistentemente tenta reter na sua personalidade, procurando o refúgio e a proteção que eles significam, situação que se complica pela própria atitude dos pais, que também têm de aceitar seu envelhecimento e o fato de que seus filhos já não são mais crianças e estão em vias de se tornarem adultos. Soma-se a esses, o luto pela bissexualidade perdida.

A autora, baseada na teoria freudiana do desenvolvimento da sexualidade, entende que a perda que o adolescente tem que aceitar ao fazer o luto pelo corpo infantil é dupla: a de seu corpo de criança, quando caracteres secundários colocam-no ante a evidência de seu novo status e, também, o abandono da posição sexual infantil autoerótica e de característica bissexual, o luto pelo sexo oposto perdido, uma vez que o aparecimento da menstruação na menina, e do sêmen no menino, impõem ao jovem o testemunho das suas determinações sexuais e o papel que terão que assumir, não só na união com o parceiro, mas na procriação, alcançando o exercício de sua genitalidade.

Somente quando a maturidade biológica do adolescente está acompanhada pela maturidade afetiva e intelectual, ele consegue encontrar o lugar de si mesmo em seu corpo e no mundo, consegue ser habitante de seu corpo no seu mundo atual, real e também adquirir a capacidade de utilizar seu corpo. Nesse processo de desprendimento da infância, que necessita tempo (luto depende de tempo), o jovem provoca uma revolução em seu meio familiar e social, e isso cria problemas entre as gerações nem sempre bem resolvidos.

Paralelo ao processo de luto do púbere, os pais também devem fazer os seus, além de superar inúmeras resistências. Devem elaborar o luto do corpo, da identidade e da dependência infantil do filho, processo que os coloca frente à aceitação do seu envelhecimento e da morte. Devem abandonar o lugar idealizado em que seu filho os colocava até então e aceitar as ambivalências e críticas de um ser que cresceu e propõe uma nova forma de se relacionar. Essas tarefas não são fáceis, mas influenciarão diretamente na capacidade do filho de fazer sua travessia e estabelecer sua identidade adulta.

Abandonar a posição onipotente da bissexualidade é, para autora, sinônimo de maturidade, de que o adolescente abandonou mecanismos de defesa esquizoparanoides (próprios desse período de instabilidade emocional) e pôde alcançar a posição depressiva, incluindo e tolerando a dimensão da falta. Quando predomina a negação da passagem do

tempo, pode-se observar uma criança dentro do adolescente como um objeto morto-vivo. Nas palavras da autora:

Acontece que a própria criança precisa de tempo para fazer as pazes com seu corpo, para terminar de conformar-se a ele, para sentir-se conforme com ele. Mas só chega a essa conformidade mediante um longo processo de luto, através do qual não só renuncia a seu corpo de criança, mas abandona a fantasia onipotente de bissexualidade, base de sua atividade masturbatória. Então sim, pode aceitar que para conceber um filho precisa da união com outro sexo, e conseqüentemente o homem deve renunciar às fantasias de procriação dentro do seu próprio corpo e a mulher a onipotência maternal. Numa palavra a única maneira de aceitar o corpo do outro é aceitar o próprio corpo. (ABERASTURY, 1970, p. 20)

Maurício Knobel, psicanalista argentino e colaborador de Aberastury (1970), explica em mais detalhes o que seria o luto pela bissexualidade infantil, a passagem do autoerotismo para a heterossexualidade. Ele diz que nessa passagem pode-se observar um oscilar permanente entre a atividade de caráter masturbatório e os começos do exercício genital, que tem mais um caráter preparatório e exploratório do que a verdadeira genitalidade procriadora, que deve ter espaço no início da vida adulta. Ao ir, aos poucos, aceitando sua genitalidade, o adolescente inicia a busca por seu parceiro, ainda de forma tímida, mas intensa.

Na adolescência se reativa com toda a força o triângulo edípico vivenciado anteriormente ao período de latência, na fase genital prévia (infância). Porém, nesse segundo momento, a instrumentação da genitalidade se faz factível, o que obriga o indivíduo a recorrer a mecanismos de defesa mais persistentes e enérgicos. Não fosse isso, a consumação do incesto seria possível. O sujeito que não consegue avançar dessa genitalidade infantil fica preso a uma relação simbiótica, o que, segundo Aberastury, poderia constituir a base da homossexualidade tanto em homens como em mulheres.

É durante a adolescência, e como aspecto da elaboração edípica, que se podem ver aspectos de condutas femininas no rapaz e masculinas na moça, esses traços seriam expressão de uma bissexualidade ainda não resolvida. É normal que isso aconteça de forma transitória, em alguns períodos, podendo ser compreendida como fenômeno temporário de adaptação, quando não se cristalizam como conduta definitiva. É preciso ter sempre presente o conceito de bissexualidade e aceitar que a posição heterossexual adulta exige um processo de flutuações e aprendizagem em ambos os papéis. [...] Por outro lado, quando recorrem a uma verdadeira negação de sua genitalidade, com a presença de intensa atividade masturbatória ou de experiências homossexuais, podemos entender tal expressão como uma tentativa maníaca do jovem de manter a bissexualidade perdida.

De acordo com minha experiência, na busca da definição genital, o adolescente costuma passar por períodos de homossexualidade, que podem ser a expressão de uma projeção da bissexualidade perdida e desejada, em outro indivíduo do mesmo sexo. Dessa maneira poderia o adolescente, na sua fantasia, recuperar o sexo que se está perdendo em seu processo de identificação genital. (KNOBEL, 1970, p. 48)

Como visto em Freud e, também, na obra de Aberastury e Knobel, fazem parte do período da adolescência experimentações homossexuais em decorrência do processo de luto da bissexualidade infantil. Pensando no contexto contemporâneo de uma adolescência prolongada e, conseqüentemente, no fato de que tais experimentações ganham mais tempo e espaço na vida dos jovens, me pergunto quais seriam os impactos dessas experiências na constituição da identidade sexual e na escolha de objeto da atual geração. Será que esse prolongamento da adolescência evidencia uma maior dificuldade em fazer, entre outros, o luto da bissexualidade infantil? Os jovens estariam presos a uma posição onipotente devido a uma dificuldade em alcançar a posição depressiva e, conseqüentemente, a maturidade emocional?

3.3.1 Caso Clínico

Pensando no desafio que se constitui essa passagem do núcleo familiar para o meio social ampliado (escola, amigos, namorados) e na atração que os adolescentes sentem por outros do mesmo sexo durante a adolescência, lembrei de uma paciente que atendo, a Mariana. A bissexualidade na adolescência, segundo Freud, Aberastury e Knobel (como foi visto anteriormente neste capítulo), pode se tratar de um fenômeno “normal” e próprio da adolescência quando aparece de forma transitória. Normal está entre aspas porque são palavras dos autores, seu uso evidencia o preconceito da época em relação às expressões sexuais e, também, do meio em que eles atuavam (Freud há cem anos em Viena e Aberastury e Knobel há cinquenta anos na Argentina), o que, por sua vez, não invalida as importantes contribuições que trouxeram à área de estudo em questão. Nas meninas da atual geração, não sabemos se essa preponderância de experimentações homossexuais será passageira (somente na adolescência), ou se persistirá na fase adulta, só o tempo e futuras pesquisas poderão concluir isso. Passemos ao caso.

Mariana é uma adolescente de dezoito anos que eu conheci com onze. Na ocasião sua mãe procurava uma profissional para fazer uma avaliação psicológica (parte de um processo judicial) para ver se a filha teria ficado com algum “dano emocional” decorrente de um acidente de automóvel em Orlando. Nada significativo fora constatado e, depois de dois anos, me procuraram novamente. Nesse segundo momento, Mariana estava se sentindo muito angustiada, com ansiedades que eram somatizadas e a impediam de sair de casa, quando estava em crise só se sentia acolhida com a família. Em suas próprias palavras: nesses momentos sentia uma enorme aflição, parecia que suas pernas ficavam moles, que podia cair a qualquer momento, sua pressão baixava, tinha medo de não se sustentar e de vomitar, porém

nunca caía efetivamente e nem chegava a vomitar de fato. Além disso, trazia uma série de queixas relacionadas ao corpo, sempre atribuindo a ele aspectos pejorativos. Seu quadro se aproximava muito ao que hoje entendemos como Síndrome do Pânico e suas crises aconteciam em geral no ambiente familiar, nos finais de semana e nas férias, mas às vezes também na escola, e com isso ela passou a evitar ir para o colégio, apresentando um número de faltas significativo. Nesse ciclo ia ficando cada vez mais em casa, com os pais e, conseqüentemente, se sentindo mais fragilizada para encarar os desafios da convivência social. Dizia preferir a companhia dos livros, das séries e dos filmes, do que das pessoas.

À medida que ela foi conseguindo falar sobre seus sentimentos e aflições, sua angústia foi diminuindo e ela passou a ressignificar sua posição nos grupos por onde circulava. O lugar de “diferente”, que ela atribuía a si e lhe causava sofrimento até então, foi tomando outras conotações, ela passou a sentir um certo orgulho em não ser igual a todos e, assim, o sentimento de exclusão (uma das suas questões) foi desaparecendo. Ela passou a dar atenção a suas roupas e a ver na moda uma forma de se expressar.

À medida que Mariana foi se fortalecendo, passou a sair mais com os amigos e a frequentar shows de suas bandas favoritas e, também, alguns festivais de personagens de histórias em quadrinho: a “Comic Con”. Nesses eventos ela se sentia muito identificada com os outros adolescentes, e dedicava bastante atenção na construção de seus *cosplays* (abreviação de *costumer play*, uma fantasia bastante elaborada que representava algum personagem). Segundo ela, em cada dia do evento, os adolescentes montam seus *cosplays*, “é como se naquele dia você fosse o próprio personagem”. Naquele ano ela escolheu três personagens femininos: a Ramona, a Violet e a Mulher Gato. Peço na ocasião para ela as descrever e ela diz que são mulheres desejadas, ricas, cultas, criativas e muito bonitas, ressaltando que todas são vaidosas, poderosas e sexys.

A partir desses personagens, um novo assunto é introduzido em sua análise, ainda que de forma lúdica e com o auxílio da fantasia, vem à tona o tema de sua sexualidade. Ela conseguiu expressar, através de seus *cosplays*, a vontade de ser como aquelas mulheres: desejada e sexy. Naquele momento faço essa interpretação e ela desabafa: “Comigo nunca acontece nada, esse ano tem muita gente namorando na minha classe”.

Mariana estava fazendo análise já há um tempo, apesar de algumas tentativas da minha parte em me aproximar de seus interesses amorosos, ela pouquíssimo falava no assunto. Dizia ser um assunto complicado para ela: “Nunca passei por nenhuma experiência, é um vazio...” Ela diz gostar tanto de meninas quanto de meninos: “Eu sei que não sou hétero, minha única

certeza, mas também não sou gay... já me interessei por um menino e tive um mini *crush* pela Tati, uma menina da escola. Parece que tem uma pressão social pra gente namorar... É meio complicado, às vezes eu quero sair pra experimentar essas coisas mas, ao mesmo tempo, tenho medo. Esses dias escrevi um texto no facebook, em defesa dos LGBT, e minha mãe veio me questionar, eu tive que sair do armário... tenho certeza absoluta que não sou hétero! Mas me sinto confusa com meus sentimentos”.

No ano seguinte ela entrou na faculdade, ficou muito animada com as novidades da vida universitária, onde fez novos amigos e conheceu novos paqueras, tanto meninas como meninos. No fim do primeiro semestre, conheceu Otávio, seu primeiro namorado. Logo ela passou a falar das inseguranças geradas nessa relação: ansiedade em não saber o que ele estava sentindo, medo de ele voltar com a ex-namorada, dos riscos de se envolver com alguém. Mariana encontrou na análise um lugar para elaborar as novas exigências que se apresentavam em seu cotidiano; em um primeiro momento a saída de seu ambiente familiar para uma convivência mais tranquila com seus pares, para o social e agora o afloramento de sua sexualidade: sua escolha de objeto.

3.4 Como os fatores culturais influenciam na escolha de objeto dos adolescentes?

Não há dúvidas de que o elemento sociocultural tem influência nas manifestações da adolescência. A adolescência se caracteriza pela passagem da infância ao estado adulto em todas as sociedades, e o período dessa transição pode variar, assim como o reconhecimento que se dá à condição adulta do indivíduo. Porém, todos os seres humanos passam por esse processo de reformular os conceitos que têm a respeito de si mesmos, que os levam a abandonar a autoimagem infantil e a projetar-se no futuro de sua vida adulta. O problema da adolescência, então, deve ser tomado como um processo que será influenciado por conotações externas peculiares de cada cultura, que o favorecerão ou dificultarão, segundo as circunstâncias.

No texto *O eu e o isso* (1923), ao discutir a constituição do supereu e do ideal de eu, Freud defende a importância das identificações entre os ideais das gerações, quando determinadas experiências significativas e recorrentes podem ser transmitidas. Dessa forma tem-se a importância do momento sócio-histórico e suas peculiaridades (seus ideais) no desenvolvimento da identidade e das escolhas objetais do jovem contemporâneo. Não caberia neste trabalho abordar os ideais vigentes na sociedade atual, trabalho propício para a psicologia social. Porém, cabe pensar como tais ideais constituem a subjetividade do

adolescente, quais operações intrapsíquicas contribuiriam para a incorporação de traços identificatórios que, por sua vez, podem ser um dos influenciadores da crescente predominância da bissexualidade entre as meninas da atual geração.

A puberdade descrita por Freud tem apoio nas funções orgânicas, aludindo a sua formação médica, porém há um contínuo esforço por parte dele em não se restringir a isso, buscando diferenciar-se da visão corrente de muitos de seus colegas. A puberdade estaria em uma encruzilhada entre os impulsos físicos e as influências culturais, mudanças fisiológicas que seriam disparadoras para transformações psíquicas que a partir de então se deflagrariam. Mas vê-se Freud muitas vezes, apesar de buscar descolar a sexualidade humana da regularidade e fixidez previstas pela biologia, fazendo uso, paradoxalmente, da própria biologia para construir seus argumentos, como ocorre, como exemplo, na hipótese da bissexualidade. Ele afirma que será somente na puberdade, em decorrência da maturação orgânica, que haverá a discriminação entre masculino e feminino. Porém, para que o sujeito possa alcançar a noção de diferença entre os sexos, também existiu em seu desenvolvimento a presença da dimensão simbólica: o reconhecimento da criança, e posteriormente do adolescente, do fálico e do castrado. Ou seja, a significação da constatação da diferença sexual nomearia uma encruzilhada entre a perspectiva organicista (hipótese da bissexualidade) e a simbólica (noção de fálico e castrado).

A dimensão simbólica está envolvida na questão da sexualidade também através das fantasias que acompanham as crianças e os adolescentes em seu desenvolvimento sexual. A atividade investigativa e fantasiosa se sustenta na busca de autonomia frente aos progenitores, o que remete ao conceito de identificação anunciado em 1900 (*A Interpretação dos Sonhos*) por Freud. Trata-se da ambição de se parecer com o progenitor do mesmo sexo. Por um lado, tal ambição respeita a admiração frente a este progenitor tomado como modelo mas, por outro, visa à liberdade em relação aos pais e a substituição deles por outros objetos, configurando a ambivalência edípica a ser equacionada na constituição dos ideais, tema de que viria a se ocupar Freud anos depois.

Essa busca de desprender-se da família nuclear e se projetar na comunidade se dá através de um complexo jogo identificatório, enquanto a fantasia de autonomia, por sua vez, acompanha como contrapeso as amarras de uma cultura que se inscreve no aparelho psíquico sob a forma de supereu. Segundo Tiago Corbisier Matheus, em seu livro *Adolescência* da coleção Clínica Psicanalítica:

O desamparo que permeia a missão de cada um de se desprender do universo familiar, neste momento decisivo, produz uma condição de disponibilidade para a

promoção de laços identificatórios com aqueles que se prestam para tanto, conforme a constelação de referências que caracterizam cada cenário. O desamparo funciona como um vácuo responsável pelo empuxo (força centrípeta) que tende a trazer para as inscrições ideais do aparelho psíquico (ideal de eu), os dispositivos oferecidos em cada meio, ou seja, fazer uso dos traços compartilhados com aqueles que são percebidos como semelhantes, lançando mão dos ideais das massas (ou segmentos) das quais cada um participa, ou mesmo dos ideais da cultura de modo geral, heterogeneamente constituídos. (MATHEUS, 2013, p. 204)

Os conceitos de identificação, ideal de eu e subjetivação serão abordados com maior profundidade nos capítulos posteriores.

4. A SEXUALIDADE FEMININA EM FREUD E A HIPÓTESE DA BISSEXUALIDADE

“Parte daquilo que nós homens chamamos o ‘enigma da feminilidade’ talvez resulte dessa expressão da bissexualidade na vida feminina” (FREUD, 2020, p. 288)

A hipótese da bissexualidade tem seus ecos visíveis na obra de Freud desde a primeira edição dos *Três Ensaio Sobre a Sexualidade* (1905), e é retomada com mais intensidade nos textos sobre a feminilidade da década de trinta. Assim, para o autor, a subjetivação do sexo torna-se um processo complexo e tortuoso, embaralhando os termos da masculinidade, feminilidade, heterossexualidade e homossexualidade. Acompanharemos o desenvolvimento da hipótese da bissexualidade ao longo da obra de Freud. No entanto, antes de aparecer nos textos publicados, a temática já ocupava os pensamentos do autor, como pode-se ver a seguir, em algumas trocas entre Freud e Fliess.

4.1 Cartas entre Freud e Fliess sobre a questão da bissexualidade

Nos últimos anos do século XIX, Freud e Fliess trocaram extensa correspondência. Freud fora missivista contumaz, sua correspondência completa é estimada em cerca de vinte mil cartas, volume que ultrapassa o de sua obra destinada à publicação. Aproximadamente metade dessa produção foi preservada, nela ocupa papel de destaque a troca com Fliess, por seu papel seminal na invenção da psicanálise. Fiz uma seleção de trechos dessas trocas dentro do capítulo: *Cartas sobre a bissexualidade* do livro *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, volume: *Amor, Sexualidade e Feminilidade*, da editora Autêntica, publicado em 2020.

A ideia de uma disposição bissexual inerente ao ser humano, além da própria ideia da sexualidade infantil, causou muita resistência no meio científico e social da época em que Freud a propôs. Isso pois tais concepções incomodavam a moral sexual civilizada e certos valores vigentes da família burguesa. A mesma resistência pôde ser vista no próprio Freud que, em cartas direcionadas a Fliess (1898) diz:

Parece tratar-se do seguinte: fiquei formalmente tocado pela ênfase na bissexualidade e considero essa sua ocorrência de pensamento a mais importante para os meus temas desde a “defesa”. Se eu tivesse aversão, por razões pessoais, por ser eu mesmo um tanto neurótico, essa aversão teria necessariamente que se voltar justamente contra a bissexualidade, que responsabilizamos pela tendência ao recalçamento. (FREUD, 2020)

Freud afirmou em inúmeras passagens de suas correspondências, o alto valor que conferia à hipótese da bissexualidade, seguem alguns trechos:

E também não subestimo a bissexualidade de modo algum: dela espero obter toda a iluminação adicional, especialmente a partir daquele momento no mercado de Breslau, em que travamos uma conversa. Só estou afastado dela agora porque, enterrado em um poço profundo, não enxergo mais nada. (FREUD, carta 161, 2020)

Quanto mais o trabalho desse ano vai agora ficando pra trás, mais satisfeito vou ficando com ele. A não ser com a bissexualidade! A respeito dela, você certamente tem razão. Estou até me acostumando a conceber cada ato sexual como um processo entre quatro indivíduos. Sobre isso haverá muito que conversar. (FREUD, carta 208, 2020)

E agora o principal! Tanto quanto posso perceber, meu próximo trabalho deverá chamar “A bissexualidade humana”, que pegará o problema pela raiz e dirá a última palavra que me for possível. A última e a mais profunda. No momento tenho para ele apenas uma coisa: o reconhecimento principal que há muito tempo se construiu sobre a idéia de que o recalçamento, meu problema central, só é possível através de reação entre duas correntes sexuais. Eu precisarei de cerca de meio ano para reunir o material e espero descobrir que o trabalho já esteja agora passível de execução. Mas então vou precisar ter uma conversa longa e séria com você. A ideia em si é sua. Deve se lembrar que disse a você há anos que a solução estava na sexualidade, quando ainda eras rinologista (*Nasenarzt*) e cirurgião, e anos depois corrigiu: na bissexualidade, e vejo que tem razão. (FREUD, carta 270, 2020)

As promessas de Freud não se consolidaram, podemos perceber os contorcionismos e resistências dele para escrever sobre o tema, em parte por questões pessoais, já confessa na primeira carta aqui transcrita, e, em parte, pela resistência do meio científico e social da época. Porém esteve em jogo, também, a dificuldade de Freud em publicar algo que não era uma ideia original sua, sem o apoio do autor dela: seu amigo e confidente W. Fliess. Foi justamente a partir dessa questão, de como tal ideia teria sido apropriada por Freud, que a relação dos dois começa a estremecer, até chegar ao afastamento total.

Apesar de não ter escrito o texto prometido sobre o tema, Freud fez algumas poucas menções no texto de 1905, *Três Ensaios sobre a Sexualidade*. Conteúdo pequeno perto de tudo que se pôde ver que a temática lhe suscitou na época. A seguir, tecer-se-ão essas considerações no texto de 1905 e, depois, aos textos da década de trinta sobre a feminilidade em que Freud finalmente se debruça um pouco mais sobre a questão.

4.2 Primeiros escritos publicados sobre a bissexualidade: *Três Ensaios para uma Teoria Sexual* (1905)

Em *Três Ensaios para uma Teoria Sexual* (1905), no Capítulo I: *As aberrações sexuais*, Freud inicia o texto dizendo que a pulsão sexual existe na infância sob múltiplas formas que se reencontram no adulto, seja este perverso, neurótico ou normal. A

heterossexualidade reprodutiva seria apenas uma dessas formas, zoofilia, necrofilia, pedofilia, homossexualidade, fetichismo, voyeurismo, exibicionismo, sadismo, masoquismo seriam também expressões da sexualidade, tão genuínas quanto a primeira, apesar de buscarem objetos e finalidades muito afastadas da relação heterossexual que definiria a norma, segundo a opinião da sociedade. Assim Freud deixa bem claro que sexual não coincide com genital, que a pulsão não seria uma, mas sim múltipla, e também o são os objetos e finalidades que persegue, afirma ainda que a origem dessa variedade estaria no desenvolvimento infantil.

Quando está discutindo sobre o fato de a inversão ser inata ou adquirida, dedica um item à bissexualidade. Isso se dá na passagem em que está contestando a opinião popular de que ou se é homem, ou mulher. Apoia-se nas características anatômicas para dizer que as fronteiras são menos estanques do que pregado:

Mas a ciência conhece casos em que as características sexuais aparecem borradas, dificultando assim a determinação do sexo; primeiramente no campo da anatomia. Os genitais dessas pessoas reúnem caracteres masculinos e femininos (hermafroditismo). (...) O importante nessas anomalias é que facilitam, de modo inesperado, a compreensão do desenvolvimento normal. Pois um certo grau de hermafroditismo anatômico faz parte da norma: em nenhuma pessoa normalmente desenvolvida, homem ou mulher, faltam traços do aparelho do outro sexo, que continuam a existir sem função, como órgãos rudimentares, ou foram modificados para assumir outras funções. A concepção que resulta desses fatos anatômicos há muito conhecidos é de uma predisposição originalmente bissexual, que no curso do desenvolvimento se transforma em monossexualidade, com alguns resíduos do sexo atrofiado. (FREUD, 2016, p. 29)

Logo, Freud passa a refletir se seria possível transpor tal concepção anatômica à psique, porém não acredita que isso acontecesse. Em suas palavras:

A teoria da bissexualidade foi enunciada de maneira rudimentar por um porta voz dos invertidos masculinos: “cérebro de mulher em corpo de homem”. Mas não conhecemos as características de um “cérebro de mulher”. Substituir o problema psicológico pelo anatômico é desnecessário e injustificado. (FREUD, 2016, p. 31)

Quando está falando sobre a escolha de objeto dos invertidos, faz uma ressalva de que em alguns casos existe a busca de um objeto com características femininas e masculinas, destacando existir um impulso que anseia pelo homem e um que anseia pela mulher. Nessa passagem, em uma nota de rodapé, Freud faz duas menções à temática da bissexualidade:

Para a psicanálise, isto sim, a escolha objetual independente do sexo do objeto, a possibilidade de dispor livremente de objetos masculinos e femininos, tal como se observa na infância, em estados primitivos e épocas antigas, parece ser a atitude original, a partir da qual se desenvolvem, mediante restrição por um lado ou por outro, tanto o tipo normal quanto o invertido. (...) Desde que tomei conhecimento da noção de bissexualidade por W. Fliess, considero esse fator decisivo e acho que, sem levar em conta a bissexualidade, dificilmente poderemos chegar a compreensão das manifestações sexuais que realmente se observam no homem e na mulher. (FREUD, 2016, p. 140)

4.3 Textos sobre a feminilidade

“É próprio da peculiaridade da psicanálise, então, que ela não se ponha a descrever o que é a mulher – uma tarefa quase impossível para ela –, mas investigue como a mulher vem a ser, como se desenvolve da criança inativamente bissexual.” (FREUD, 2010, p. 269)

O conceito da bissexualidade será novamente abordado por Freud na década de trinta, quando ele aprofunda as descobertas em relação à sexualidade feminina em seu artigo: *Sobre a Sexualidade Feminina* (1931) e depois, em *A Feminilidade* (1933). Por serem de particular interesse no desenvolvimento dessa dissertação e na compreensão da feminilidade contemporânea, me deterei mais detalhadamente a cada um deles. Existem muitas críticas, ao meu ver, bem fundamentadas, em relação à forma como Freud aborda a questão do feminino. Neste capítulo serão apresentados conceitos do autor como estão em seus textos, e nos capítulos posteriores algumas reflexões e críticas sobre eles.

4.3.1 Sobre a Sexualidade Feminina (1931)

Nesse texto, Freud aprofunda suas descobertas sobre a sexualidade feminina, retoma os conceitos elaborados acerca do Édipo feminino e dá especial atenção à fase pré-edípica das garotas. Busca responder questões próprias do desenvolvimento: Por que a menina abandona o clitóris como zona erógena dominante e migra para vagina? Como, quando e por que ela abandona a mãe como objeto amoroso principal (se desprende)? Como encontra o caminho até o pai? O que estaria em jogo nessa passagem? Como muda de posição, de ativa (masculina) para a passiva (tipicamente feminina). Vale ressaltar que Freud diz que a fase pré-edípica da menina é mais complexa que a do menino e, também, que leva mais tempo na maioria dos casos. Nas próprias palavras do autor: “A duração desse vínculo (pré-edípico) com a mãe fora bastante subestimado. Em muitos casos ele ia até os quatro, um deles até os cinco anos de idade, ou seja, cobria a maior parte do florescimento sexual das meninas”. (FREUD, 2010, p. 373)

A fase pré-edípica na menina abre espaço pra fixações e recalques e, portanto, para o desenvolvimento de neuroses e psicoses, em especial a histeria e a paranoia. Assim Freud desloca a importância do período edípico para o pré nas garotas, o que constitui uma

novidade, uma vez que até então tínhamos o período do Complexo de Édipo no centro nuclear da psicopatologia das neuroses para ambos os sexos.

Há nesse texto a recuperação de uma ideia já proposta pelo autor de que os seres humanos têm disposição à bissexualidade, porém com a ressalva de que essa disposição seria mais forte nas meninas. Isso pois, entre outros motivos, elas só atingem a posição edípica positiva após haver superado uma época anterior, dominada pelo complexo negativo.

Nas palavras de Freud:

Em primeiro lugar é indiscutível que a bissexualidade – que afirmamos ser parte da constituição humana – aparece bem mais nitidamente nas mulheres do que nos homens. O Homem tem apenas uma zona sexual diretora, um órgão sexual, enquanto a mulher tem dois: a vagina que é propriamente feminina, e o clitóris que é análogo ao membro masculino. [...] O essencial do que sucede no âmbito da genitalidade, na infância da mulher, deve ocorrer no clitóris. A vida sexual da mulher se divide normalmente em duas fases, das quais a primeira tem caráter masculino; apenas a segunda é especificamente feminina. No desenvolvimento feminino há, então, um processo de transição de uma fase para a outra, que não tem análogo no homem. Uma outra complicação vem do fato de que a função do viril clitóris prossegue na vida sexual posterior das mulheres, de maneira bastante variável e não compreendida satisfatoriamente.

[...] Paralelamente a essa primeira grande diferença, ocorre outra, no terreno da busca de objeto. O primeiro objeto amoroso do homem é a mãe, em consequência dos cuidados de higiene e de alimentação que lhe dispensou, e como tal continua, até ser substituída por alguém de natureza semelhante a ela ou dela derivado. Também para a mulher a mãe é o primeiro objeto; as condições primordiais da escolha de objeto são as mesmas para todas as crianças. Mas no final do desenvolvimento o homem – o pai – deve se tornar o novo objeto de amor, ou seja, à mudança no sexo da mulher tem de corresponder uma mudança no sexo do objeto. (FREUD, 2010, p. 376)

O comutador dessas transformações é fundamentalmente o Complexo de Castração nas meninas. Diferente dos meninos, que tem o Édipo dissolvido por tal complexo, as meninas ingressam no Édipo através da influência dele. Ela não sente angústia de castração, pois através da premissa universal do pênis e da constatação das diferenças anatômicas sexuais, ela constrói a teoria de que já é castrada. Sente-se inferiorizada, com seu narcisismo ferido e, diante dessa angústia, cria algumas alternativas para continuar seu processo de sexuação:

1) afasta-se da sexualidade em geral, renuncia sua atividade fálica, assim como de boa parte de sua masculinidade em todos os campos: é o triunfo de um intenso recalque.

2) se apega com teimosa autoafirmação à masculinidade ameaçada, mantém viva a esperança de ter um pênis (falo ou substituto), a fantasia de ser um homem prossegue. Essa orientação pode resultar em manifesta escolha homossexual de objeto.

3) apenas o terceiro desenvolvimento conduziria à “configuração da feminilidade normal”, segundo Freud, que toma o pai por objeto e afasta-se da mãe, alcançando a forma feminina do Complexo de Édipo.

Quais seriam os mecanismos nas meninas envolvidos no afastamento do objeto materno? Segundo o que Freud formula no texto, ela o faz, em parte, por ciúmes, ligados especialmente aos irmãos, aos rivais e até ao pai, invejando-os por seus atributos fálicos. Acusa a mãe de preferi-los e desenvolve raiva e rancor contra ela. Salienta que o amor das crianças de ambos os sexos é sem meta, incapaz de alcançar plena satisfação e, por isso, está condenado a acabar em decepção e dar lugar a uma atitude hostil. Segundo a psicanalista Nora Beatriz Miguelez:

Além disso, Freud observa que a origem da masturbação no clitóris é muitas vezes atribuída pela menina à sedução materna, e ela tem para isso uma base real, propiciada pelos cuidados corporais dispensados pela mãe. Quando esta proíbe a masturbação, a menina revolta-se contra aquela que primeiro a seduziu e agora interdita seu prazer. Outros fatores atuam para que a menina abandone o objeto mãe: quando a criança deixa de considerar a castração como uma desgraça pessoal e a estende a todas as mulheres, desvaloriza-as, e junto com elas a mãe. No entanto, o mais intenso motivo de rancor contra a mãe é aquele de a ter concebido mulher, sem o genital apropriado. A reivindicação aparece substituída por outras, como a de não ter recebido da mãe leite, cuidados ou atenção suficientes. (MIGUELEZ, 2010, p. 97)

Freud salienta, por fim, que além de todos esses componentes próprios do desenvolvimento feminino, algo a mais ainda se fazia necessário para justificar o ódio sentido pela menina. Aponta para a ambivalência de amor e ódio presente em todas as relações, pelo amor da criança ser intenso, o sentimento de ódio também o é. Um adulto, depois de desenvolver-se, consegue separar tais sentimentos, mas as crianças, assim como os primitivos, não. Na primeira fase da vida amorosa, a ambivalência é regra, e em alguns indivíduos esse traço arcaico não desaparece, vemos isso nos neuróticos obsessivos, por exemplo.

As metas sexuais das meninas em relação à mãe são de natureza tanto passiva quanto ativa. Quando a menina abandona com rancor o objeto mãe, todas as suas aspirações ativas, de algum modo fracassadas, tornam-se metas passivas. Essas últimas serão dirigidas ao pai. Freud salienta que a relação entre atividade e passividade merece especial atenção, afirmando ser fácil observar que toda experiência no âmbito da vida psíquica, toda impressão recebida passivamente, suscita na criança uma reação ativa. Ela procura fazer o mesmo em outro, o que fora feito a ela. Apontando, assim, para uma preferência inegável pelo papel ativo. Mas isso não acontece de forma igual e com a mesma intensidade de força em todas as crianças, em algumas pode nem ocorrer. Daí, segundo Freud, pode se tirar uma conclusão sobre a força relativa da masculinidade e da feminilidade que a criança exibirá em sua sexualidade.

Segundo o autor, o afastamento da menina da relação com a mãe é um fenômeno complexo, e não se trata somente de uma mudança de objeto. Há também, entre outros motivos já abordados, uma diminuição dos impulsos sexuais ativos e aumento

concomitantemente dos passivos. Sem dúvidas as tendências ativas são mais afetadas pela frustração. Com o afastamento em relação à mãe, frequentemente cessa também a masturbação clitoridiana e com a repressão da masculinidade na menina, não é raro que seja prejudicada boa parte do seu interesse sexual. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade fica aberto para a menina, desde que não seja limitado pelos resíduos da superada ligação pré-edípica com a mãe.

4.3.2 A Feminilidade (1933)

Esse texto está presente nas *Novas conferências de introdução à psicanálise*, de 1933. Nele Freud retoma os conceitos relacionados ao desenvolvimento da feminilidade e ao Complexo de Édipo feminino, já trabalhados no texto de 1931. Sendo assim, não acompanhar-se-á seu desenvolvimento completo, mas apenas a exploração de alguns elementos diferenciais.

No começo o autor se apoia na diferença anatômica e fisiológica para caracterizar o que seria um macho e uma fêmea, dizendo que macho seria o produto sexual masculino, o espermatozoide e seu portador, enquanto fêmea, o óvulo e o organismo que o abriga. Nos dois sexos, órgãos que servem às funções sexuais se formam e em ambos, as partes do corpo e os tecidos mostram influência pelo sexo. Segundo o autor, a ciência chama a atenção para o fato de que algumas partes do aparelho sexual masculino se acham igualmente no corpo da fêmea, ainda que em estado atrofiado, e o mesmo acontece no macho. Assim haveria sinais de bissexualidade, como se o indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre as duas coisas, apenas um tanto mais de uma do que de outra e, ainda, a proporção em que masculino e feminino se misturam, no ser individual, estaria sujeita a consideráveis variações. Ele diz que existe o hábito de empregar também masculino e feminino como atributos psíquicos e, da mesma forma, transpor a teoria da bissexualidade para a vida psíquica, dizendo que uma pessoa, homem ou mulher, comporta-se de maneira feminina ou masculina em determinados pontos. Aqui há uma importante colocação do autor, de que quando se fala em masculino, em geral, estão querendo dizer “ativo” e quando falam em “feminino”, “passivo” e, assim, estariam reduzindo o caráter masculino ao fator da agressividade. Já a feminilidade seria caracterizada psicologicamente pela preferência por metas passivas, o que não é o mesmo que passividade. Isso pois, pode ser necessário uma bela dose de atividade para se alcançar uma meta passiva.

Depois disso, Freud faz uma consideração sobre a importância de psicanalistas mulheres estarem se dedicando ao tema e, muitas vezes, apontando para preconceitos

arraigados que poderiam circular entre os colegas de profissão homens. Diz na sequência sua célebre frase de que psicanálise não descreve o que é a mulher, e sim investiga como ela se torna uma, dando ênfase ao processo de desenvolvimento da sexualidade, um processo que se iniciaria muito antes da puberdade, ressaltando ainda que a evolução de uma garota pequena para mulher normal seria muito mais complexa e difícil do que o que se sucede com os meninos, isso pois envolve basicamente duas tarefas a mais: mudança de órgão como zona erógena principal: do clitóris para a vagina, e mudança do principal objeto amoroso, da mãe para o pai. Essas questões já foram bem exploradas no texto anterior.

Freud enuncia algumas características típicas da menina: menos agressiva, menos teimosa e, também, menos autossuficiente, tem mais necessidade de demonstração de afeto e, por isso, é mais dócil e dependente. Tem a impressão de que as garotas são mais inteligentes e vivazes do que os garotos da mesma idade, além de formarem investimentos objetivos mais fortes. Porém salienta que tais características não devem ser levadas em conta, uma vez que existem bastantes variações individuais.

Freud faz essa comparação uma vez que nessa fase os meninos se masturbam mexendo em seu pênis, e as meninas, analogamente, em seu clitóris, que em suas palavras seriam um equivalente do pênis. O clitóris é a principal zona erógena na fase fálica, porém no caminho para a feminilidade normal deve ceder espaço para a vagina. Essa seria uma das tarefas que dificultam o caminho das meninas, assim como a mudança de objeto, e então ele passa a descrever como essa transição de objeto da mãe para o pai se sucede, como a menina passa da fase masculina para a feminina e como se forma a hostilidade tão intensa da filha pela mãe (abandona o amor pela mãe fálica e passa a odiar a mãe castrada), tema já exaustivamente explorado no texto anterior.

Vocês percebem que uma onda de desenvolvimento assim, que remove a atividade fálica, aplaina o terreno para a feminilidade. Se nisso não se perder muita coisa mediante a repressão, essa feminilidade poderá ser normal. O desejo com que a menina se volta para o pai é provavelmente, na origem, o desejo pelo pênis que a mãe não lhe deu e que ela espera receber do pai. Mas a situação feminina se estabelece apenas quando o desejo pela criança substitui o desejo pelo pênis, ou seja, quando a criança, conforme uma velha equivalência simbólica, toma o lugar do pênis. (FREUD, 2010, p. 284)

Freud faz uma distinção do desejo de ter um bebê na fase fálica das meninas, tão presente nas brincadeiras de boneca, aferindo a ele uma conotação de identificação com a mãe, e não uma expressão de feminilidade. Só com a emergência do desejo do pênis o bebê-boneca torna-se um bebê do pai e, a partir de então, o alvo do mais forte desejo feminino,

marcando a entrada da menina no complexo de Édipo. A mãe passa a ser vista como rival, pois recebe do pai tudo que a menina cobiça dele.

O menino entra no complexo de Édipo em decorrência do medo de castração, de perder seu pênis, e reprime seus desejos incestuosos por meio de uma forte repressão e pelo surgimento de um severo Supereu, “o herdeiro do Édipo”. O que ocorre com as meninas é quase o contrário, o complexo de castração prepara o de Édipo, ela entra na situação edípica como em um porto seguro. Com a ausência do medo de castração, lhe faltariam motivos para superar o complexo de Édipo. A menina permanece nele mais tempo, desmontando-o tardiamente e, ainda, de forma incompleta: “A formação do Supereu tem de sofrer nessas circunstâncias, ele não pode alcançar a fortaleza e a independência que lhe dão a sua importância cultural”. (FREUD, 2010, p. 286)

Freud passa no texto a falar, brevemente, sobre a ulterior conduta feminina, depois da puberdade, dizendo que esta ficaria exposta à perturbação pelos fenômenos residuais da primitiva época masculina, sendo frequente regressões às fixações daquela fase pré-edípica e, assim, tornando comum em algumas mulheres se alternarem o domínio de feminilidade e masculinidade. “Parte daquilo que nós homens chamamos o ‘enigma da feminilidade’ talvez resulte dessa expressão da bissexualidade na vida feminina.” (FREUD, 2010, p. 288)

Freud diz, então, sobre características do feminino, mas ressalta o valor mediano de tais afirmações, pois não tem como medir o que seria influência da função sexual ou do social. Diz que na feminilidade há um alto grau de narcisismo, que também afeta a escolha objetal, de modo que ser amada se constitui uma necessidade mais forte que amar para as mulheres. Na vaidade está implícita a inveja do pênis, seus encantos seriam uma compensação pela inferioridade sexual original, no pudor a intenção original de cobrir o defeito dos genitais.

Quanto aos determinantes da escolha objetal, Freud faz uma ressalva que pode ser difícil alcançá-los devido algumas circunstâncias sociais, porém quando isso se faz livremente, com frequência dá-se conforme o ideal narcísico do homem que a menina desejava ter se tornado. Freud faz ainda algumas considerações importantes sobre a identificação materna na constituição da feminilidade, dizendo que a identificação materna da mulher permite reconhecer duas camadas: a pré-edípica, que repousa na ligação afetiva com a mãe e a toma por modelo, e a posterior, vinda do complexo de Édipo, que busca eliminar a mãe e substituí-la junto ao pai. Segundo o autor, muita coisa das duas permaneceria na vida futura, porém salienta que a fase pré-edípica seria decisiva para o futuro da mulher, sendo

justamente nela que se prepara a aquisição dos atributos com que depois ela cumprirá seu papel na função sexual e desempenhará suas inestimáveis tarefas sociais.

4.3.3 *Análise Terminável e Interminável (1937)*

Sem detenção em detalhes nesse texto, o que fugiria do objeto de estudo da presente dissertação, apenas será mencionada uma noção nele presente de especial interesse na questão da feminilidade. Para Freud, a desautorização da feminilidade (ou o “rochedo da castração”) seria um dos mais poderosos fatores que impediriam a conclusão de uma análise, uma das mais poderosas resistências ao processo. Tal desautorização aconteceria tanto em homens quanto em mulheres e homossexuais, sem distinção de quadros patológicos, porém surgindo através de temas diferentes em cada sexo. Ao colocar como meta analítica a admissão da feminilidade, tanto para homens como para mulheres, Freud estaria postulando como um final de análise a possibilidade de um funcionamento psíquico que superasse a lógica fálica. A feminilidade apareceria, então, como equivalente à castração simbólica.

5. A SEXUALIDADE FEMININA CONTEMPORÂNEA E A LÓGICA PÓS-BINÁRIA

“Simone de Beauvoir escreve: ‘Não se nasce mulher, torna-se mulher’. Eu diria: nasce-se (biológico) mulher, mas EU (consciente-inconsciente-psicossexual) me torno (ou não) feminino (FEMININA).” (KRISTEVA, 2019, p. 3)

5.1 O Feminino na contemporaneidade

A questão do feminino nas obras de autores pós-freudianos apresenta-se sob as mais variadas formas, possibilitando diversas pesquisas no campo da sexuação (tornar-se mulher), na metapsicologia (estudos sobre a pulsão) ou, ainda, no campo da constituição da subjetividade. Vimos até então como Freud abordara o tema, principalmente no final de sua obra, deixando muitas lacunas e um campo fértil para os analistas que o sucederam. Apesar de ter sido revolucionário em sua época e inventado um método de investigação que derrubou muitas visões tradicionais, com a feminilidade foi diferente. Mostrou-se conservador e marcado por uma visão falocêntrica, que coloca o homem no centro e atribui à mulher, uma posição estrangeira, condensando toda a conotação “do diferente”, “do enigma”, de castrada, de não ter o que o outro (homem) tem, ou seja, um ser incompleto em sua essência, desejoso e invejoso da situação masculina. Na obra freudiana, a anatomia feminina do clitóris, por exemplo, é tida como um “pênis atrofiado”, novamente aludindo a uma suposta inferioridade da menina.

No caminho normativo estabelecido por Freud, a situação feminina só é estabelecida se o desejo pelo pênis for substituído pelo desejo por um bebê, seguindo uma equivalência simbólica. Mas cabe aqui uma indagação: e as mulheres que não querem ter filhos? Não poderiam encontrar produtividade e potência em outras formas sublimatórias? É nítido que as concepções de Freud eram em ampla medida ideológicas e refletiam, sob uma aparência científica, os preconceitos de sua época.

Joel Birman, em seu livro, *Cartografias do Feminino* (1999), aponta para uma ambiguidade na obra freudiana em relação ao feminino. Ele diz que se nos ativermos com mais profundidade ao sentido ao longo da obra, ao invés de analisarmos somente as palavras usadas diretamente para falar sobre o tema, perceberemos que Freud conferia, também, uma positividade à feminilidade. Mesmo a tendo como o *rochedo da castração*, uma espécie de

limite biológico da condição humana, Freud acreditava que a assunção pelo sujeito de sua feminilidade estaria no fundamento do projeto psicanalítico:

Sendo pois para a exploração desse território sagrado que nos conduz de maneira inequívoca a experiência psicanalítica. Digo sagrado na medida em que se contrapõe ao mundo das convenções sociais e das normas reguladas pelo eu e pelo falo. Com efeito se o ofício de psicanalisar implica conduzir as subjetividades para uma modalidade específica de desfalicização, denominada ainda por Freud de experiência de castração, o conceito de feminilidade seria uma maneira outra de se referir a isso. (...) Pode se vislumbrar aqui o que existe de enigmático em tal experiência, ao lado de sua dimensão de aventura, pois o que se coloca é o esforço e o trabalho incansável que a subjetividade realiza para camuflar a sua fragilidade, pela mediação do falo, sendo o desamparo que está em pauta. (BIRMAN, 1999, p. 12)

Em 2019, a IPA (*International Psychoanalytical Association*) propôs como tema de seu congresso mundial bianual *O Feminino*, e assim o fizeram a *Revista Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI)* e tantas outras publicações. Isso demonstra o crescente interesse da comunidade psicanalítica sobre o tema, e o holofote colocado nas diferentes possibilidades de sexuação e subjetivação que temos encontrado na contemporaneidade. A presidente da IPA naquele ano era Julia Kristeva, que escreveu um texto de abertura para o congresso: *Prelúdio de uma ética do feminino*, justificando que fora preciso uma presidente mulher para ter coragem de propor a temática, uma vez que o machismo e a dominação masculina imperaram em todos os âmbitos da sociedade por muitos anos, inclusive na própria psicanálise.

Prefigurando alguns aspectos das teorias dos gêneros, há uma bissexualidade psíquica polifônica, que é mais acentuada na mulher, mas se desdobra em cada sexo, de modo que pelo menos quatro participam do “jogo”. Para se modular, no fim, singular. Angustiante e jubilosa é a liberdade arriscada dessa escolha, dessa ética cujas normas, até mesmo as próprias identidades (homem/mulher), tornaram-se conceitos dinâmicos. Para o melhor e para o pior.

Resta a pergunta enigmática que Freud faz a Marie Bonaparte: “O que quer a mulher?” (*Was Will das Weib?*). Ele não se interroga sobre o desejo (*wunsch*), mas sobre o querer (*wollen*), pilar da escolha numa vida ética. O incompreensível (“o que quer?”) diz respeito a relação do feminino com os ideais da vida e com a vida ela mesma, inseparável dos ideais culturais. Será que Freud buscava uma reestruturação da ética pelo feminino? A biopolítica da modernidade exige de nós, mais do que nunca, este questionamento. O feminino é transformativo: a vivacidade do feminino não é nem inata e nem adquirida, mas incansavelmente conquistada desde as duas fases do Édipo inacabado, ela se diversifica ou sucumbe nas provas da impiedosa realidade sócio-histórica.

Antes de prosseguir, uma confissão. Como vocês, ouço o feminino da mulher (não tratarei o feminino do homem) ao escutar meus pacientes, ao ler o que vocês escrevem, ao dialogar com vocês. E com frequência – como vocês? – estou farta dos seus mistérios disruptivos, de suas maquiagens de todo tipo. Em que proporção o feminino está em mim? Em vocês? Ninguém sabe, mas o feminino que eu encarno, à minha maneira, não é um artefato ideológico. EU participo de seu advento, sempre já por vir. Simone de Beauvoir escreve: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Eu diria: nasce-se (biológico) mulher, mas EU (consciente – inconsciente – psicosexual) me torno (ou não) feminino (FEMININA). (KRISTEVA, 2019, p. 3)

Segundo a autora, o feminino transformativo é um multiverso (termo da astrofísica contemporânea) que o encontro amoroso desperta e reconstrói. A não ser que essa estrutura laminada seja condensada em anorexia ou frigidez, uma cascata de sensorialidades, traços mnésicos, fantasias e ideais levam o prazer de órgãos ao gozo feminino. A pele tem alma, a carne tem alma. A experiência materna é outro componente do feminino transformativo que a autora denomina como religância. Um erotismo no mesmo sentido que a psicanálise entende Eros: como reunindo a substância viva, dispersa em partículas, em unidades cada vez mais extensas, mantendo-a naturalmente nesse estado.

Há uma dimensão de constante transformação nas ideias de Kristeva sobre o feminino, provavelmente influenciadas por Judith Butler, que aparece com frequência nas obras da autora e que, por sua vez, destaca a noção de processo contínuo no conceito de gênero, apontando para a tendência de fluidez que observamos nos jovens da atual geração.

Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim torna-se mulher decorre que mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações. Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais retificadas, a própria “cristalização” é uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por vários meios sociais. Para Beauvoir, nunca se pode tornar-se mulher em definitivo, como se houvesse um *telos* a governar o processo de aculturação e construção. O gênero é a estilização repetida no corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2019, p. 69)

Os limiares dessa transformabilidade são tantos obstáculos nos quais o destino feminino tropeça ou fracassa, por um lado, no sofrimento ou no sintoma patológico, e, por outro, na cumplicidade com o conformismo social ou o totalitarismo. Segundo Kristeva, quando por sua vez o feminino consegue driblar tais obstáculos, associando-se com o masculino de um companheiro, apoiando-se na cumplicidade de uma companheira ou numa comunidade, atravessando a solidão e os conflitos e, por exemplo, com o auxílio da psicanálise, o feminino reflete uma maturidade que parece faltar ao “bebê-macho”. Tal autora pensa que o feminino participa da superação e da legitimação em curso das identidades de sexo e gênero, do futuro singular e compartilhável dessas. Diz ainda que o terceiro milênio será o das chances individuais, isto é, singulares e, se assim não for, se deixará engolfar em semelhanças e *likes* banalizados pela automação que está instalando a dominação binária “daqueles que o têm” sobre “aqueles que não o têm”.

Ainda segundo Kristeva, o trauma da diferença dos sexos, que Freud especula até o *Esboço* (1939-40), encobre-se, se não desaparece, na multiplicação dos gêneros que

reivindicam para coexistir. No entanto, o alcance libertador do gênero desestabiliza o próprio “sexo psíquico” e revela as zonas traumáticas da subjetividade, em que se rompe esse vínculo primordial com a vida, que é a sexuação. Sem sucumbir a clivagem, mas beirando-a, a angústia da castração e do vazio, bem como a exibição fálica podem gerar sintomas que, longe de erotizarem o feminino, o desintegram e o levam ao recuo do outro e dos vínculos. Isso quando não o condenam à violenta vertigem do ser que intima a mudar de corpo pela manipulação hormonal ou até mesmo genética. Assim, os analistas, sejam homens ou mulheres, são levados a recriar – em sua escuta – o feminino para acompanhar os sintomas desses sujeitos em direção à criatividade.

A heterossexualidade (no sentido da psiquização da genitalidade e da diferença sexual, incluindo a bissexualidade psíquica, e no sentido de sua inserção no pacto social) é uma aquisição frágil e tardia na história das culturas humanas, sendo ainda hoje a problemática por excelência para todos os indivíduos, tanto na parentalidade quanto no próprio laço social. Atualmente a heterossexualidade deixa de ser percebida como a maneira mais segura e única de transmitir a vida e garantir a memória das gerações. No entanto, sejam quais forem as variantes da “norma heterossexual” na psicosexualidade de cada um, e as aceitações ou rejeições em relação aos casais compostos de formas diversas, a miragem da cena primitiva como fantasia original que estrutura o inconsciente relaciona inevitavelmente a diversidade dos erotismos com o ápice da procriação. A heterossexualidade conteria, assim, tanto a intensidade extrema como a fragilidade insustentável que habitam a fúria da cena primeva: fusão e confusão do homem e da mulher, perda exuberante de energias e identidades, afinidade da vida com a morte.

O casal heterossexual e sua família representariam uma possibilidade de se driblar a solidão, de se estender e de transmitir. Mesmo com toda a biotecnologia reprodutiva e o casamento para todos, nossas fantasias não se modificam, seguem convergindo inconscientemente para esse legado arcaico de parentalidade. O casal heterossexual, casado, continua a fascinar. Não só o casamento como instituição o normatiza, como também filmes de Hollywood a Bollywood, o impõem como modelo. De acordo com Kristeva, a partir da noção de feminino transformativo singular, infinitas são e serão as metamorfoses da parentalidade que a psicanálise se prepara para acompanhar.

5.2 A lógica pós-binária

Judith Butler, em seu livro *Problema de gênero* (2019), faz importantes e precisos apontamentos sobre a lógica binária da sexualidade. Em determinada passagem cita Foucault, que afirmava que a gramática substantiva do sexo impõe uma relação binária artificial, bem como uma coerência interna também artificial em cada termo desse sistema. A regulação binária da sexualidade suprimiria, dessa forma, a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica. Butler cita outra autora:

Para Wittig, a restrição binária que pesa sobre o sexo atende aos objetivos reprodutivos de um sistema de heterossexualidade compulsória; ela afirma, ocasionalmente, que a derrubada da heterossexualidade compulsória irá inaugurar um verdadeiro humanismo da “pessoa” livre dos grilhões do sexo. Em outros contextos, ela sugere que a profusão e a difusão de uma economia erótica não falocêntrica irá banir as ilusões do sexo, do gênero e da identidade. (BUTLER, 2019, p. 47)

Butler diz ainda em seu livro que a “unidade” do gênero é efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória, pois de fato há toda uma confusão (ambiguidades e incoerências) nas práticas heterossexual, homossexual e bissexual, que são suprimidas e redescritas no interior da estrutura retificada do binário disjuntivo e assimétrico masculino/feminino. A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e o gênero são sempre consideradas como “ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista” (BUTTLER, 2019, p. 70). A autora termina seu livro com a afirmação:

Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de um conjunto de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga. As configurações culturais do sexo e do gênero poderiam então proliferar ou, melhor dizendo, sua proliferação atual poderia então tornar-se articulável nos discursos que criam a vida cultural inteligível, confundindo o próprio binarismo do sexo e denunciando sua não inaturalidade fundamental. Que outras estratégias locais para combater o inatural podem levar à desnaturalização de gênero como tal? (BUTLER, 2019, p. 256)

5.2.1 Caso Clínico

Pensando no processo de sexuação das meninas dentro de uma lógica pós-binária, lembrei de uma paciente que chegou ao meu consultório com dezessete anos, a Paula. Na ocasião ela estava em ano de pré-vestibular, era muito aplicada e falava sobre um clima muito

pesado em seu colégio (um dos mais tradicionais em São Paulo): muita cobrança e competitividade, o que gerava estresse e angústia para todos. Nas palavras dela:

“Sou muito preocupada com minhas notas e também com os problemas dos meus amigos, tomo eles pra mim. Meus professores disseram que esse é um bom ano pra começar uma terapia. No meu grupo de melhores amigas, somos em quatro: eu, Luana, Manu e Heloísa. Três são bi e uma bem hétero, da igreja e tals. Uma delas ano passado pensou em se suicidar, fiquei muito preocupada, porque agora tantos adolescentes simplesmente se matam. Eu namorei por três anos o Pedro, e não transamos porque eu resisti muito, eu tinha nojo de me imaginar transando com ele, trocando fluidos... Ele me pediu em namoro e eu aceitei, depois não conseguia terminar, tinha dó. Eu me sentia pressionada a beijar ele pra mostrar pros outros, porque julgavam que a gente era estranho juntos.”

Além dos temas do colégio, Paula também falava muito de sua relação com os pais, que pareciam não compreender sua forma de ver o mundo. “Meus pais são empresários, trabalham muito e são muito preocupados em ganhar dinheiro, minha mãe está sempre cansada e meu pai nunca tá em casa, além de eu achar que ele trata muito mal minha mãe. Ela chora muito, parece meio frágil, meio bobinha e manipulável, já ele tem umas opiniões muito machistas, um horror! Meus pais falam cada uma, e meu irmão também às vezes me decepciona, esses dias ele falou: se homem pode virar mulher, quer dizer que preto pode virar branco? E meus pais riram... achei tão preconceituoso, racista, nossa, essas questões de gênero me pegam muito, é mais pessoal e profundo do que sexualidade geral.

Tá muito difícil conversar com meu pai, ele acha que agora que eu entrei na faculdade, por ser de humanas, tudo que eu falo é de esquerda. Minha mãe é mais bacana, mas toda semana, invariavelmente, vem com o mesmo papo: perguntando se eu não vou namorar ninguém. Me pergunta sobre os meninos da nova faculdade, fala que eu tenho que ir atrás do povo do Direito, ironizando que eles são mais ricos que os da minha área. Ela parece desesperada pra eu demonstrar interesse por algum menino, mas no momento não tenho interesse por ninguém. Romanticamente poderia me apaixonar por todas as pessoas “*all in between*”, mas sexualmente não sinto muito desejo. Eu nunca tive um *crush* mesmo: tipo a sensação de que alguém é muito legal e eu preciso impressionar. Às vezes acho que sou assexuada.”

Essa forma com que Paula fala sobre suas possibilidades de objetos amorosos, eu vejo presente no discurso de várias meninas de sua geração: a ideia de que se apaixonam pelo ser humano, por suas características como pessoa, independentemente do gênero. O que estaria em consonância com as ideias de Wittig, apresentadas logo acima por Judith Butler: “A

derrubada da heterossexualidade compulsória irá inaugurar um verdadeiro humanismo da ‘pessoa’ livre dos grilhões do sexo. [...] que irá banir as ilusões do sexo, do gênero e da identidade” (BUTLER, 2019, p. 47). Essa possibilidade de uma igualdade entre os seres humanos extrapolaria para as diferenças de gênero e daria força para esse movimento que prega que o amor tem de ser livre e acima dos rótulos identitários.

Paula prossegue em suas reflexões e salienta o quanto os pais não compreendem seu jeito e, ainda, a pressionam para entrar no estereótipo da mulher heterossexual que orientou a formação de identidade de sua mãe: “Esses dias eu fiz umas comprinhas e fiquei toda animada e feliz, cheguei em casa e mostrei pra minha mãe, ela disse, meio nervosa, que não gosta de coisa de brechó, que tem dinheiro pra eu comprar uma bolsa nova e, também, que minha camisa era muito grande... ela ia falar ‘masculina’ e se segurou. Acredito que ela transferiu para a questão do dinheiro seu incômodo com o estilo da minha blusa. Isso me deixou péssima, chorei muito. Eu gosto de roupa estilosa e confortável, mas ela insiste em querer que eu seja mais feminina. O que é ser feminina pra ela? Pra mim feminilidade não está nas roupas! Além disso, ela tem uma fixação em falar sobre eu ter filhos, casar. Estamos destruindo o planeta e eu vou colocar um filho no mundo? Adotar até me agrada, mas ter um meu não tenho a menor vontade. O sonho da minha mãe sempre foi casar e ter filhos, eu não sou assim! Ela não entende o conceito de *gender fluid*, não entende como alguém pode ser gay... é de outro planeta! Eu não me imagino casada, com filho eu até pode ser... mas casada jamais. Eu gosto de estar perto de pessoas, me atraio por gente, mas não tem libido em jogo”.

Paula nos mostra seu sofrimento ao ter que lidar com as expectativas dos pais, principalmente da mãe, de que ela corresponda a um ideal com o qual não se identifica minimamente e que julga ultrapassado. A partir dessas falas da mãe, começa a problematizar seu jeito de ser, diz que pode ser que ela seja diferente, estranha... mas reforça que não se sente assim quando está com as amigas que pensam parecido com ela.

Aqui vemos uma problemática anunciada também na introdução da presente dissertação, o fato de os repertórios dos jovens e de seus pais e adultos que o cercam estarem muito diferentes, numa proporção maior do que a que sempre houve nas sucessivas gerações, por conta dos avanços técnico-científicos e da aceleração das mudanças no mundo. Tal discrepância nos repertórios traz sofrimentos para os pais, que não veem suas expectativas de continuidade de família (o desejo de ter netos em alguns casos, como o narrado) e de projeções que fizeram em seus filhos quanto à sua conformação de gênero. Por outro lado, os filhos também sofrem com essas projeções e com a sensação de quem frustram seus pais em

seus sonhos e desejos. Vemos também a dupla pressão que Fabiana (a garota apresentada na introdução) nos revela: dos pais em direção à heteronormatividade e dos colegas à binaridade. Nesse caso de Paula não parece haver pressão das amigas, mesmo ela ressaltando que das quatro melhores, três são bissexuais, ela parece genuinamente se identificar com essa posição binária, com a noção de gênero fluido.

5.4 A noção de gênero fluido

Voltando à teorização sobre a questão do feminino e a lógica pós-binária e ainda dialogando com o tema do congresso, abordado no texto de Kristeva, temos ainda alguns artigos publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise* (associada à IPA) de 2019, dentre eles, destaca-se *Feminino e outras reflexões*. Neles os autores se propõem a pensar nas transformações no processo de sexuação da mulher contemporânea e como isso influencia na prática clínica do psicanalista. Como as propostas de Freud podem ser transformadas se, ao invés de pensarmos através de uma lógica binária e maniqueísta: fálico/castrado, ter/não ter, feminino/masculino, adotarmos uma lógica pós-binária, que inclua as complexidades da sexualidade que vemos se desdobrando no cenário contemporâneo? Dominique Scarfone (professor honorário da Universidade de Montreal e ex-editor do *International Journal of Psychoanalysis*) diz em seu artigo *O feminino, o analista e o infantil* que é impossível não considerarmos a dualidade feminino/masculino, ela existe, mas não deve acabar em si.

Como Françoise Heritier afirmou, é impossível não se referir à dualidade feminino/masculino. As teorias sexuais, infantis ou adultas, necessariamente dizem respeito ao corpo percebido como sexuado – mais precisamente – as diferenças que isso conota. Mesmo expressões que não mencionam a dualidade (por exemplo, cisgênero, transgênero, *queer* etc.) acabam aludindo, ainda que indiretamente, à dicotomia masculino/feminino. Por sua própria existência, os prefixos cis e trans, por exemplo indicam o posicionamento do gênero em relação ao sexo, isto é, apontam inevitavelmente a diferença. Do mesmo modo, a afirmação ativa do desvio refletido no termo gênero não binário sugere necessariamente um afastamento da norma de gênero implícita ou virtual. É importante observar, porém, que na sexualidade humana já há sempre o desvio e que não existe nenhuma linha reta sexual da qual se desviar, para começo de conversa. (SCARFONE, 2019, p. 121)

No artigo *Fluidez de gênero e gênero como força interpelativa* (2019), Adrienne Harris (psicanalista e analista de supervisão na New York University, no programa de pós-doutorado em psicanálise e psicoterapia), no mesmo volume da revista, examina as implicações da fluidez de gênero e da permanência de gênero para fins de experiência clínica e social. A autora, em diálogo com as teorias de Jacqueline Rose, acadêmica britânica, reflete sobre o esmagador poder das diferenças de gênero/sexo nas culturas e na psique. Mesmo com

toda a conversa sobre fluidez de gênero e alcance cada vez maior das formas de identidade, corporificação e desejo, a lei férrea da diferença de gênero exerce seu poder.

Esse sistema impulsiona o motor do privilégio masculino, apesar de, com certeza, os homens estarem coagidos dentro desse projeto assim como as mulheres. Não difere do privilégio branco. Isso me faz querer ater-me a um termo usado em relação ao racismo, a *fragilidade branca*, e assim notar em especial a presença e o lugar da fragilidade masculina para pensar como funcionam as diferenças de gênero/sexo. Fragilidade de gênero, fluidez de gêneros, prisão de gênero entremeadas. (HARRIS, 2019, p. 68)

Sobre a fluidez de gênero, a autora apresenta reflexões a partir de uma perspectiva intersubjetiva e relacional, conceituando gênero como resultado imprevisível de comunicações, mensagens, processos interativos nos quais a criança em desenvolvimento está envolvida e se constitui. Segundo Harris (2019), a partir de conceitos introduzidos por Laplanche, pode-se avaliar e compreender a volatilidade, o misto de fluidez e flexibilidade em que gênero e sexualidade surgem, ressaltando que para tal autor a sexualidade é sempre estrangeira – no sentido de vir de fora (da sexualidade dos adultos cuidadores). Concomitantemente, faz-se necessário continuar a dar importância para a força psíquica e real das interpelações de gênero e, ainda, levar em consideração o poder das forças sociais nos processos intrapsíquicos individuais, incluindo, mas não se limitando, a gênero e sexualidade. Isso porque as pressões em torno do desempenho ou construção de gênero são drásticas e transgeracionais, fazendo com que qualquer pessoa individual seja inundada e, grosseira ou sutilmente, marcada pelas intensas exigências a respeito do desempenho de gênero.

Vimos acompanhando na história como aos homens é cobrado esconder vulnerabilidade, desamparo, sensibilidade e necessidade, enquanto as mulheres devem mascarar capacidade e pulsão. Joan Riviere (1929) escreveu um ensaio sobre o tema: *Feminilidade Mascarada*, em que apresenta material clínico interessante, traçando as dificuldades das mulheres em situações em que a expectativa a respeito de desempenho, competência e exercício de ambição estivessem em jogo. Elas tentavam tranquilizar os homens que as observassem em sua atuação “competente” de que elas não seriam uma ameaça. Isso ainda é frequente no repertório de desempenho das mulheres contemporâneas, ressaltando que existe uma expressão de vulnerabilidade nelas exatamente quando conseguem sucesso e obtêm poder, e ansiedade nos homens que as cercam.

Ainda refletindo sobre as poderosas pressões sobre a conformidade em meio à fluidez de gênero, Harris ressalta a importância do sentimento de vergonha nos indivíduos, que deixam marcas e sequelas. Segundo ela: “Há apenas um tipo de homem totalmente desavergonhado nos Estados Unidos: o jovem casado, branco, urbano, originário do norte,

heterossexual, protestante, pai, universitário, com bom emprego, com boa compleição de peso e altura e, ainda, com recordes recentes em esportes” (HARRIS, 2019, p. 74).

Para repensar tais pressões e sequelas psíquicas deixadas em cada indivíduo que não assume essas condições especificadas – a maioria absoluta dos seres humanos –, a autora propõe que assim como os brancos que querem enfrentar o desafio de retrabalhar de forma fundamental a identidade e a história, questionando sua fragilidade branca, o mesmo deve ser feito em relação aos gêneros. “A fragilidade de gênero em meio à mistura de fluidez e fixidez é a condição dos atuais problemas de gênero do Primeiro Mundo. É uma transformação possível? Temos coragem coletiva e individual?” (*Ibidem*, p. 81). A autora acredita que esse movimento auxiliaria os psicanalistas a escutar de forma livre de preconceitos a sexualidade dos pacientes que batem em suas portas.

Como analista, simplesmente não podemos e não devemos afirmar que sabemos como o feminino (ou masculino) é ou deveria ser. Nosso papel é alimentar os processos de elaboração, com o objetivo de desembaraçar a psique de suas ideologias psicológicas rígidas. Conforme a análise se desenvolve, nossos pacientes devem ser capazes de se definir a respeito de sua feminilidade, masculinidade ou não binaridade. (SCARFONE, 2019, p. 122)

Nesse sentido, Leticia Glocer Fiorini, em seu artigo *Para uma desconstrução do feminino* (2019), ressalta que é necessário pensar as implicações da introdução da noção de gênero na nossa prática clínica, uma vez que esta é uma instância de produção nova e suplementar. O conceito de gênero não existia à época de Freud, apesar de ele ter incluído o mesmo sem nomeá-lo na teoria do complexo de Édipo, ou mesmo quando inclui o feminino nos homens mediante o conceito de bissexualidade. De forma geral ele se apoiava predominantemente num pensamento dualista no tocante ao par feminino/masculino, na resolução edípica heterossexual como exemplo. Porém, em *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* (1920), ele propõe um pensamento triádico para compreender a construção da subjetividade sexuada. A autora propõe outros modelos lógicos para pensar o feminino em mulheres e homens na clínica psicanalítica, que permitem ir além das soluções binárias:

Estamos decerto atravessados pelo dualismo masculino/feminino, presente na cultura e na linguagem. Mas essa polaridade merece ser desconstruída (não anulada) e incluída em complexidades maiores. Isso leva a desarticular as homologações do masculino com a razão e do feminino com a natureza. Do mesmo modo permite compreender subjetividades que excedem o par masculino e feminino em homens e mulheres, e abordar, para além da moral convencional, a complexidade do feminino em homens e mulheres. Há uma diferença fundamental em se ater a uma saída dualista heterossexual do complexo de Édipo e pensar a construção da subjetividade de forma triádica. Nas intersecções entre corpo biológico (que nunca é biologia pura), a pluralidade de identificações (incluindo as de gênero) e os itinerários do desejo (que sempre funciona em excesso com relação às normas) constrói-se subjetividade sexuada. (FIORINI, 2019, p. 107)

Para alcançar o objetivo proposto, a autora sugere (1) desconstruir o maniqueísmo das lógicas binárias e focar o feminino em todas as suas significações sem remetê-lo exclusivamente à primazia fálica (binária), ou seja, dialogar também com lógicas não fálicas. (2) Repensar o “enigma feminino” e abordar a opacidade da diferença, pois classicamente a diferença está encarnada no feminino – expressando a tendência de colocar o diferente no outro (na mulher, no caso de Freud). (3) Rever o conceito de diferença sexual como forma *princeps* de acesso a um universo simbólico. (4) Abordar com juízo crítico o complexo de Édipo – castração na mulher. Seus avatares não abarcam os múltiplos itinerários do desejo e da subjetivação feminina. A castração (simbólica) pode ser abordada como incompletude e, assim, comum a ambos os sexos. (5) Repensar a função paterna, na medida que é estabelecida como uma força exterior que separa a mãe e filho/falo e se tratando de uma função de separação pode ser exercida pelo pai, mãe ou substitutos. E, por fim (6) Abordar outras possibilidades para pensar o desejo de filho e rever a proposta substitutiva baseada na inveja do pênis, defendida no campo da primazia fálica. Pensá-lo não só desde a equação simbólica pênis-filho ou desde a díade mãe fálica-filho falo, mas acrescentar outra proposta: conceber o desejo como produção, como poesia.

Assim estaria em jogo a possibilidade para o analista de escutar o novo, aquilo que escapa a seus esquemas prévios. Afinal nessa época do pós-gênero, da cibercultura, é suficiente recorrer a ideias tradicionais sobre o feminino? As resistências a normatividades rígidas sobre a sexualidade e a identidade, individuais e coletivas, têm impacto no campo psicanalítico e são decorrentes de movimentos coletivos próprios de cada geração. No capítulo a seguir será abordado como o contexto sócio-histórico atual influencia na escolha não binária de objetos das adolescentes contemporâneas.

6. COMO A CULTURA AFETA A SEXUAÇÃO DAS ADOLESCENTES DA ATUAL GERAÇÃO?

Para pensar na influência da cultura na sexualização do indivíduo, mais precisamente nas garotas adolescentes, serão percorridos alguns eixos que nortearão tal reflexão. Estes, por sua vez, têm o intuito de abrir pontos de discussões importantes para a prática clínica psicanalítica, e não de dar respostas conclusivas. Tais eixos são: 1- A importância do social na subjetividade e na sexualidade, 2- A pressão na constituição do desempenho de gênero, 3- A influência do grupo e o conceito de identificação e 4- A identificação histórica, histeria e feminilidade. Essa divisão foi feita para fins didáticos, uma vez que são temas extremamente correlacionados e, na prática, influenciam um ao outro.

6.1 A importância do social na subjetividade e na sexualidade

A sexualização (assunção de um gênero sexual) é um processo de subjetivação, abordado por diversos autores que o fazem sob a ótica de suas linhas teóricas e sob a influência de seu contexto histórico. Assim não se trata apenas de uma realidade interna pulsional, mas sim do entrelaçamento entre as teorias, as práticas e as realidades epocais, que oferecem significações diversas sobre o feminino e o masculino. Está em jogo o poder das teorias e normatividades vigentes, as crenças e os preconceitos de quem vivencia a sexualização, de quem a observa e teoriza sobre, o que impacta diretamente na prática do psicanalista. O debate sobre o que é influência da cultura e o que seriam determinantes genéticos, biológicos, acompanha, invariavelmente, tal discussão, porém vale aqui o esforço para não assumir uma postura maniqueísta e, pelo contrário, integrar tais aspectos, uma vez que para a psicanálise estes mesmos são indissociáveis.

Judith Butler, em seu livro *Problema de Gênero* (2019), problematiza tal questão afirmando que a antropologia estruturalista de Lévi-Strauss, inclusive a problemática distinção natureza/cultura, foi apropriada por algumas teorias feministas para elucidar a distinção entre sexo e gênero, havendo uma suposição de existir um feminino natural ou biológico, subsequentemente transformado em uma “mulher” socialmente subordinada, com a consequência de que o “sexo” estaria para a natureza ou a “matéria-prima”, assim como o gênero para a cultura ou o fabricado. Se tomarmos a perspectiva de Lévi-Strauss como verdadeira, seria possível mapear a transformação do sexo em gênero, localizando o mecanismo cultural estável – as regras de intercâmbio do parentesco – que efetuará essa

transformação de forma regular. Nessa visão o “sexo” viria antes da lei, no sentido de ser cultural e politicamente indeterminado, constituindo por assim dizer a “matéria-prima” cultural que só começa a gerar significação por meio de e após sua sujeição à regra de parentesco. Contudo, a autora nos aponta que o próprio conceito do sexo como instrumento de significação cultural seria uma formação discursiva, atuando por sua vez na fundação naturalizada da distinção natureza/cultura e das estratégias de dominação por elas sustentadas. A relação binária entre cultura e natureza promoveria uma relação de hierarquia em que a cultura imporá significado livremente à natureza, transformando-a conseqüentemente, num Outro a ser apropriado para seu uso ilimitado.

Por fim, a autora nos diz que críticos do estruturalismo, como Clifford Geertz, argumentaram que seu arcabouço universalizante não considera a multiplicidade das configurações culturais da “natureza”. Ou seja, a análise que suporia ser a natureza singular e pré-discursiva deveria, também, se perguntar: o que se caracteriza como “natureza” num dado contexto cultural e com que propósito? Seria esse dualismo realmente necessário? Como são construídos e naturalizados, um no outro e por meio um do outro, os dualismos sexo/gênero e natureza/cultura?

Nesse mesmo sentido, Contardo Calligaris, em seu livro de coautoria com Maria Homem: *Coisa de menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo* (2019), nos conta que em sua juventude um livro lançado na Itália, *Dalla parte dele bambina – A favor das meninas* (1972) –, de Elena Gianini Belotti, falava do peso dos condicionamentos sociais na formação do papel feminino nos primeiros anos de vida das garotas, revelando ao leitor como a cultura criaria o que reconhecemos como sendo uma menina e, mais tarde, uma mulher adulta. Ele diz que foi somente ali que ele e outros colegas puderam entender que o gênero iria muito além do que está escrito nos caracteres sexuais do corpo, nos cromossomos, num balanço hormonal mais ou menos específico, havia, também, uma tremenda determinação cultural. Ou seja, essa noção, atualmente reconhecida, se deu recentemente, na década de setenta do século XX. “Foi uma grande descoberta para a minha geração, porque realmente era bastante novo naquela época pensar que gênero não fosse só um corolário automático ou natural da diferença sexual” (CALLIGARIS, 2019, p. 8).

A psicanalista Maria Homem, mais adiante no mesmo livro (uma conversa entre os dois), ressalva que, trazendo o debate para o século XXI, existe uma tendência a minimizar o que poderíamos resumir com a palavra “biologia”, e atacar uma base supostamente naturalista e especialista, numa crítica interessante a uma identidade primária, que daria como ganho o

jogo para o “time” dos culturalistas. Seria uma lógica que está além do gênero-transgênero ou pós-gênero, em que tudo seria possível através de cirurgias, hormônios e tantos outros artefatos da medicina contemporânea. Porém, a psicanalista propõe justo sair de uma lógica maniqueísta, binária, de jogos competitivos: culturalistas x estruturalistas. Nesse sentido diz que é importante suportar o fato de que as mulheres estariam mais marcadas, não só pela linguagem, pela cultura, pelas narrativas específicas de cada país, como também por um corpo e por moléculas desse corpo. “Portanto a neurofisiologia, a lógica hormonal, a lógica cultural, tudo isso faz um caldeirão que a gente não conhece ainda muito bem. Sem dizer a importância de considerar que cada corpo é único, o coquetel molecular de cada pessoa é único” (HOMEM, 2019, p. 45).

Calligaris coloca sua simpatia pelos “aventureiros da singularidade”, que sentem que podem se reinventar seja lá qual corpo lhe fora conferido pela natureza. “O ápice da modernidade e da crença liberal” (HOMEM, p. 45). Apesar da simpatia, o próprio autor faz uma crítica, dizendo que tal crença expressaria a ideia de o homem ter controle absoluto sob seu corpo, o que, no extremo, seria uma alucinação. Apesar de assumir que o meio-termo, ao seu ver, seria o ideal, diz que se tivesse que escolher entre tais opostos, prefere a visão destes últimos, do que a pregada pelas pessoas que defendem a natureza do gênero, as ideias da “família cristã”.

Para finalizar o diálogo entre os dois, Maria Homem insiste em sua crítica à crença liberal:

Aí vou em outro lugar, vou na terceira via. Não de opostos radicalmente diferentes e complementares, repetindo clichês e equívocos antigos, mas também não de corpos permeáveis e intercambiáveis, como se pudéssemos passar de lá pra cá como se atravessa uma rua: “Hoje nasci homem, amanhã estou a fim de me experimentar em um corpo de mulher; agora cansei, quero ser andrógino total, agora hermafrodita e depois menina de cinco anos” – a grande e livre prateleira do supermercado global, ultraliberal e sexual. (...) Seria um projeto de construção contínua do “eu”, uma hipermodernidade avançadíssima. (...) Eu também admiro pessoas que pagam o preço de seus sonhos, mas diria que é um sonho liberal, utopia extrema do capitalismo avançado, que quase transforma o gênero em um produto, passível de compras e escolhas. (HOMEM, 2019, p. 55)

Feitas as devidas considerações, e assumindo a visão de que corpo biológico e cultural são indissociáveis, seguem-se reflexões sobre o papel da cultura na sexuação, mais especificamente das meninas dessa geração. Pode-se compreender a categoria feminino como um significante e, ao mesmo tempo, sintoma – sintoma de uma cultura expresso nos discursos vigentes, e sintoma individual em homens e mulheres; espaço e lugar no qual se projetam ansiedades milenares, angústia de castração, ameaças à completude narcísica nos homens e, fundamentalmente, relações de poder, individuais e coletivas, intrincadas com o pulsional.

Tal questionamento nos remete ao fato de que o corpo atualmente, fonte de grande parte das interrogações e vivências pulsionais do sujeito, esteja sendo tema de investigações científicas e tecnológicas, que parecem movidas por um só objetivo: evitar que tenhamos que suportar ou elaborar os conflitos, os estranhamentos ou as insatisfações. Tudo parece passível de correção e adequação, por exemplo: se o nariz é grande, faz-se uma rinoplastia, se a menina será baixa, atrasa-se a primeira menstruação e ganham-se alguns centímetros, se o peito é pequeno, escolhe-se o tamanho da prótese, quem não consegue ter filho, basta consultar um médico.

Nos últimos anos vê-se os corpos ganharem, na vida privada e na cultura, uma dimensão distinta de outras épocas. Hoje é comum intervenções, consultas médicas, dietas, serem tema de conversa entre amigos. Na mídia vemos como esculpir e tratar os corpos, intervenções aparecem como propagandas e se colocam como um produto, despertando o desejo principalmente das mulheres: “eu quero!”

A recusa dos limites corporais vem acompanhada de toda uma máquina a serviço da transposição desses limites. Há uma banalização das práticas cirúrgicas. As intervenções em série revelam uma alienação do próprio corpo, uma entrega aos padrões estandarizados de beleza. As forças que o habitam são ignoradas, as marcas de cada um e seus movimentos desejantes naufragam diante de uma corrida frenética em direção a um fora de si. (ALONSO; GURFINKEL; BREYTON, 2014, p. 67)

6.1.1 O processo de sexuação

Levando em consideração que parte do contexto cultural de cada época ingressa no aparelho psíquico dos indivíduos empapado pelo imaginário, indo enlaçar-se com as inscrições históricas singulares ali existentes, temos que o cenário contemporâneo deixa suas marcas na subjetivação e, conseqüentemente, na sexuação das crianças e dos adolescentes. Novas tecnologias, novas questões, novos enigmas. Os enigmas humanos apontados por Freud como aqueles que colocam em andamento a atividade autoerotizante da criança – a exemplo do coito dos pais e do nascimento dos bebês – e que culminam nas teorias sexuais infantis não possuem mais os mesmos conteúdos necessariamente, uma vez que muitos filhos são concebidos por inseminação e podem possuir dois pais ou duas mães, ao invés da cena clássica do casal heterossexual. Este é um exemplo de como muitas das teorias freudianas precisam ser revistas em face do novo cenário vigente.

O modelo de constituição do psiquismo proposto por Freud, já no *Projeto* (1895) partia de uma concepção exógena, ou seja, o aparelho psíquico, o inconsciente, um ego não existente desde a origem constituindo-se a partir da relação com o outro. Freud abandona a teoria da sedução e parte para a formulação do Complexo de Édipo como estruturante do

psiquismo. Laplanche, posteriormente, retoma a ideia da teoria da sedução, mas não a considera restrita às históricas, e a generaliza para todos os seres humanos, ressaltando que a constituição do sujeito psíquico se dá no encontro com o outro, com a sexualidade do outro. O sujeito nasce incapaz de ajudar-se por conta própria, ou seja, em um estado de desamparo e dependência absolutos. Ferenczi, em seu texto *Confusão de Línguas entre a criança e o adulto*, diz que a criança fala a linguagem da ternura, enquanto o adulto a da paixão e, a partir desse encontro, há um apelo do infantil que há no adulto e a relação originária se instala, assimétrica. Nessa situação acontece um traumatismo necessário, pois estamos falando de uma sexualização humanizante. Segundo Luciana Cezar, em seu artigo *As novas formas de concepção e a produção de subjetividade*:

A sedução que ocorre entre o adulto e a criança é traumática na medida em que a criança não tem à sua disposição um aparato psíquico com representações para integrar o evento. Estou partindo do pressuposto de que a sexualidade irrompe de fora para dentro, que é do outro que a sexualidade chega ao sujeito, o inconsciente sendo fundado no interior dessa relação sexualizante e produto do recalque originário. Nessa sedução precoce de que nos fala Laplanche, o pai perverso, personagem da cena infantil, cede lugar à mãe, que nos cuidados corporais dispensados ao bebê introduz um plus de prazer. (CEZAR, 2007, p. 4)

Freud não dá o mesmo tamanho que outros autores conferem à participação do outro na constituição psíquica, seu foco está mais em como se processam as excitações dentro do aparelho psíquico. Laplanche, diferentemente, propõe a expressão “sedução originária” para a situação fundamental em que o adulto propõe à criança significantes verbais e não verbais impregnados de significações sexuais inconscientes. É sua própria sexualidade infantil oral, anal, urogenital recalcada que é reativada pela situação de desamparo em que a criança se apresenta. Os cuidados maternos veiculam o enigmático que a mãe nem sabe que está emitindo e que a criança terá que metabolizar. Daí decorre que a pulsão seria um produto gerado pelo encontro com esse primeiro sedutor, não um substrato biológico, herdado geneticamente, diferindo, então, da noção de instinto.

Silvia Bleichmar *apud* Luciana Cezar (2007) diz que esse outro humano, do qual falam Laplanche e Freud, é a mãe ou sua substituta e que a função materna é imprescindível à constituição do sujeito psíquico, outorgando-lhe uma dupla função: tanto de sexualizar, permitindo a instauração da pulsão desde a sua sexualidade inconsciente, quanto de oferecer possibilidades simbólicas de ligação às quantidades que implanta. Para Laplanche, as fantasias, assim como os mitos, pretendem proporcionar uma representação aos enigmas das crianças. São os grandes enigmas – como o do coito dos pais, o nascimento de um irmão e a diferença entre os sexos – que põem em andamento a atividade autoerotizante da criança e

culminam nas teorias sexuais infantis. Bleichmar acredita que essa capacidade de representação das crianças seriam tentativas de tradução daquilo que não tem sentido e, assim, produziriam-se fantasias para tudo que elas entendem como mensagens de caráter enigmático. Nesse espaço de falta, abre-se a possibilidade para criar, fantasiar, simbolizar.

O enigma da sexualidade avança por toda a infância e culmina na adolescência, na escolha de objeto e na assunção da identidade de gênero. Quais seriam os mitos que povoam o imaginário da atual geração para tentar dar sentido a tudo que estão sentindo e vivenciando na atualidade? Como tais escolhas e processos tão complexos e delicados se fazem em um mundo com tantas transformações e pouca oferta de substrato simbólico? Substrato esse que, por sua vez, auxilia o ser humano a lidar com a falta e os não ditos, que confere continência e, assim, possibilita a geração de novos sentidos possíveis. Seguindo.

6.2 A pressão na constituição do desempenho de gênero

As pressões em torno do desempenho ou construção de gênero são drásticas e transgeracionais. Podemos constatar que qualquer pessoa é inundada e, grosseira ou sutilmente, marcada pelas intensas exigências a respeito do desempenho de gênero. Hoje vemos que aos homens é imposto esconder vulnerabilidade, desamparo, sensibilidade e necessidade, enquanto à mulher esconder capacidade, potência, força e pulsão: “não é fino, não é elegante, não é feminino, é grosseiro”. Segundo Silvia Alonso, organizadora do livro *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*:

Junto ao desenvolvimento de métodos anticoncepcionais (que separou práticas eróticas das procriativas), dos métodos de inseminação artificial e reprodução in vitro, vemos narrativas que desenham os lugares possíveis para ambos os gêneros – narrativas construídas com base nos mitos presentes nas culturas. Que mitos serão esses que estão começando a substituir os mitos da mulher mãe, da passividade erótica e do amor romântico imperantes no imaginário social da modernidade? Quais são os lugares do permitido e do proibido, do belo e do feio, do valorizado e do desvalorizado, para os homens e para as mulheres, que as narrativas pós-modernas desenham? (ALONSO, 2014, p. 27)

6.2.1 Caso clínico

Ao pensar nos mitos que inspiram as jovens mulheres na contemporaneidade, além do que já salientei acima: de que o sexo não deveria restringir os enamoramentos e apaixonamentos entre os seres humanos (que caracterizam a escolha de objeto bi e/ou pansexual), vejo presente também um ideal de liberdade, de que as relações não deveriam obedecer a formatos preestabelecidos. Nesse sentido me lembro de uma passagem com Sofia, uma jovem de vinte e um anos que atendo desde os seus dezessete, colocarei S para representá-la e G para mim. Segue um diálogo:

S – Sabe aquele garoto que fiquei falando na semana passada, o Mike? Encontrei ele em uma festa e ele me contou que estava com um grupo de amigos da banda, são uns quatro caras e umas cinco meninas. Eles todos se pegam, meninas e meninos, meninas e meninas, meninos e meninos... e ele faz parte. O estranho foi que senti ciúmes... (G – ciúmes do que ou de quem?) Nem eu sei direito, fiquei tentando entender... Eles são só amigos, eu conheço a turma, foi só na zoeira, mas ele tinha dito que depois da festa ia dormir na minha casa e não foi, preferiu ficar com eles do que comigo (G – você sente vontade de participar desse grupo?) Eu já tive um grupo assim na faculdade, com meninas e meninos todos se pegando... mas alguns se envolveram e não deu mais certo. (Sofia nunca havia mencionado tais experiências até então na análise.) Quando eu conheci o Mike, ele, já de cara, me falou que ficava com meninos também, eu achei legal, “pra frente”, pensei que ele entenderia que eu também tivesse essas situações. Fiquei feliz, achei ele um cara *desconstruído*! Mas quando ele me contou que ficou com o grupo na festa aquele dia e não foi pra minha casa, eu senti ciúmes... Será que eu não sou tão mente aberta? Eu queria ser, acho legal...”

Nessa passagem podemos ver Sofia falando de um ideal que gostaria de encarnar, uma pessoa “mente aberta”, “desconstruída”, “pra frente”... Uma certa idealização de um amor sem formatos, sem limites de gênero, sem ciúmes. Porém, na realidade, isso não acontece e ela estranha seus próprios sentimentos. Prossegue na sessão:

S – Depois passou o ciúme e eu tô vendo nele a oportunidade de construir uma relação mais leve, de cada um poder ficar com quem quiser. Eu nem sei se terei vontade, porque em geral, quando me apaixono, só penso no menino... vira uma obsessão, fico insegura, quero saber onde ele está, com quem, o que está fazendo.

G – Acho que você está falando sobre uma busca de um novo jeito de se relacionar, com mais liberdade em relação ao seu parceiro. Mas a liberdade de que fala não estaria, ao

meu ver, tão ligada ao fato de poder ficar com outras pessoas, e sim de não ficar aprisionada nos sentimentos, pensamentos e desejos dele para poder, assim, se conectar mais aos seus.

S – Acho que sim, faz sentido...

Vejo em Sofia um movimento genuíno de desconstruir sua antiga forma de se relacionar, já que esta lhe causara muita angústia, mas nesse processo de não aderir a um modelo prévio, um “padrão”, ela pode rumar para outro, uma espécie de “antiformato”: uma relação aberta, sem ciúmes, entre tantos outros aspectos. E nessa busca em aderir a outro ideal, pode não legitimar seus sentimentos, desejos, como o ciúme que sentiu, por exemplo. Dessa forma ela estaria se afastando, novamente, do que se pode entender como uma verdadeira liberdade, tão buscada pelos jovens: a possibilidade de ser quem se é, de ser fiel a si. Isso, pois quando nos propomos a ser fiel aos nossos valores e desejos, entramos em contato tanto com aspectos que se harmonizam, como com os que não com nossos ideais (eis um dos objetivos das análises, integrar aspectos inconscientes que nem sempre estão adaptados às normas vigentes). O que Sofia traz em relação a um ideal de relacionamento expõe também um ideal de feminilidade: a mulher *open mind*, sem ciúmes, que não liga para a opinião dos outros e ainda vivencia coisas fora do relacionamento, assim como os homens. Ou seja, abre-se mão de uma cristalização da figura feminina antiga, porém corre-se o risco de se aderir a novas amarras, com uma “roupagem” mais moderna. Pode-se supor que isso seguiria causando sofrimento e aprisionamentos a ideais culturais normativos, em detrimento dos sentimentos e desejos genuínos de cada um. Voltemos às reflexões teóricas.

6.3 Os ideais e a construção de gênero

Quando nos referimos ao feminino ou masculino como categorias binárias restritivas, também podemos fazer referência aos papéis de gênero condicionados pelos determinantes socioideológicos de cada época. Por exemplo, na mulher, tradicionalmente, o feminino está associado às emoções, ao afeto, à natureza, à falta, ao passivo, ao mistério, ao objeto desejado, ao materno, enquanto no homem o masculino está ligado ao ativo, à cultura, ao racional, à norma, ao sujeito, à função de limite, entre outros. Essas concepções teriam forte impacto na constituição das fantasias, dos desejos, da construção do psiquismo e das teorias e clínica psicanalítica. O campo dos ideais, que expressa os ideais de gêneros em relação a masculinidade e feminilidade, converte-se em um eixo imaginário com forte eficácia simbólica, e estes são muito diferentes entre si desde os primórdios da vida de um bebê e mesmo antes de sua concepção.

Butler, nesse sentido, ressalta a importância dos ideais na constituição da identidade de gênero:

A construção de um ideal do eu interior envolve igualmente a internalização de identidades de gênero. Freud observa que o ideal do eu é uma solução do complexo de Édipo e, assim, é instrumental na consolidação bem-sucedida da masculinidade e da feminilidade. Segundo ele, o superego não é todavia um simples resíduo das escolhas de objeto anteriores do id: também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. Sua relação com o eu não é esgotada pelo preceito: “Você tem que ser assim como seu pai”. Ela abrange também uma proibição: “Você não pode ser assim” (como seu pai) – isto é, não pode fazer tudo que ele faz. O ideal do eu serve assim como agência interna de sanção e tabu, a qual, segundo Freud, atua para consolidar identidades de gênero por meio da reorientação e da sublimação apropriadas do desejo. (...) Como conjunto de sanções e tabus, o ideal do eu regula e determina as identificações feminina e masculina. Considerando que as identificações substituem as relações de objeto e são a consequência de uma perda, a identificação de gênero é uma espécie de melancolia em que o sexo do objeto proibido é internalizado como proibição. Essa proibição sanciona e regula identidades de gênero distintas. É a lei do desejo heterossexual. (BUTLER, 2019, p. 115)

Sabe-se que o superego, além de ser a instância responsável pelas proibições, também é o agente responsável pelos imperativos culturais nos sujeitos individuais. E quais seriam, atualmente, os imperativos culturais hegemônicos na cultura globalizada das nossas sociedades? Quais seriam os ideais das meninas adolescentes? Para além da desconstrução do sistema binário feminino/masculino, que mitos identificatórios estariam inspirando a subjetivação e a sexuação dessas garotas? Sabemos que o imperativo do sucesso, da felicidade e da estetização do eu permeiam a vida de todos os indivíduos das diferentes faixas etárias em nossa sociedade contemporânea. Como isso influenciaria as adolescentes? Temos também o ideal do individualismo de que todos seres humanos são iguais e livres, sendo assim o sexo não deveria ser considerado ao se eleger um objeto de amor, e sim as características pessoais de cada um.

6.4 A influência dos grupos e o conceito de identificação

Já vimos que as relações (o outro) e o contexto ao qual o indivíduo está inserido influenciam diretamente na subjetivação e, mais precisamente, na sexuação de todos os seres humanos. Agora passemos a refletir sobre como esse outro, quando representado por um grupo, torna a influência ainda mais forte, principalmente no período da adolescência em que os jovens estão mais conectados com seus pares e mais suscetíveis a estímulos externos que o auxiliem em sua construção e afirmação de identidade. Para tanto, utilizar-se-á Freud como interlocutor, o texto de 1921: *Psicologia das Massas e Análise do Eu*.

Freud abre seu texto afirmando que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, mas ela não pode abstrair das relações deste ser particular com os outros que o cercam. “Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, portanto psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado” (FREUD, 2011, p. 14).

Logo, o autor apresenta as ideias de Le Bon sobre o tema. Este último diz que os indivíduos, quando inseridos em um grupo onde encontram-se fartas ligações afetivas, perdem sua autonomia e sua iniciativa, adquirem reações similares a todos os demais e assim há um “rebaixamento a um indivíduo de massa”. Ressalta ainda que se olharmos como um todo, a massa revela também o enfraquecimento da aptidão intelectual, a desinibição da afetividade, a incapacidade de moderação e adiamento, a tendência a ultrapassar todas as barreiras na expressão de sentimentos e a descarregá-los inteiramente na ação. Freud compara esse estado descrito por Le Bon a um quadro de regressão da atividade anímica, típico do comportamento das crianças e dos selvagens, e ainda se propõe a investigar sobre a explicação psicológica para essa transformação do indivíduo quando em um grande grupo.

Além da mútua sugestão e do prestígio do líder, já apontados anteriormente por Le Bon e outros tantos sociólogos, Freud acredita que o poder que mantém a massa unida seria Eros: “Se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez então, por amor a eles” (FREUD, 2011, p. 45). Há uma limitação do narcisismo de cada um causada pela ligação libidinal aos outros membros do grupo. “O amor a si encontra limite apenas no amor ao outro, amor aos objetos” (*Ibidem*, p. 58).

6.4.1 O conceito de identificação

Ainda no mesmo texto, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, mais precisamente no capítulo VII: *Identificação*, Freud ressalta que existem duas formas de se ligar a um objeto: os instintos amorosos que perseguem fins sexuais diretos, ou quando desviados de sua meta original, podem configurar laços de outras espécies. Nessa passagem, Freud se propõe a pensar sobre o conceito de identificação:

A mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa. Ela desempenha um determinado papel na pré-história do complexo de Édipo. O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente, ele toma o pai como seu ideal. Essa conduta nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina diante do pai (ou dos homens em geral); é tipicamente masculina. Simultaneamente a essa identificação com o pai, talvez até antes, o menino começou a empreender um

verdadeiro investimento objetal na mãe, do tipo “por apoio”. Ele mostra então duas ligações psicologicamente diferenciadas: com a mãe um investimento objetal direto; com o pai uma identificação que o toma por modelo. As duas coexistem por um tempo, sem influenciar ou perturbar uma a outra. (...) Percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por modelo. (FREUD, 2011, p. 61)

Depois segue dizendo que por via regressiva a identificação pode se tornar um substituto de uma ligação objetal libidinosa, através da introjeção do objeto no eu e, também, pode surgir a partir de qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação parcial. “Já suspeitamos que a ligação recíproca dos indivíduos da massa é da natureza dessa identificação através de algo afetivo importante em comum, e podemos conjecturar que esse algo em comum esteja no tipo de ligação com o líder.” (*Ibidem*, p. 65)

Freud acredita ainda que a identificação pode ser o substituto de um objeto perdido, a introjeção desse objeto, ou de partes dele, é uma forma de tentar preservá-lo. Fenômeno já descrito quando o autor apresentava suas ideias sobre a melancolia. Há então uma divisão no Eu em dois pedaços, o que se diferencia é aquele modificado por essa introjeção descrita anteriormente, que contém o objeto perdido. O outro pedaço é o ideal de eu, instância crítica que contém a consciência moral e influencia diretamente na repressão.

Cada indivíduo é um componente de muitos grupos, tem múltiplos laços por identificação e construiu seu ideal do Eu segundo os mais diversos modelos. Assim cada indivíduo participa da alma de muitos grupos, daquela de sua raça, classe, comunidade de fé, nacionalidade etc., e pode também erguer-se além disso, atingindo um quê de independência e originalidade. (...) Percebemos tal prodígio como significando que o indivíduo renuncia ao seu ideal de Eu e o troca pelo ideal da massa corporificado no líder. Devemos acrescentar a título de emenda que esse fenômeno não tem a mesma grandeza em todos os casos. Em muitos indivíduos a separação entre Eu e ideal do Eu não progrediu bastante, os dois ainda coincidem facilmente, o Eu conserva amiúde a anterior autocomplacência narcísica. A escolha do líder é bem facilitada por essa circunstância. (FREUD, 2011, p. 92)

Judith Butler (2019) diz que tais processos de identificação e introjeções de objetos perdidos que modificam o eu também participam diretamente na formação de gênero. Diz que o processo de internalização de amores perdidos se torna pertinente à formação do gênero quando compreendemos que o tabu do incesto, entre outras funções, inicia para o eu a perda de um objeto de amor, e que esse eu se recupera dessa perda mediante a internalização do objeto tabu do desejo. Independentemente da razão por que o menino repudia a mãe, o repúdio se torna momento fundador do que Freud chama de consolidação do gênero. Ao renunciar a mãe como objeto do desejo, o menino internaliza essa perda por meio de uma

identificação com ela, ou desloca seu apego heterossexual, caso em que fortalece sua ligação com o pai, e por meio disso, “consolida” sua masculinidade. Já quanto à menina, na conclusão do breve parágrafo sobre o Complexo de Édipo negativo, Freud observa que o fator a decidir se a identificação se realizará é a força ou a fraqueza da masculinidade e da feminilidade em sua predisposição.

Significativamente, Freud admite sua confusão do que seria exatamente uma predisposição a masculinidade e a feminilidade. Sendo assim, sem provas sobre essas predisposições, temos que não há modo de distinguir entre a feminilidade adquirida por internalizações e aquela estritamente oriunda das predisposições. Assim, o que nos impede de concluir que todas as afinidades específicas do gênero são consequências de internalizações? (BUTLER, 2019, p. 108)

6.4.2 A identificação histérica, histeria e feminilidade

Desde 1915 Freud faz uma importante diferenciação no conceito de identificação narcísica e identificação histérica, presentes respectivamente na melancolia e no luto. Na identificação histérica, o investimento do objeto persiste; na identificação narcísica, ele é abandonado. Porém cabe ressaltar que, apesar de serem tipos distintos, têm uma raiz comum: a identificação narcísica é a mais originária, introduzida de certa forma na identificação histérica, da qual ela seria o alicerce.

Assim, temos que a identificação histérica é o tipo de identificação predominante entre as meninas adolescentes médias, e, por isso, um conceito importante para a compreensão das transformações nas escolhas de objetos que observamos atualmente: as pós-binárias. Tal escolha seria expressão de uma ideologia compartilhada nos grupos de amigas, um elo entre as meninas (uma forma de identificação), que expressaria um ideal de ser humano e de relação: em que todos são iguais, em que o gênero não define o ser humano, como já fora dito.

6.4.2.1 Sobre a histeria

A fixação na fase fálica, o recalque como forma central da defesa, a fantasmática que gira ao redor da diferença dos sexos e um fracasso na passagem edípica caracterizam a estruturação histérica. A problemática identificatória, por sua vez, tem papel de operador central em relação aos itens acima. Segundo Silvia Alonso e Mario Fuks, no livro *Histeria*, da coleção Clínica Psicanalítica:

Quando tratamos da histeria, deparamo-nos com uma genitalidade postergada, ou evitada, ou carente de brilho, ou sede de sintomas, como a frigidez, a impotência ou a ejaculação precoce. Genitalidade difícil de ser assumida em virtude de um fracasso na identificação. O histérico tem uma relação de objeto total com uma certa exclusão do genital: “tudo menos isso”. Está inserido em uma situação triangular com relações generalizadas, sem regressão e nem desfução das pulsões, mas sofrendo

com a impossibilidade de assumir a genitalidade por um posicionamento identificatório problemático, que não lhe permite manter uma identificação estável. Como diz Perrier (1979), o histérico estaria em “uma situação triangular na qual o sujeito tenta, através da identificação heterossexual, parcial e inconsciente, alcançar o objeto homossexual do seu desejo, ou seja, o genitor do mesmo sexo, com o qual não pode identificar-se diretamente”.

[...] O histérico apresenta-nos uma pergunta: o que eu sou? Sou homem ou mulher? E, ainda, quando não se devam esquecer as dificuldades dos processos de identificação necessários à solução dessa interrogação, são diferentes os caminhos que se percorrem na procura de uma resposta, tendo sido a pergunta formulada por um homem ou por uma mulher. (FUKS; ALONSO, 2004, p. 148)

A histérica está em uma constante busca de sua feminilidade, e a dificuldade de assumir a genitalidade é testemunha de um fracasso em termos de identificações edípicas que se efetuam no seio da triangulação com o genitor do mesmo sexo, e permitem definir o lugar no processo de sexuação e confirmar a identidade de gênero.

6.4.2.2 Caso Clínico

Chego ao meu consultório em um dia de outono, a luz do amanhecer invadia a sala por trás das cortinas, dando aquela coloração de profundidade e leveza própria dessa estação. Logo no primeiro horário conheço Eliana, uma jovem de dezoito anos que aguardava ansiosamente na sala de espera. Por trás da porta consigo escutar seus passos inquietos, indo de um lado para o outro, abrindo e fechando a porta do banheiro, ligando a máquina de café. Ela tem uma presença forte, fala alto e tem gestos espontâneos. Muito articulada e expansiva, vai logo dizendo: “Meu primeiro namoro foi zoadado, era um amor romântico, dramático. Na escola eu era muito fútil, queria ser a menina mais bonita da escola, só queria saber do meu look, da minha maquiagem, tinha uma pressão estética muito forte sobre as meninas. Era uma vaidade absurda que não me levava a lugar nenhum, uma busca vazia de sentido. Se o tempo fosse infinito até ok, mas não é, né? Eu quero ser brilhante no que eu fizer... ou seja, não dá pra ter tudo. Minha melhor amiga do colégio que me ensinou a ser sensual, ela é super atraente. Já fui meio apaixonada por ela, já ficamos e transamos, mas ela é hétero, eu sou bi. No colégio tinha um boato que eu era lésbica. No colegial ficar com pessoas dava status, com os homens principalmente e eu queria ser popular. Mas talvez já sentisse atração por mulheres. Tanto homens como mulheres me capturam intelectualmente... é mais fácil eu deixar rolar com homens. Parece que nos homens eu busco mais uma aprovação, admiração, coisa que nunca tive do meu pai. Já com as mulheres é um desejo mais sexual, sem essa busca por aprovação”.

Certo dia me contou sobre um rapaz com quem ela estava saindo: “Não deu certo com o Léo, aí conheci uma menina no Tinder, que faz antropologia, ela é bem bonita e interessante, estamos saindo. Ela toca vários instrumentos, eu gosto dela, tenho vontade, curiosidade... mas com mulher tenho vergonha. Na verdade, acho que estou chegando à conclusão que não gosto tanto de sexo em geral. Com homem foi mais por pressão, não é natural pra mim, com eles eu gosto de me sentir desejada. Fico achando que o sexo pra mim tem uma natureza meio performática, antes eu achava que o sexo com os caras não era tão legal porque eu era lésbica, mas agora vejo que é igual ao que sinto com as mulheres”.

Nessa passagem Eliana fala sobre suas dúvidas em relação aos objetos amorosos e sobre o que a atrairia genuinamente. Toda a dificuldade que ela demonstra em assumir sua genitalidade, situação típica da histeria, como fora exposto acima: “Quando tratamos da histeria, deparamo-nos com uma genitalidade postergada, ou evitada, ou carente de brilho, ou sede de sintomas como a frigidez, a impotência ou a ejaculação precoce. Genitalidade difícil de ser assumida em virtude de um fracasso na identificação” (FUKS; ALONSO, 2004, p. 148).

Eliana interrompeu a análise por um ano, pois precisava cursar um excedente de matérias que tinha trancado na faculdade. Retomou os atendimentos e estava muito diferente, parecia outra pessoa. Vestia uma roupa social, saia, sapato de salto e meia-calça. Com um ar mais formal contou que começara a trabalhar em um escritório e estava com novos amigos, entre eles, um grupo de metodistas da faculdade. Ela disse que admirava este grupo pois tinham muita disciplina, rigor, determinação e força de vontade para fazer as coisas. “Tem um deles que eu acho uma graça, nunca beijei... ele acha que o amor é pra formar família” – falando do garoto que viria a namorar futuramente. Mais à frente disse: “Você acha que eu sou louca? Era bissexual, usava drogas, bebia, vivia intensamente e era muito corajosa. Agora me sinto mais ansiosa, confusa, às vezes gaguejo ao falar, tenho certas inibições. Além disso comecei a namorar o Crispim, somos muito diferentes, mas eu gosto muito dele. Ele é religioso, por isso não podemos transar, eles só namoram com a intenção de casar e formar família”.

Nesse segundo tempo da análise, Eliana foi aos poucos abandonando uma posição onipotente, fálica, em que ficava com homens e mulheres, bebia, se sentia muito autoconfiante, e passou a conseguir integrar aspectos de uma posição depressiva, considerando a falta. Passou a pensar em seu jeito de ser mulher, em seu processo de construção de sua identidade feminina. Àquela altura ela sentia muito ciúme de uma amiga de Crispim (que estudava no mesmo curso que ambos na faculdade), a descrevia como uma menina com feminilidade “típica”, bonita, vaidosa, cabelos compridos, unhas pintadas... Já

ela tinha, ao seu ver, outro jeito. Questionava-se se esse “jeito” também expressaria feminilidade, ou se ela deveria voltar a se cuidar mais, se vestir com roupas melhores, esmalte nos dedos etc. Vejo em sua fala uma busca mais profunda, em que roupas, sapatos, maquiagens seriam apenas símbolos do que ela sentia que lhe faltava como mulher, expressão de suas dúvidas que iam e vinham sobre sua sexualidade. Ela havia escolhido, naquele momento, um objeto heterossexual, porém, apesar de muito apaixonada pelo namorado, eles não tinham relações sexuais, já que a religião dele não permitia que isso acontecesse fora do casamento. Ou seja, suas questões com a sexualidade genital estariam postergadas nesse novo arranjo e suas dúvidas persistiam. Retomando: "O histérico apresenta-nos uma pergunta: o que eu sou? Sou homem ou mulher? E, ainda, quando não se devam esquecer as dificuldades dos processos de identificação necessários à solução dessa interrogação, são diferentes os caminhos que se percorrem na procura de uma resposta." (FUKS; ALONSO, 2004, p. 148).

6.4.2.3 Histeria e feminilidade

Freud começa a pensar nas identificações como um mecanismo que tenta abarcar os surgimentos dos sintomas histéricos, porém no final da sua obra confere outro lugar para tal conceito. Em 1923, o autor passa a pensar nas identificações como estruturantes do aparelho psíquico, sendo imprescindíveis para entender a conformação do sujeito. As identificações secundárias (edípicas) se dão no seio da triangulação, sob a primazia fálica e num espaço psíquico que já processa a diferença dos sexos. Como existem o Édipo positivo e o negativo, a identificação é sempre dupla: com a mãe (feminina) e com o pai (masculina). A perda do objeto mãe vê-se compensada pelo ganho narcisista, que implica a identificação com o pai, constituidora do narcisismo secundário e, ao mesmo tempo, estruturante das instâncias do supereu e do ideal do eu. Nesta identificação introjeta-se o pai modelo, mas também o pai proibidor. Há a introjeção da lei paterna e, com isso da lei social, da proibição do incesto. Assim, no conceito de identificação, temos o entrelaçamento de aspectos constituintes da sexuação e das relações sociais.

As identificações históricas, por sua vez, pegam traços de diferentes lugares e os juntam pelo mecanismo de condensação. Existem desejos e traços que, muitas vezes, podem ser contraditórios, o que prejudicaria a coesão do eu do indivíduo histérico, quando a contradição causa muita tensão, pode-se formar os sintomas conversivos ou até a fragmentação do eu. “A bissexualidade, afirmada por Freud para todos os sujeitos, atualiza-se dramaticamente no ataque histérico. Traços da pessoa amada e também do rival, a atividade e a passividade, o homem e a

mulher, a vítima e o violentado, apresentam-se simultaneamente no sintoma histérico” (FUKS; ALONSO, 2004, p. 156). Freud acredita que o sintoma histérico esconde duas fantasias recalçadas, uma de caráter masculino e outra feminino, a identificação substitui a escolha de objeto (mesmo que fantasiada). A função de preservação da imagem especular pode ser entendida como o motivo central da defesa da histérica, enquanto o sintoma conversivo, como fracasso da defesa e retorno do recalçado sob a forma de um “fantasma de fragmentação”, ativados pela angústia de abandono ou de perda do objeto amoroso.

O essencial no trabalho de Freud é ter referido a identificação ao desenvolvimento do inconsciente, diferenciando-a da imitação. Freud esclarece: há uma comunidade inconsciente que está na base da identificação histérica, exemplifica tal situação com a passagem conhecida de um internato no qual uma moça teve uma crise após receber uma carta de sua família que lhe reativa uma dor de amor. As outras meninas que sabem dessa dor também entram em crise. Neste caso a identificação não se faz com alguém ao qual se está ligado sexualmente. A situação é sexual, mas a pessoa com quem se faz a identificação não ocupa o lugar de objeto do desejo sexual para o sujeito em quem está se produzindo o processo identificatório. O processo de identificação seria feito por meio do seguinte pensamento, que se mantém inconsciente: se por uma causa como essa ela tem uma crise, eu poderia ter uma igual, já que tenho os mesmos motivos. Há uma identificação pelo sintoma, que esconde o desejo de se tornar o objeto de amor de um homem. (FUKS; ALONSO, 2004, p. 161)

Podemos entender que sendo a identificação histérica muito presente entre as mulheres, as meninas da nova geração poderiam estar em um processo de identificação a um ideal amoroso: a escolha binária. Logicamente muitas delas se sentem genuinamente atraídas por homens e mulheres, e nesses casos a atual liberdade sexual só veio ajudar. Porém, em um movimento geracional, com pressões de grupo incidindo em uma fase particularmente mais vulnerável, podemos observar também garotas adolescentes que se sentem pressionadas a ser de um jeito que não são, e para essas poderia haver sofrimento em jogo: uma nova normatividade.

A identificação histérica se efetua em uma situação de desejo e permite não só ir atrás do enigma do desejo, como também do da feminilidade, tentando apreender através do olhar masculino o que seria esse feminino, como exemplificado no caso de Eliana. Há uma mobilidade identificatória, essa oscilação entre os diferentes personagens pode explicar a característica da histérica como tendo uma personalidade carente de núcleo, estando constituída por uma série de máscaras diversas e cambiantes. Perrier (1979) afirma:

Ela se identifica com o homem porque necessita participar no seu desejo, para buscar, como ele, a mulher no seu mistério. Ao mesmo tempo, aliena imaginariamente sua pergunta de mulher numa mulher diferente dela, a quem recrimina por não ser tão íntegra e sem falhas como ela sabe ser. Dessa forma, fica manifesta, de acordo com a teoria freudiana, a fantasia bissexual da histeria: é suficiente que uma situação sexual exemplar se ofereça em um casal para que ela engenhosamente se coloque no meio, parte participante e parte excluída – em relação aos outros dois. Graças ao suporte de uma dupla identificação possível,

manter-se-á com mais ou menos verbo e felicidade num desejo insatisfeito, ao abrigo de uma frigidez que é sua salvaguarda e garantia do seu ambíguo desinteresse. (*apud* FUKS; ALONSO, 2004, p. 163)

Muito do que se estudou na psicanálise sobre a sexualidade feminina, tanto em Freud como nos pós-freudianos, levam em seu bojo grande conteúdo que corresponderia à histeria. Alguns desenvolvimentos chegam a assimilar uma a outra, fazendo do desejo feminino um desejo histérico. Coloca-se a questão: Existe a possibilidade de se diferenciar um outro percurso do erotismo feminino que não o histérico? O que corresponde à mulher efetivamente e o que corresponde à histérica e Freud o atribui à mulher? O discurso freudiano sobre o feminino não é homogêneo, se modifica ao longo de sua obra. Em 1932, na conferência sobre *A Feminilidade*, estes dois lugares parecem se confundir. O feminino e seu enigma correspondem, nesse texto, a uma condição histérica que concerne à subjetividade da mulher.

Se no modo de produção de conhecimento da psicanálise o sintoma é tomado como uma lente de aumento que permite enxergar a estrutura íntima de um funcionamento conflitivo, podemos nos perguntar se o fato de que, neste caso, se faça uma identificação do “feminino” com o “histérico” não constitui um sintoma da própria teoria que sinaliza um retorno, o da ideologia secularizante que estabelece a equivalência entre “histeria=útero=mulher”. (FUKS; ALONSO, 2014, p. 307)

Dessa maneira, far-se-ia recair sobre as mulheres alguns dos preconceitos desenvolvidos em relação à histeria. Como afirma Mannoni (1999):

[...] nem toda verdade deve ser dita, lembrando essa frase de André Green. E o que há de mais tentador para o homem do que lançar a palavra que não lhe convém para o lado da loucura, ou até mesmo rejeitar um discurso diferente declarando: “é uma histérica?” As histéricas, acrescenta-se imediatamente, “não sabem o que dizem”. (FUKS; ALONSO, 2014, p. 309)

Freud, em trabalhos anteriores, porém, havia conferido outras possibilidades para o erotismo feminino. Para além da saída de ter um filho, como representante e compensação da ausência do falo, Freud em 1917 alude a um regime de intercambialidade e troca dos objetos parciais quando anuncia a cadeia de equivalência simbólica entre ter falo – ter filho – ter presentes, entre outros. Isso implicaria, assim, processos de fluidez, transmutação ou transposição pulsional que levam a um desenvolvimento e expansão do erotismo feminino por vias que não se fixam necessariamente em um objeto e nem requerem o recalque como destino da pulsão.

A cadeia de equivalências simbólicas descrita pode ser vista, assim, como uma corrente de transmutações pulsionais que abre caminhos para o erotismo feminino, indo do narcisismo ao amor de objeto, da analidade à genitalidade, do possuir ao dar e receber, da inveja ao desejo, do autoerotismo ao mundo dos intercâmbios e das trocas ao prazer compartilhado e à reciprocidade. (FUKS; ALONSO, 2014, p. 312)

Quando a dimensão simbólica entra em jogo na ótica freudiana, há a abertura de caminhos distintos de simbolização para o feminino, o que faz com que os aspectos culturais ganhem protagonismo no processo de sexuação. Passam a existir outras saídas possíveis diante do horror da castração e da diferença dos sexos, que não somente a inveja do pênis e a obsessão pela sua posse. As crianças, por exemplo, elaboram uma série de teorias sexuais pra dar conta da angústia frente ao enigma da sexualidade, essas teorias vão se complexizando com o passar dos anos e formando um colchão imaginário, amortecedor do efeito traumático de tal percepção. Somente assim, vai se tornando possível o reconhecimento elaborativo de tal diferença.

O reconhecimento da diferença dos sexos na histeria pode gerar sintomas conversivos, em que o corpo expressa o traumático, no momento de agudização da angústia, põe-se em jogo o processo de produção dos sintomas: fracasso do recalque, retorno do reprimido, transformação do corpo em palco de encenação das fantasias. As fantasias referidas ao falo, à castração e à diferença dos sexos aparecem encenadas no corpo para serem lidas pelo outro-espectador, assim transfere-se dessa maneira para outro a responsabilidade frente à castração. Este poderá recusar, recalcar, ou aderir fetichisticamente aquilo que o histérico oferece, ou pode se dispor a uma leitura, uma escuta, a um deciframento, ou seja, a um acolhimento elaborativo.

Nos momentos de equilíbrio, o controle da angústia é feito por meio de traços caracterológicos: o corpo enfeitado, a conduta histriônica, a fala erotizada, a gestualidade sedutora, que operam um certo velamento da falta, fazendo presente algo da ordem perceptual que estimula o desejo e anula a angústia. Assim é articulada uma série de fetiches consensuais e “da moda”, induzindo a uma fascinação que põe em jogo operações em que predominam o recalque mais do que a recusa. (FUKS; ALONSO, 2014, p. 315)

A forma como a histeria se apresenta, assim, varia de acordo com o modo de produção de subjetividade de cada época. Quais seriam os fetiches consensuais, “da moda” na contemporaneidade? Será que a ideia de um ser completo, nem homem e nem mulher, ou tanto homem quanto mulher, não poderia estar por trás do apreço da nova geração pela posição bissexual, ou pela personalidade andrógina? Não seria essa posição uma tentativa de lidar com o horror da percepção da diferença dos sexos, com o traumático que tal situação suscita?

Vale uma ressalva, para finalizar esse capítulo, de que a aproximação da compreensão da feminilidade contemporânea à histeria freudiana não pretende conferir à primeira um caráter patológico. Tal caminho se fez necessário, como já justificado, pela aproximação que Freud faz entre esses dois temas. O intuito dessa dissertação é auxiliar nos movimentos de despatologização das diversas expressões da sexualidade feminina na contemporaneidade, atribuindo a elas a plasticidade inerente a cada indivíduo e a cada momento histórico/ cultural.

Se Dora (caso clássico de histeria da literatura psicanalítica) chegasse ao consultório de qualquer analista nos dias de hoje, a compreensão de seus sintomas se daria de forma completamente diferente do que fora feito por Freud. De verdade, a própria expressão e construção da cadeia sintomática já teriam outros formatos e possíveis outros caminhos pulsionais. Nesse sentido, acredito que a clínica psicanalítica, seus manejos e enquadres, se produzem concomitantemente à expressão sintomática de cada época, e essa é a riqueza de toda ciência que tem o ser humano como objeto de estudo, um objeto mutável, influenciado por seu contexto e que, assim, necessita de técnicas e escutas que acompanhem sua evolução.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero com esse trabalho ter proporcionado um espaço de reflexão sobre o tema da escolha não binária entre as adolescentes contemporâneas que, por sua vez, tem aparecido com frequência significativa entre as meninas da atual geração de jovens. Como fora dito anteriormente, não tinha como objetivo encontrar respostas conclusivas, mas sim problematizar a questão. Acredito que o cenário atual tem favorecido as diferentes expressões de sexualidade tanto para as meninas quanto para os meninos. Isso, ao meu ver, tem valor extremamente positivo, é fruto de conquistas de diversos movimentos de grupos minoritários e proporcionou um ambiente mais inclusivo e de acolhimento para a diversidade. Porém, em meio a tantas mudanças, me perguntei se o que vemos atualmente seria um movimento genuíno de maior liberdade sexual, ou um aprisionamento a novos ideais culturais? Ou seja, haveria a conquista de maior liberdade de fato, ou uma mudança de aprisionamento a novos imperativos?

Acredito que ambas as situações convivem no cenário atual. Muitas meninas parecem sentir desejo genuíno por ambos os sexos, porém tantas outras fazem experimentações bissexuais alienadas no desejo do outro, como forma de identificar-se com os amigos, ou com um grupo, e não em consonância com o seu próprio desejo, como foi mostrado em alguns casos clínicos da presente dissertação. Ou seja, voltamos ao terreno da singularidade e, nesse sentido, a psicanálise pode ser de enorme valia para ajudar as meninas que se sentem angustiadas na busca de sua escolha de objeto amoroso, uma vez que através de um processo bem conduzido, o sujeito pode sair dessa posição de alienação.

Observamos uma mudança na normatividade vigente, a bissexualidade vem ganhando protagonismo entre os jovens. Vale ressaltar que a noção de uma sexualidade saudável implica justamente que o sujeito não tenha que sucumbir às pressões da norma e possa vivenciar de forma autêntica e genuína o seu desejo. Se antes a norma impulsionava no sentido da escolha heterossexual, e tanto sofrimento foi causado aos que não correspondiam a essa expectativa, temos que tomar cuidado para não criar outra normatividade, pois assim estaria-se trocando os imperativos, porém perpetuando-se a dificuldade na convivência entre as diversidades no que tange às expressões sexuais.

Outro objetivo deste trabalho é somar-se ao movimento que visa despatologizar as diferentes expressões que desviem da heterossexualidade compulsória. Ou seja, encarar a bissexualidade entre as jovens meninas e meninos na contemporaneidade como parte de uma diversidade, de um movimento da geração que está acontecendo nos diferentes meios sociais,

nas diferentes escolas e, inclusive, nos diferentes países na atualidade, como aponta a pesquisa da Thompson. Porém, valem alguns cuidados como fora dito anteriormente: de que tal expressão seja um desejo genuíno e não consequência de tentativas da jovem se adaptar aos novos imperativos culturais, o que incorreria em uma alienação.

Também procurei refletir sobre o papel do psicanalista frente a todas essas transformações: como podemos ampliar nossa escuta e acolher experiências que foram tão diferentes de nossa própria história e, assim, promover um ambiente facilitador tanto para os próprios adolescentes, como para seus pais e educadores que, em sua maioria, se sentem angustiados quando deparam com essas questões.

Quando a temática da diversidade sexual surge nas conversas entre adultos, não é incomum que logo vire um debate ideológico, com pessoas opinando se isto estaria certo ou errado, dando vazão para radicalismos e lógicas competitivas de quem estaria com a razão. Foi deste lugar maniqueísta que procurei fugir, abrigando a complexidade da situação e suas possíveis contradições, pois acredito que diante desse contexto de rápidas transformações é natural que estranhamentos surjam. Nesse sentido proporcionar espaços para que esses mesmos sejam acolhidos e elaborados pode contribuir de forma significativa para a saúde mental de nossa sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência Normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Editora Artmed, 1970.
- ABRAHAM, N.; TOROK, M. **A Casca e o Núcleo**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.
- ALONSO, S.; FUKS, M. **Histeria**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2004.
- ALONSO, S. **O Tempo, a Escuta e o Feminino**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2010.
- ALONSO, S.; BREYTON, D. M.; ALBUQUERQUE, H. M. F. M. (Orgs.). **Interlocuções sobre o feminino na clínica, na teoria, a cultura**. São Paulo: Editora Escuta, 2008.
- ALONSO, S.; FUKS, M. Histeria e Erotismo Feminino. In: ALONSO, S.; GURFINKEL, A. C.; BREYTON, D. M. (Orgs.). **Figuras Clínicas do Feminino no mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Editora Escuta, 2014.
- ALONSO, S.; GURFINKEL, A. C.; BREYTON, D. M. (Orgs.). **Figuras Clínicas do Feminino no mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Editora Escuta, 2014.
- BIRMAN, J. **Cartografias do Feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- CALLIGARIS, C.; HOMEM, M. **Coisa de Menina?** São Paulo: Editora Papyrus 7 Marés, 2019.
- CASTELO, C. F. (Organizador) **Sobre o Feminino**: reflexões psicanalíticas. São Paulo: Editora Blucher, 2018.
- CEZAR, L. As novas formas de concepção e a produção de subjetividade: a propósito de um caso clínico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, vol. 41, n. 2, 2007, pp. 88-96.
- FAVILLI, M. A Metamorfose adolescente: uma nova relação corpo-mente. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, vol. 50, n. 2, (*in corpore*), 2016.
- FERNANDES, M. H. **Corpo**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2006.
- FERNANDES, M. H. **Transtornos Alimentares**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2006.
- FIGUEIREDO, L. C. **Revisitando as psicologias**: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo: Editora Vozes, 1991.
- FIORINI, L. Para uma desconstrução do feminino. Discursos, lógicas e poder: implicações teórico-clínicas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, vol. 53, n. 2, 2019.
- FLORENCE, J. As Identificações. In: ROITMAN, A. (Org.) **As Identificações na Clínica e na Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Editora Dumará, 1994.
- FORACCHI, M. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Editora Livraria Pioneira, 1972.

- FREIRE, J. C. **O Vestígio e a Aure-a**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. São Paulo: Editora Garamond, 2004.
- FREUD, S. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma histeria (o Caso Dora) e outros textos (1901-1905). *In*: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, S. (1910) Leonardo da Vinci. *In*: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1913) Totem e Tabu. *In*: FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1914) Introdução ao Narcisismo. *In*: FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923). *In*: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925). *In*: FREUD, S. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. O Mal-estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias da Psicanálise e Outros Textos (1930-1936). *In*: FREUD, S. **Obras Completas**. Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. Amor, Sexualidade e Feminilidade. *In*: FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.
- HARRIS, ADRIENNE. Fluidez de gênero e gênero como força interpelativa, discussão com Jaqueline Rose. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, vol. 53, n. 2, 2019.
- KAHALE, E.P.; ANDRIANI, A. G. P. Constituição Histórica da Psicologia como Ciência *In*: A Diversidade da Psicologia: Uma Construção Teórica. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- KRISTEVA, J. **Prelúdio de uma ética do feminino**, texto de abertura do congresso mundial da IPA, 2019. Disponível em: <http://www.fepal.org/preludio-de-uma-etica-do-feminino-por-julia-kristeva-apresentado-na-abertura-do-congresso-da-ipa/>. Acesso em: 27 set. 2020.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.
- MANNONI, M. A Desidentificação. *In*: ROITMAN, A. (Org.). **As Identificações na Clínica e na Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Editora Dumará, 1994.
- MATHEUS, T. C. **Adolescência**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2013.
- MIGUELEZ, N. B. S. de. Complexo de Édipo, hoje? Tese de Doutorado, PUC SP, São Paulo, 2007.

NAFFAH, N. A. A Pesquisa Psicanalítica. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, vol. 39, n. 70, jun. 2006.

NEUBERN, M. S. Três Obstáculos Epistemológicos Para o Reconhecimento da Subjetividade na Psicologia Clínica. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 2001, pp. 241-252.

SCARFONE, D. O feminino, o analista e o teórico infantil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, vol. 53, n. 2, 2019.

ANEXO A – Reportagem da agência Thompson da Inglaterra (21/08/2015)

Título: 1 in 2 UK youth aren't 100% heterosexual

Subtítulo: Half of UK young people don't identify as 100% heterosexual, according to new YouGov research

Autora: Hallie Steiner, 21 August 2015

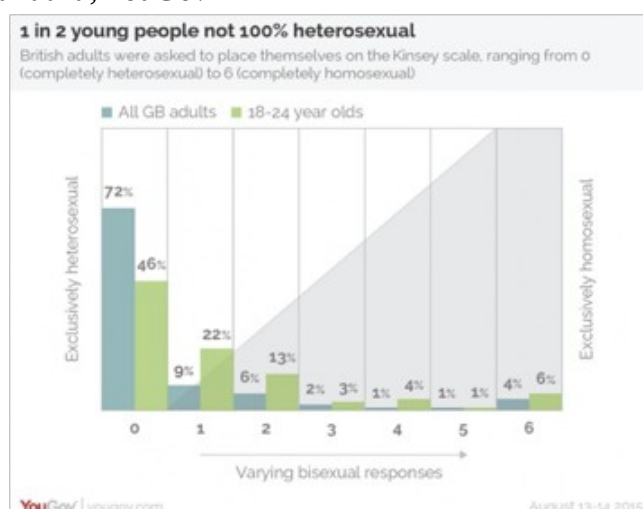
Half of young people in the UK don't identify as 100% heterosexual, according to new research from British firm YouGov. Among 18- to 24-year-olds, 46% said they were fully heterosexual, 6% said fully homosexual, and 43% placed themselves somewhere in the middle of the spectrum.

The company asked 1,632 people to place themselves somewhere on the Kinsey scale—a spectrum of sexuality developed by the researcher Alfred Kinsey in the 1940s—with 0 being exclusively heterosexual and 6 being exclusively homosexual. Among respondents of all ages, 72% considered themselves completely heterosexual, 4% completely homosexual, and 19% somewhere in the middle.

This move away from binaries, particularly among millennials and generation Z, speaks to what we're already seeing in popular culture. Gen Z icons Cara Delevingne and Miley Cyrus have both become faces for LGBT rights, with Delevingne staunchly defending her bisexuality and Cyrus describing herself as gender fluid. Meanwhile our own research found that 81% of US and UK generation Zers don't think gender defines a person as much as it used to, and 82% said they don't care about sexual orientation.

Overall, YouGov notes that bisexuality and homosexuality are not necessarily becoming the norm (89% of poll respondents still described themselves as heterosexual), but “more than anything, it indicates an increasingly open-minded approach to sexuality.”

Image sources: The Standard, YouGov



-

ANEXO B – Pesquisa de mercado da agência Thompson na íntegra

YouGov Survey Results

Sample Size: 1432 GB Adults
Fieldwork: 12th - 14th August 2015

YouGov
What the world thinks

	Vote in 2015				Gender		Age				Social Grade		Region					
	Total	Con	Lab	Lib Dem	UKIP	Men	Female	18-24	25-34	35-44	45-54	ABC1	C2DE	London	Rest of South	Midlands/Wales	North	Scotland
Weighted Sample	1432	355	457	114	194	722	540	194	413	555	467	535	722	255	530	343	467	142
Unweighted Sample	1110	423	458	122	157	553	410	173	374	493	320	423	423	157	374	258	320	110

Which of the following best describes your sexuality?

Heterosexual	89	88	89	86	92	89	93	83	81	91	86	86	91	84	90	86	89	93
Gay or lesbian	8	7	4	7	3	10	2	10	11	4	1	8	3	8	5	7	5	3
Bisexual	2	2	2	2	1	2	2	2	4	2	1	2	2	4	3	1	2	0
Other	1	0	0	2	0	1	1	2	1	1	0	1	1	0	1	0	1	0
Prefer not to say	0	2	4	3	0	3	3	2	3	2	3	3	3	4	2	3	3	4

Please try to place your sexuality on a scale of 0 to 5, where 0 is completely heterosexual and 5 is completely homosexual (i.e. gay or lesbian).

0 - completely heterosexual	72	73	71	65	80	68	76	46	58	78	66	68	78	62	72	72	75	78
1	8	8	11	18	6	11	6	22	13	7	4	11	7	13	11	9	7	6
2	8	5	4	3	3	5	7	13	10	5	1	7	9	10	5	6	5	6
3	2	2	3	1	2	2	2	3	3	2	1	2	2	3	3	1	2	3
4	1	2	0	2	0	1	1	4	1	1	0	1	0	1	1	1	1	0
5	1	2	2	1	0	2	1	2	1	1	0	1	1	3	1	1	1	1
0 - completely homosexual (i.e. gay or lesbian)	4	6	3	0	2	8	1	6	9	3	1	7	1	1	4	0	4	3
No sexuality	1	1	1	2	1	0	2	1	1	1	1	0	2	1	1	0	2	0
Don't know	3	2	3	1	2	3	3	3	3	2	2	2	3	3	1	4	2	3

Thinking about sexuality, which of the following comes closer to your view?

There's no middle ground - you are either heterosexual or homosexual

27	29	24	17	36	26	34	16	33	36	32	24	30	25	27	26	27	26
----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

Sexuality is a scale - it is possible to be somewhere near the middle

49	50	54	71	47	51	41	74	66	59	53	45	54	67	62	62	56	55
----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

Don't know

18	12	12	12	15	10	15	8	12	13	15	10	16	8	11	12	16	17
----	----	----	----	----	----	----	---	----	----	----	----	----	---	----	----	----	----

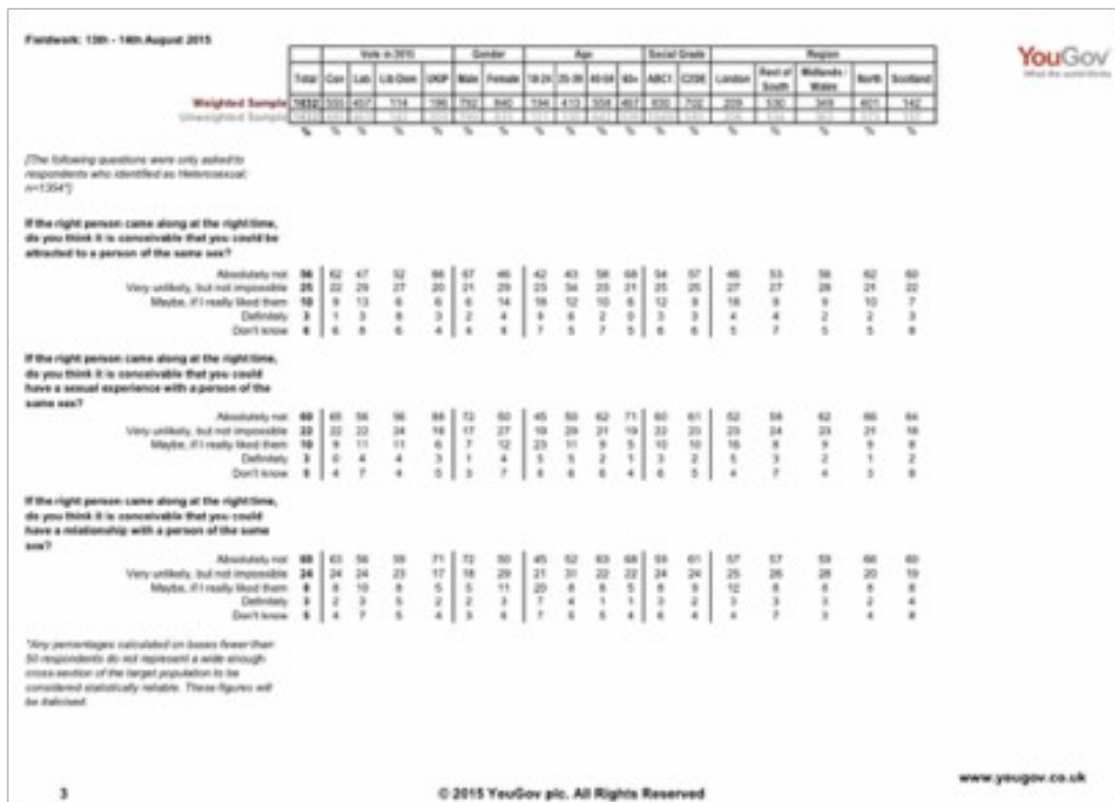
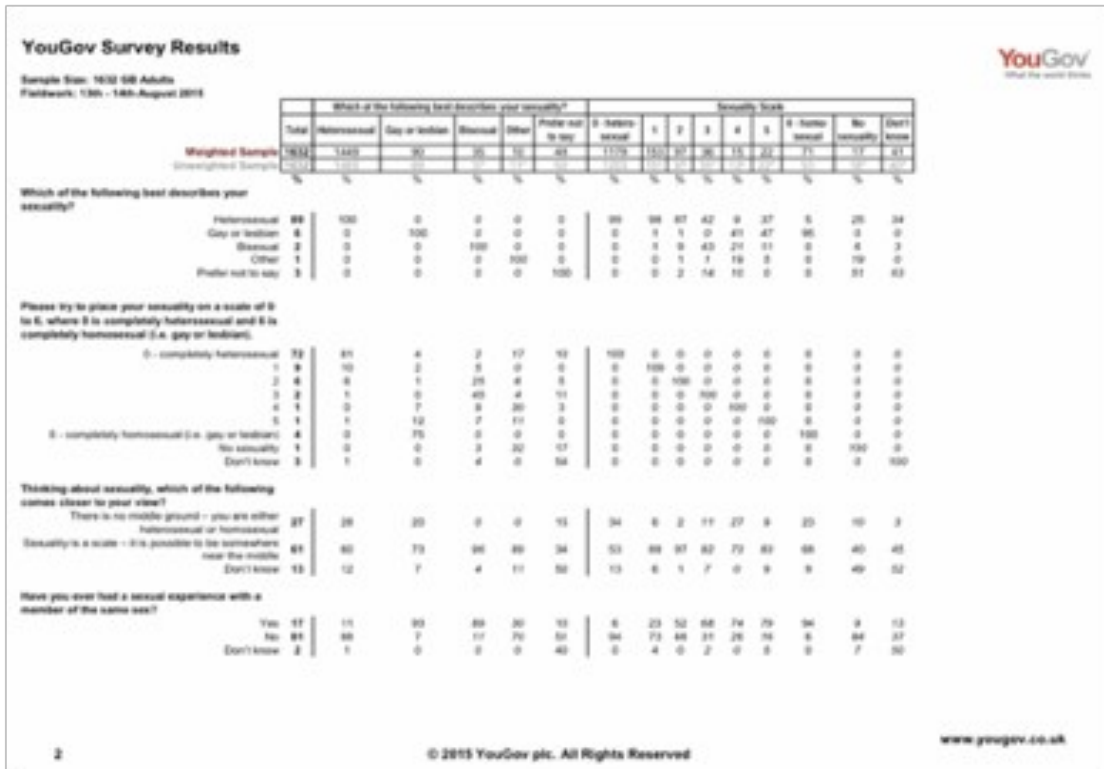
Have you ever had a sexual experience with a member of the same sex?

Yes	17	17	19	14	16	20	14	23	27	14	9	21	13	24	19	17	13	13
No	81	81	80	83	83	78	84	74	71	83	90	78	80	73	79	82	85	85
Don't know	0	1	2	3	2	2	2	3	2	2	2	2	3	3	2	1	2	3

1

© 2015 YouGov plc. All Rights Reserved

www.yougov.co.uk



Fieldwork: 13th - 14th August 2015

YouGov
WHAT WE KNOW

Total	Which of the following best describes your sexuality?					Sexuality Scale									
	Heterosexual	Gay or lesbian	Bisexual	Other	Prefer not to say	1 - hetero- sexual	1	2	3	4	5	6 - homo- sexual	No response	Don't know	
Weighted Sample 12,114	1,443	30	35	13	45	1,179	153	97	35	11	22	73	17	41	
Unweighted Sample	1,443	30	35	13	45	1,179	153	97	35	11	22	73	17	41	
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	

(The following questions were only asked to respondents who identified as Heterosexual (n=1,254*)

If the right person came along at the right time, do you think it is conceivable that you could be attracted to a person of the same sex?

Absolutely not	56	56	0	0	0	0	66	15	1	15	0	0	55	0	17
Very unlikely, but not impossible	25	25	0	0	0	0	22	49	27	9	0	52	0	43	8
Maybe, if I really liked them	18	10	0	0	0	0	5	21	56	15	50	25	45	24	8
Definitely	3	3	0	0	0	0	1	7	12	53	50	0	0	0	22
Don't know	6	6	0	0	0	0	6	8	3	7	0	29	0	12	28

If the right person came along at the right time, do you think it is conceivable that you could have a sexual experience with a person of the same sex?

Absolutely not	68	60	0	0	0	0	71	21	1	15	0	0	37	0	17
Very unlikely, but not impossible	22	22	0	0	0	0	19	45	29	9	50	52	69	53	8
Maybe, if I really liked them	10	10	0	0	0	0	4	19	57	47	0	25	0	24	8
Definitely	3	3	0	0	0	0	1	7	11	22	50	0	0	0	15
Don't know	5	5	0	0	0	0	5	9	3	7	0	29	0	12	30

If the right person came along at the right time, do you think it is conceivable that you could have a relationship with a person of the same sex?

Absolutely not	68	60	0	0	0	0	69	30	5	15	0	0	37	0	17
Very unlikely, but not impossible	24	24	0	0	0	0	21	34	45	17	0	41	20	68	14
Maybe, if I really liked them	8	8	0	0	0	0	4	19	30	30	50	25	50	0	8
Definitely	3	3	0	0	0	0	1	4	10	17	50	11	0	0	15
Don't know	5	5	0	0	0	0	4	8	3	7	0	29	0	12	28

*Key percentages calculated on bases fewer than 50 respondents do not represent a wide enough cross-section of the target population to be considered statistically reliable. These figures will be deleted.

4

© 2015 YouGov plc. All Rights Reserved

www.yougov.co.uk

ANEXO C – Reportagem do jornal O Estado de São Paulo (03/06/2016)

Título: Ser bissexual é uma tendência para o futuro?

ANITA EFRAIM – ESPECIAL PARA O ESTADO DE S. PAULO

É comum que pessoas que sentem atração por mais de um sexo sejam vistas como ‘indecisas’ e ‘libidinosas’. A bissexualidade é um tema que está cada vez mais em pauta e isso se deve ao fato de que o número de pessoas que se identifica com essa sexualidade aumentou. De acordo com uma pesquisa feita pela J. Walter Thompson, 65% da geração Y (pessoas entre 21 e 30 anos) se identifica como heterossexual, contra 48% da geração Z (13 e 20 anos). A porcentagem de homossexuais continuou a mesma (6%). A mudança está no número de pessoas que afirmam ter algum grau de bissexualidade. Será que essa é uma tendência para o futuro?

“A bissexualidade, enquanto desejo e comportamento sexuais com pessoas independente do sexo genital é comum em toda a história do ser humano. Graus intermediários e diferentes de bissexualidade já foram demonstrados em pesquisas das décadas de 1930 e 1940, embora muitos tendam a deixar estes conhecimentos históricos de lado”, explica o psicólogo Oswaldo Rodrigues Jr., diretor do Instituto Paulista de Sexualidade.

Para ele, o crescimento de pessoas com algum grau de bissexualidade entre as gerações Y e Z não necessariamente representa um crescimento das pessoas que são, efetivamente, bissexuais.

“Um dos fatores coerentes com este aumento é a percepção de que se pode ou até se deve experimentar mais as vivências sexuais, portanto, muitos podem se encontrar num rótulo bissexual neste momento, porém, podem mudar daqui a 5 ou 10 anos”, opina. Na pesquisa, 60% dos entrevistados da geração Z acham que as pessoas exploram mais sua sexualidade hoje, 7% a mais do que a geração Y.

Na opinião do psicólogo, “não se trata de uma mudança de comportamento das mesmas pessoas, mas de grupos etários diferentes, que estiveram expostos a formas diferentes de informações e conceitos”.

Preconceito. A estudante Cláudia Piazza Costa, 21 anos, é bissexual e afirma que existem duas grandes vertentes de intolerância com essa sexualidade: serem indecisos e libidinosos.

“Por alguns anos, ainda ouvi: 'você já decidiu se gosta de homens ou mulheres?'. Não era uma pergunta feita na malícia, ou pra me machucar necessariamente. Era apenas que eles [amigos e família] não entendiam direito a bissexualidade. Hoje entendem e aceitam tranquilamente e não temos mais problemas com isso”, relata.

Luiz Filipe Motta, 22 anos, concorda que são os dois aspectos os maiores focos do preconceito com bissexuais. “Sempre me pergunto: a quem diz respeito, além de mim, se eu for sexualmente indeciso ou tiver muitos parceiros? Por que é algo visto como ruim? Como afeta quem não se relaciona sexualmente comigo, a não ser atingindo o âmago dos seus preconceitos, ou reforçando-os? Eu acho que é direito de cada um ser como é, e não vou deixar de ser quem sou só para contrariar um clichê criado por gente preconceituosa.”

Sobre a falsa ideia de que bissexuais são pessoas indecisas, o psicólogo é incisivo: “Não é uma fase de transição. Nunca foi. E para os que se identificam assim nunca será uma transição. O bissexual não é um homossexual que não saiu do armário. O bissexual é bissexual.”

Descoberta e aceitação. Tanto para Cláudia quanto para Luiz Filipe a descoberta da bissexualidade aconteceu de forma natural. “Acredito que me descobri bissexual mesmo quando passei a conhecer mais sobre o movimento e entender minha própria sexualidade - até porque antes da adolescência, não pensava nisso. Eu só era bem aberta em falar quem eu achava que era bonito, mesmo que fosse uma menina”, lembra a estudante.

Para Luiz Filipe, sempre houve uma suspeita de que não se interessava apenas por mulheres que, depois, foi confirmada na prática. “Fui percebendo que eu realmente tinha uma atração sexual pelo masculino também. Até que um dia, numa festa de uma amiga, decidi que era hora de provar um beijo e ver o que eu sentia ‘ao vivo’. E não deu outra: gostei desse outro lado”, relata.

Há uma diferença entre a percepção da bissexualidade entre homens e mulheres. Cláudia nota que há mais mulheres que se assumem do que homens, e que isso acontece por causa do machismo. “Homens bissexuais frequentemente são lidos como ‘gays enrustidos’, que não querem assumir que são gays e usam a bissexualidade para se esconderem, ao contrário de mulheres que são lidas como aventureiras e que estão passando por uma fase antes de se casarem com um homem”, interpreta.

“É como se, ao beijar outro homem, o homem perdesse a masculinidade, que é encarada por uma fatia da sociedade como algo essencial para se gostar de mulheres (a mesma fatia que restringe sua percepção de lésbicas às masculinizadas). Então, há um certo confinamento dos bissexuais”, complementa Luiz Filipe.

Representatividade. É comum que os bissexuais se sintam pouco representados dentro da comunidade LGBT. Oswaldo afirma que eles ainda se sentem excluídos, especialmente por causa das acusações de serem “indecisos”. Luiz Filipe concorda com a análise e diz que quem se identifica com essa sexualidade é, no máximo, abrigado.

“Representação inclui criar ídolos de fácil identificação, inclui tornar uma possibilidade, inclui buscar segurança social para essas pessoas, inclui correr atrás de políticas específicas para esse público e, principalmente, incluir ter valores que sejam saudáveis para esse grupo. E nada disso tem sido interesse da comunidade LGBT, já há muitos anos”, opina.

Futuro. Para Cláudia, o movimento para o futuro é que os rótulos de sexualidade deixarão de ser necessários. “No fim, acredito que a liberdade é a sexualidade do futuro, onde todos serão como querem, terão as experiências que querem e não serão julgados e reprimidos por isso”, diz.

Luiz Filipe acredita que, no futuro, a tendência é assumir a própria bissexualidade. “A medida que vamos tendo círculos mais amistosos aos ‘bis’, onde as consequências sociais sejam amenizadas em meio a uma recepção mais amorosa, e principalmente à medida que os ‘bis’ vão se empoderando e se assumindo e, com isso, ganhando representatividade, acho que mais ‘bis’ tenderão a se assumir e batalhar para viver sua vida e sua orientação sexual de forma digna e completa”.

ANEXO D – Reportagem de Ciência da Veja São Paulo (12/02/2016)

Título: Amigues para sempre

Por Fernanda Allegretti. Atualizado em 9 Maio 2016, 14h45 – Publicado em 12 fev. 2016, 21h08

Nunca ouviu falar em gênero neutro? Aquele que faz com que certas palavras terminem em “e” para suprimir os artigos masculino e feminino? E “sexualidade fluida”, sabe o que é? Tem ideia da porcentagem de jovens brasileiros que dizem já ter se relacionado com homens e mulheres? Bem-vindo ao admirável mundo novo da geração Z, onde diversidade e tolerância são as palavras de ordem.

Se voltassem hoje ao mundo dos vivos, o escritor Álvares de Azevedo, o poeta Manuel Bandeira e o ex-presidente Floriano Peixoto estranhariam muitas coisas. E uma delas seria o cabeçalho da prova de biologia aplicada no ano passado no colégio em que eles estudaram, o Pedro II, no Rio de Janeiro, o terceiro mais antigo em atividade no Brasil. Ao lado do campo a ser preenchido com o nome de cada estudante, a prova trazia a palavra *alunx*, em vez de “aluno” ou “aluna”. Todos na classe conheciam o significado daquele *xis*. Em mensagens trocadas nas redes sociais, jovens e adolescentes usam a letra, assim como o “e”, para suprimir a identificação masculina ou feminina em palavras como “amigx” ou “queridx” – na versão com “e”, mais pronunciável, “amigue” ou “queride”. É o chamado gênero neutro, utilizado basicamente em duas situações: a pedido, quando o outro diz que quer ser tratado assim, ou por iniciativa de quem escreve – e prefere não cravar se o destinatário é homem, mulher, e assim por diante. Assim por diante?

Desconectados, desligados e recém-chegados da Coreia do Norte: ao menos para a geração pós-millennium – também chamada de geração Z ou geração *touch* –, o número de gêneros já passou de dois faz tempo. No Brasil, o Facebook acrescentou, em março passado, no espaço destinado à identificação do usuário, dezessete novas opções de gênero, além do masculino e feminino. Nos Estados Unidos são mais de cinquenta. A lista inclui *cross gender*, sem gênero e ainda uma alternativa para personalizar a resposta.

Para esses jovens na faixa de 15 anos, crescidos no universo digital, nunca foi tão normal ser diferente. Os adultos, ligeiramente atordoados, tentam acompanhar o ritmo das

mudanças. Em colégios de grandes cidades brasileiras, discutir a diversidade de gênero virou assunto obrigatório. A aula magna do Pedro II deste ano foi sobre o tema. No Bandeirantes, em São Paulo, um grupo de discussão batizado de Bandiversidade reúne alunos para falar sobre homossexualidade, bissexualidade e pansexualidade. Já esquentaram os debates tópicos como as diferenças entre transgênero, transexual e *drag queen* (transgênero: termo mais abrangente usado para designar pessoas que não se identificam com o sexo de seu nascimento, mas não necessariamente se identificam com o sexo oposto; transexuais: sentem-se pertencentes ao gênero oposto; *drag queen*: indivíduo do sexo masculino que, em performances quase sempre profissionais, se fantasia de mulher, podendo ser homossexual, bissexual ou heterossexual. Parece complicado? Bem, ninguém disse que era simples).

A “novilíngua” das redes e a onipresença nas escolas do tema da vez podem não durar mais que alguns verões, mas o que elas sinalizam veio para ficar. Não é exagero afirmar que uma importante mudança geracional está em curso. Dados de um levantamento da agência de publicidade J. Walter Thompson mostram que 76% dos jovens brasileiros não dão importância à orientação sexual dos outros e 82% concordam que as pessoas devem explorar mais a própria sexualidade. A J. Walter Thompson ouviu 1.500 pessoas entre 12 e 19 anos no Brasil, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Outra pesquisa, coordenada pela psicóloga Luciana Mutti, em Porto Alegre, revelou que 20% dos adolescentes entrevistados já haviam tido relações com pessoas de ambos os sexos. A pesquisa foi feita com 400 jovens de 13 a 18 anos na capital gaúcha.

Trata-se de uma mudança e tanto. Basta lembrar que, até 1990, a Organização Mundial da Saúde classificava a homossexualidade como distúrbio mental. Em 12 de maio de 1993, um levantamento do Ibope sobre o tema foi capa de VEJA. No Brasil de então, 79% dos entrevistados afirmaram que não aceitariam que seu filho saísse com um amigo gay; 62% declararam que um pai deveria tentar convencer seu filho a mudar de condição se descobrisse que ele é homossexual; 56% responderam que alterariam sua conduta com um colega se soubessem que ele é homossexual; 45% trocariam de médico pelo mesmo motivo; 36% deixariam de empregar um candidato com esse perfil, ainda que fosse o mais qualificado; e 58% se disseram contrários à adoção de uma criança por um casal gay.

Para Sam Bourcier, professor da Universidade de Lille, na França, o modelo binário (dois sexos, dois gêneros) acabou. Bourcier é um dos mais respeitados porta-vozes da chamada teoria *queer*. Nasceu mulher, mas não se identifica com nenhum gênero, razão pela qual adotou nome masculino, que apresenta junto com o original, Marie Hélène. O termo

queer é uma apropriação da gíria inglesa que significa “estranho”, “esquisito” e que originalmente era usada para se referir jocosamente a homossexuais. Festejadíssima pela geração Z, a teoria sustenta que a sexualidade é fluida e que as preferências nessa área podem mudar ao longo da vida. Um indivíduo do sexo masculino, por exemplo, pode passar boa parte da existência sentindo-se atraído por outros indivíduos do sexo masculino e mais tarde mudar de ideia – o que não necessariamente quer dizer que começará a gostar de mulheres. “Há muitas outras possibilidades de gênero e sexo além daquelas que foram apontadas no nascimento”, diz Bourcier.